

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Luana Giuliani Losekann**

**SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE  
AGUDO/RS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Santa Maria, RS  
2022**



**Luana Giuliani Losekann**

**SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE  
AGUDO/RS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes

**Santa Maria, RS**

**2022**

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Losekann, Luana Giuliani  
SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE  
AGUDO/RS EM TEMPOS DE PANDEMIA / Luana Giuliani  
Losekann.- 2022.  
149 p.; 30 cm

Orientadora: Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2022

1. Pandemia. 2. COVID 19. 3. Reorganização do Ensino  
da Educação Infantil. 4. Tempos e Espaços. 5. Teoria  
Histórico-Cultural. I. Lopes , Anemari Roesler Luersen  
Vieira II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LUANA GIULIANI LOSEKANN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.



**Luana Giuliani Losekann**

**SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS EM  
TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

**Aprovado em 26 de abril de 2022:**

---

**Prof. Dra. Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Prof. Dr. Antonio Mauricio Medeiros Alves (UFPEL)**  
(Banca)

---

**Prof. Dra. Laura Pippi Fraga (SMED)**  
(Banca)

---

**Prof. Dra. Helenise Sangoi Antunes (UFSM)**  
(Suplente)

Santa Maria, RS  
2022



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a mim, por ir atrás dos meus sonhos, errar e reconhecer o erro, acertar e buscar me aperfeiçoar ainda mais e nunca desistir, por mais desafiador que tenha sido.

Aos meus pais, Carlos e Clandira, obrigada por me apoiarem nas escolhas, incentivarem nos estudos e estarem do meu lado sempre. Família é a base de tudo, amo vocês!

Ao meu irmão, Juliano, Juba ou Juju, independente das brigas bobas, o carinho e amor são imensos, recíprocos e verdadeiros.

À minha tia Laci ou mama Laci, que além de tia, foi sujeita desta pesquisa. Obrigada por estar do meu lado sempre, por aceitar ser entrevistada e por tanto carinho e amor.

Aos meus queridos dindos Ana e Wilson, que partiram para um lugar melhor, mas as lembranças boas permanecerão para sempre em minha vida. Saudades eternas!

À Professora Anemari, minha orientadora. Obrigada pelas orientações, conversas, estudos e por me proporcionar esse mestrado, despertando confiança em mim. Cada orientação era sinônimo de leveza, alívio, pois, conversar contigo é sempre muito bom, transmite energias boas e por mais difícil que foi o processo de escrita da dissertação sempre achava uma solução e um motivo para que ficasse calma. Imensa gratidão por não desistir de mim!

Ao professor Antônio Mauricio, por ter aceitado o convite de ser banca desta singela pesquisa com suas ricas contribuições.

À Professora Laura, que, por mais uma vez, pudemos estar juntas compartilhando saberes e enriquecendo esta pesquisa com grandes contribuições.

Ao meu querido grupo, GEPEMat e a todas as pessoas de que nele fazem parte, muita gratidão! Obrigada por cada troca, aprendizagem, experiência e carinho. O grupo de pesquisa que transborda conhecimentos, coletividade e amor.

À Ana Luiza, minha dupla da universidade com quem o curso de matemática me presenteou. Uma colega e grande amiga, que levarei para sempre em meu coração! Tu foste minha inspiração e meu orgulho. Obrigada por cada momento vivido ao teu lado.



À Thanize, que sempre me ajudou nas tarefas e estudos, que nunca desistiu de mim, transmitindo força quando achava que não ia dar conta. Obrigada por tanto carinho e paciência.

À Carine, uma pessoa iluminada que transborda amor pelo que desenvolve. Obrigada por tudo e por tanto!

À Maiara, por cada momento vivenciado nesses anos de universidade e por nos aproximar ainda mais nesses últimos anos. Nossas histórias só são nossas, e: “é sobre isso e tá tudo bem”!

À Ana Luiza, Andresa, Anemari, Camila, Carine, Caroline, Cíntia, Gabriela, Iasmim, Jenifer, Maiara, Tanira e Thanize, por esse coletivo lindo, que transborda sentimentos bons quando nos reunimos às quartas de noite. Sou grata por vocês e por todos momentos que vivenciamos. Foi a partir dessa união que cheguei até aqui, com muito estudo, trocas e muita reciprocidade. Nessa pesquisa, cada uma de vocês plantou uma sementinha para que florescesse uma dissertação.

Às minhas amigas de infância, Janifer e Tainá, imensa gratidão por nunca deixarem essa amizade acabar. Brincamos, crescemos juntas, compartilhamos momentos únicos em nossa adolescência e agora na vida adulta segue do mesmo jeito... que é essa amizade perdure por toda nossa vida.

À Ana, minha cunhada linda, seu jeito doce e leve de levar a vida me inspira sempre.

À dupla Laura e Nayara, por estarem sempre ao meu lado, vivenciando momentos de alegria e trocas. Amigas 123, vocês são mais que demais!!!

À Helen, por ser esse livro aberto e permitir que eu a conhecesse ainda mais nesses últimos anos. Obrigada por cada momento partilhado.

Aos meus amigos da Várzea, ou nata da Várzea, gratidão por todos momentos de lazer e diversão, obrigada por me proporcionarem belas lembranças.

A Deus, por no tempo certo sempre iluminar e mostrar o caminho a ser seguido. A gratidão sempre estará em minhas orações.

À CAPES pela concessão de bolsa para o desenvolvimento da pesquisa.

À prefeitura de Agudo, em especial na pessoa da então Secretária de Educação, por abrir portas para desenvolver esta pesquisa e assim, conseguir concretizá-la.

Aos sujeitos desta pesquisa, Bruno Gehrke e Zeni Unfer, obrigada por aceitarem participar e nos proporcionar tanto conhecimento referente ao nosso município, Agudo.

Às quatro professoras de Educação Infantil, sujeitas dessa pesquisa. Obrigada por serem tão prestativas e pacientes nos momentos de conversas e trocas. Em vocês, me inspiro diariamente.

Obrigada, obrigada e obrigada! A todas as pessoas que se fizeram presentes nessa minha trajetória acadêmica e pessoal, que acima de tudo torceram para que o melhor acontecesse: a vocês, minha gratidão!



## RESUMO

### SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS EM TEMPOS DE PANDEMIA

AUTOR (A): Luana Giuliani Losekann  
ORIENTADOR (A): Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes

Esta dissertação, que tem como objetivo *compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus Tempos e Espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras*, refere-se a uma pesquisa vinculada à Linha de Pesquisa Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para contemplar esse objetivo, foram adotados os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural (THC) e, mais especificamente, a Teoria da Atividade (TA). Ao entender que o professor se constitui nas relações que estabelece, também se compreende a importância de conhecer o seu trabalho como docente de Educação Infantil, juntamente com as crianças. Contudo, considerando que 2020 foi um ano pandêmico, em que se precisou obedecer a uma série de restrições sanitárias para evitar o contágio da COVID 19, doença causada pelo novo Coronavírus, (SARS-CoV-2), que se espalhou pelo mundo todo, infectando milhões de pessoas, os espaços escolares das crianças e dos professores foram diferentes, os modos de ensinar e aprender tiveram de ser reconfigurados, resultando em um ensino não presencial. Nesse contexto, foi desenvolvido este estudo, traçando três ações investigativas: conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente; identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia; compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebiam a organização do ensino remoto, em momentos de novos espaços e tempos. Para contemplá-las, a investigação desenvolveu-se em três etapas: pesquisa bibliográfica e entrevista a antigos moradores de Agudo; entrevista com a secretária da educação do município; entrevista com quatro professoras de Educação Infantil do município. Os dados colhidos permitem identificar que as primeiras escolas do município eram organizadas pelos próprios pais e que, com o tempo, a rede pública se expandiu, em especial a partir da emancipação do município, sendo que, atualmente na cidade, só existem escolas públicas de Educação Infantil. O contexto pandêmico foi um momento marcante para a Secretaria de Educação do município, que teve o desafio de orientar a reconfiguração da rede, tendo, em especial, a meta de que os professores não perdessem o contato com os estudantes. Em relação ao trabalho pedagógico, para as professoras: o momento inicial foi impactante e desorientador; a nova organização deu-se por meio de aulas remotas, mas que nem sempre foram acompanhadas pelos alunos principalmente pela falta de recursos tecnológicos e despreparo em manuseá-los; a relação com as crianças e a aprendizagem não foi eficaz e foi difícil conscientizar os pais da importância de manter o contato com a escola; os tempos e os espaços inerentes à Educação Infantil nem sempre foram atendidos, já que estes se constituíam fora da escola; a sensação de medo e insegurança se fez muito presente. Em sendo assim, conclui-se que o período das aulas não presenciais reforçou a importância da escola como o espaço especial para aprender, revelando que nenhum trabalho remoto substitui a relação presencial e, principalmente, a interação humana.

**Palavras-chave:** Pandemia. COVID 19. Reorganização do Ensino da Educação Infantil. Tempos e Espaços. Teoria Histórico-Cultural. Educação no município de Agudo.



## ABSTRACT

### BEING A CHILD EDUCATION TEACHER IN THE MUNICIPALITY OF AGUDO/RS IN PANDEMIC TIMES

AUTHOR: LUANA GIULIANI LOSEKANN  
ADVISOR: ANEMARI ROESLER LUERSEN VIEIRA LOPES

This dissertation, which aims to understand the reorganization of pedagogical work in Early Childhood Education in the municipality of Agudo (RS), in its Times and Spaces, considering the context of the pandemic in 2020, from the teachers' perceptions, refers to a research linked to the Research Line Teaching, Knowledge and Professional Development, of the Graduate Program in Education of the Federal University of Santa Maria (UFSM). To contemplate this objective, the assumptions of the Historical-Cultural Theory (THC) were adopted, and, more specifically, Activity Theory (AT). By understanding that the teacher is constituted in the relationships he establishes, it is also understood the importance of knowing his work as a teacher of Early Childhood Education, together with the children. However, considering that 2020 was a pandemic year, in which a series of health restrictions had to be obeyed to avoid the contagion of COVID 19, a disease caused by the new Coronavirus, (SARS-CoV-2), which has spread throughout the world, infecting millions of people, the school spaces of children and teachers were different, the ways of teaching and learning had to be reconfigured, resulting in non-face-to-face teaching. In this context, this study was developed, outlining three investigative actions: knowing how education in the municipality of Agudo was historically constituted; identify actions triggered by the Secretary of Education of Agudo in the face of the pandemic situation; understand how Early Childhood teachers in the municipality of Agudo perceived the organization of remote teaching, in moments of new spaces and times. To contemplate them, the investigation was developed in three stages: bibliographic research and interview with former residents of Agudo; interview with the municipal education secretary; interview with four teachers of Early Childhood Education in the municipality. The data collected allow us to identify that the first schools in the municipality were organized by the parents themselves and that, over time, the public network expanded, especially from the emancipation of the municipality, and currently in the city, there are only public schools of Child education. The pandemic context was a remarkable moment for the Municipal Department of Education, which had the challenge of guiding the reconfiguration of the network, especially with the goal of ensuring that teachers did not lose contact with students. Regarding the pedagogical work, for the teachers: the initial moment was shocking and disorienting; the new organization took place through remote classes, but which were not always accompanied by students, mainly due to the lack of technological resources and lack of preparation in handling them; the relationship with children and learning was not effective and it was difficult to make parents aware of the importance of keeping in touch with the school; the times and spaces inherent to Early Childhood Education were not always met, since they were constituted outside the school; the feeling of fear and insecurity was very present. In this way, it is concluded that the period of non-face-to-face classes reinforced the importance of the school as a special space for learning, revealing that no remote work replaces the face-to-face relationship and, above all, human interaction.

**Keywords:** Pandemic. COVID 19. Reorganization of Early Childhood Education. Times and Spaces. Historical-Cultural Theory. Education in the municipality of Agudo.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul e cidade de Agudo .....	42
Figura 2: Localização das Sete Missões Jesuíticas .....	43
Figura 3: Ruínas das reduções jesuíticas de São Miguel.....	43
Figura 4: Monumento ao Imigrante .....	44
Figura 5: Municípios que faziam parte da Colônia de Santo Ângelo .....	45
Figura 6: Registro fotográfico da escola Paraíso da Criança em rifa de páscoa, realizada em 12 de abril de 1995 .....	52
Figura 7: Primeiros encaminhamentos.....	68
Figura 8: Organização.....	76
Figura 9: Os desafios .....	85
Figura 10: Relação com a criança.....	93
Figura 11: Tempos e Espaços.....	101
Figura 12: Retorno ao presencial .....	107
Figura 13: Sentimentos .....	111
Figura 14: Síntese do capítulo 6.....	114





## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descritores utilizados e resultados de pesquisas encontradas	33
Quadro 2: Pesquisas que se aproximam do tema da nossa investigação	33
Quadro 3: Pesquisas selecionadas	34
Quadro 4: Dissertações do ano de 2014	35
Quadro 5: Dissertações do ano de 2015	39
Quadro 6: Dissertações do ano de 2016	29
Quadro 7: Desenvolvimento da Pesquisa	41
Quadro 8: Sujeitos de pesquisa para a elaboração da Unidade I	48
Quadro 9: Secretária de Educação de 2013 a 2020	58
Quadro 10: Escolas Municipais de Agudo	61
Quadro 11: Professoras sujeitas da pesquisa	64
Quadro 12: Primeiros encaminhamentos	68
Quadro 13: A organização	76
Quadro 14: Os Desafios e suas subcategorias	83
Quadro 15: A relação com a criança e suas subcategorias	93
Quadro 16: Os tempos e espaços e suas subcategorias	103
Quadro 17: Retorno ao presencial	109
Quadro 18: Sentimentos	114



## LISTA DE ABREVIATURAS

AI	Anos Iniciais
AOE	Atividade Orientadora de Ensino
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EI	Educação Infantil
GEPEMat	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática
InterdEM	Interdisciplinar de Educação Matemática
LP1	Linha de Pesquisa 1 – PPGE/UFSM
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
TA	Teoria da Atividade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
THC	Teoria Histórico-Cultural
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria



*É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;  
Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.  
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.*

*Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é  
não desistir!  
Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com os outros para fazer de  
outro modo...*

*Paulo Freire*



## Sumário

<b>1 SE LIGUE EM VOCÊ: TRAJETÓRIA PESSOAL E ACADÊMICA</b>	<b>25</b>
<b>2 OS TEMPOS E OS ESPAÇOS DAS CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS</b>	<b>31</b>
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ELEMENTOS ORIENTADORES DA PESQUISA</b>	<b>29</b>
3.1 SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL, VAMOS FALAR SOBRE TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL?	29
3.2 OS TEMPOS E ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO RECURSO DO PROFESSOR NA PRÁTICA EDUCATIVA	33
3.3 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AQUELE QUE COMPARTILHA E APRENDE	36
<b>4 TRILHAS QUE PERCORREM A PESQUISA: METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
<b>5 AGUDO, MINHA TERRA, MEU CHÃO: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AGUDO</b>	<b>43</b>
5.1 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE AGUDO	43
5.2 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE AGUDO	47
5.2.1 História de vida	48
5.2.2 Educação do município	51
5.2.3 Educação em Agudo no ano de 2020	57
<b>6 A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: O QUE AS PROFESSORAS NOS CONTAM</b>	<b>64</b>
6.1.1 Primeiros encaminhamentos	64
6.1.2 A organização	71
6.1.3 Os desafios	80
6.1.4 A relação com a criança	89
6.1.5 Os tempos e os espaços	97
6.1.6 Retorno ao presencial	106
6.1.7 Os sentimentos	112



<b>7 SER PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>126</b>



## 1 SE LIGUE EM VOCÊ: TRAJETÓRIA PESSOAL E ACADÊMICA

Só o tempo diz quem somos de verdade, o que queremos almejar e construir. O tempo é passageiro e não devemos ter pressa, mas, simultaneamente, ele é rei, não podemos perdê-lo. A vida sempre está nos ensinando no seu tempo o melhor dela. Tudo é um aprendizado. Crescemos e evoluímos com os ensinamentos e acabamos conhecendo mais a nossa personalidade, a essência do que nos torna humanos.

Assim, partindo da minha<sup>1</sup> essência de vida, destaco o momento em que atravessamos no ano de 2020, principalmente, no primeiro semestre, em que nos deparamos com uma pandemia mundial do chamado novo Coronavírus (SARS-CoV-2), que causa a doença COVID - 19, identificado em Wuhan, na China e, posterior a isso, se espalhou pelo mundo todo, atingindo milhões de pessoas. Apesar de ter sido um ano difícil, também vieram as aprendizagens. Aprendemos a ser diferentes como seres humanos. Respeitar e cuidar do próximo, ser mais paciente, ver o lado bom da vida, sentir saudades, querer abraçar, pois não há lugar no mundo melhor que dentro de um abraço. Nesse sentido, vejo que mais uma vez essa fase da minha vida foi um ato de aprender, assim como tantas outras pelas que passei desde quando criança.

A minha infância foi marcada por momentos diversos, de muito amor, família presente, padrinhos (uma das quais, infelizmente por conta da Covid – 19, veio a falecer, colocando-me em um momento muito difícil da minha vida), amigos, colegas, estudo e muita parceria. Ter pessoas especiais ao meu lado me proporcionou muitas conquistas, como por exemplo, me aproximar da docência. Desde pequena uma das brincadeiras de que gostava era “imitar profissões”, brincar de cantora, médica, dançarina, dentista, escritório, agricultora, em que fazíamos nossa lavoura em miniatura, dona de casa e também professora. Lembro que em um Natal ganhei um quadro de giz de presente do Papai Noel, com o qual fiquei muito feliz e realizada. Ao mesmo tempo, já na escola, minha mãe sempre se dedicou a ajudar-me nas tarefas que recebia dos professores, incentivando, assim, ainda mais o ato de aprender e também ensinar. Também, não posso me esquecer das inspirações que tive durante a escolaridade, como a professora da pré-escola, que hoje não está mais entre nós,

---

<sup>1</sup> Início esta escrita, primeiramente, usando a *primeira pessoa do singular*, por relatar minha história ao encontro da temática de pesquisa. No decorrer da escrita, o texto será escrito na *primeira pessoa do plural*, por entender que ela se constituiu de forma coletiva com a orientadora e demais participantes do processo.

e, ainda, alguns professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que, independentemente da forma que desenvolviam suas aulas, tinham algo sempre a ensinar, ampliando meus conhecimentos. E, assim, me constituí a partir das relações com professores, colegas, amigos e família, que fui estabelecendo ao longo de minha vida.

Hoje sou pedagoga, formada pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2018. Tanto o curso quanto a vivência que tive desde a infância me levaram a optar pela profissão de professora.

Antes de ingressar no curso de Pedagogia/UFSM, tive a oportunidade de iniciar o curso de Licenciatura em Matemática/UFSM. Digo oportunidade, pois me possibilitou algumas portas de ensinamentos, como por exemplo, não querer trabalhar nessa área de ensino, pois temos que estar felizes naquilo que fazemos, e ser professor de anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio não é o que almejo. Outra questão que o curso de Matemática me propiciou foi poder ter feito parte do Programa Institucional de Bolsa em Iniciação à docência – PIBID, mais especificamente no subprojeto Interdisciplinar em Educação Matemática – PIBID/InterdEM, cujas ações desenvolvidas tinham como foco principal o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos matemáticos voltados para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, partindo dessa experiência, me permiti mudar de percurso acadêmico e, em 2015, passei a cursar Pedagogia. O PIBID InterdEM era intitulado como interdisciplinar por contar com a participação de acadêmicos dos cursos de licenciatura em Educação Especial, Matemática e Pedagogia da UFSM, assim pude permanecer no subprojeto, mesmo com a troca de curso. Ele contava com o apoio do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática (GEPEMat) e dele participavam professores da Educação Básica e do Ensino Superior, além de colaboradoras da pós-graduação em Educação/PPGE e em Educação Matemática/PPGEMEF, mestrado e doutorado.

E assim, retomo o que havia mencionado no começo dessa escrita: tudo nessa vida é aprendizagem e na minha não foi diferente! Trocar de curso não foi, como poderia parecer a princípio, um atraso, mas sim, um caminho necessário, pois, ao sairmos do Ensino Médio, nem sempre sabemos exatamente o que “queremos ser quando crescermos”, como sempre me questionavam no tempo de escola, ou melhor dizendo, qual o trabalho que nos constitui como sujeitos de nossa sociedade. E que bom que temos a oportunidade de aprender sempre mais.

O subprojeto PIBID InterdEM iniciou-se no ano de 2014, pelo edital 20/2013 e encerrou suas ações em fevereiro de 2018. Como faltavam dez meses para me formar e querer ir sempre em busca de novos conhecimentos, tive a oportunidade de participar de outra seleção de bolsa, a do projeto “A Licenciatura em matemática em questão: de que formação falamos? ”, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). As discussões levantadas no projeto referiam-se aos cursos de licenciaturas em matemática do Rio Grande do Sul, sendo que uma de suas etapas consistia em conhecer as principais ideias referentes à formação de professores presente na literatura desde 1980 até a atualidade. Este projeto também se desenvolveu no âmbito do GEPEMat, que, desde sua formação, tem se preocupado com o ensino e a aprendizagem de matemática na Educação Básica. Observando toda a minha trajetória novamente, repito o que havia dito na escrita do meu Trabalho de Conclusão do Curso intitulado: “Situações emergentes da sala de aula na Educação Infantil: vivências matemáticas com crianças de cinco e seis anos”, desenvolvido no ano de 2018: “eu desisti da matemática, mas a matemática não desistiu de mim”. Não finalizei o curso de Licenciatura desta área, mas sempre tive contato com a matemática, em projetos, com graduandos e graduados dessa disciplina, e na vida, pois ela se mostra, sempre nos pequenos detalhes.

Ao me formar no curso de Pedagogia, tive algumas inquietações sobre como prosseguir a vida: trabalhar e assim obter experiências relacionadas à minha área de formação, ou dar continuidade aos estudos. Acabei decidindo por participar da seleção de Pós-Graduação para o curso de Especialização em Gestão Educacional na linha de pesquisa 2 – Gestão Pedagógica e Contextos Educativos da UFSM, cujo anteprojeto se voltava à preocupação com os espaços das crianças de Educação Infantil, vivenciado no estágio supervisionado do curso de Pedagogia. Com a aprovação, iniciei o curso em março de 2019, previsto para ser realizado em três semestres, ou seja, concluiria no primeiro semestre do ano de 2020. Porém, tendo em vista a situação que vivenciamos de reestruturação da organização das instituições de ensino em função da pandemia decorrente da Covid-19, os prazos foram prorrogados para mais um semestre e defendi a monografia intitulada: “A reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil no contexto da pandemia: fragmentos de uma vivência” no dia 05 de março de 2021.

Ainda no primeiro semestre do ano de 2019, abriu a seleção para ingresso ao curso de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da UFSM. Ao ler o

edital, identifiquei-me com uma temática afim, intitulada: “Educação matemática e formação de professores na perspectiva histórico-cultural”, pertencente à linha de pesquisa 1 - LP1: Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Essa temática se relaciona muito com o que vinha estudando no GEPEMat, principalmente porque meus estudos anteriores já vinham sendo apoiados nos pressupostos teóricos da Teoria Histórico-Cultural (THC) de Vigotski<sup>2</sup> (1896-1934) e também, mais especificamente, na Teoria da Atividade (TA) de Leontiev (1903-1979), e na Atividade Orientadora de Ensino (AOE) proposta nas obras de Moura (1996, 2010, 2017). Assim, resolvi me inscrever, e o meu anteprojeto foi pensado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tinha relação com a temática de estudo, e também da Educação Matemática na Educação Infantil.

A partir da aprovação no curso de mestrado, ao mesmo tempo em que cursava as disciplinas e discutia minha proposta com a orientadora, acabei decidindo por reorganizar o projeto de dissertação, culminando com a intenção de estudar sobre os tempos e os espaços das crianças de Educação Infantil no contexto escolar, com inserção na escola prevista para iniciar no primeiro semestre de 2020. Mas, como trabalhar esse tema, se, em março de 2020, as escolas fecharam e tivemos que ficar em isolamento social e usar máscaras?

Neste contexto, o estado do Rio Grande do Sul, emitiu o Decreto n. 55.128, de 19 de março de 2020, cujo primeiro artigo proclama: “Fica declarado estado de calamidade pública em todo o território do Estado do Rio Grande do Sul para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo COVID-19 (novo Coronavírus)”. Diante das condições expostas no decreto, o conselho Estadual de Educação (Parecer n.º1/2020) determinou a suspensão das aulas presenciais, permitindo apenas a realização de ações não presenciais, dando autonomia para as redes de ensino se adaptarem às condições e às possibilidades de cada estabelecimento. Por isso, algumas orientações foram necessárias para diminuir a contaminação perante o vírus:

- Os professores não puderam desenvolver atividades presenciais.
- As crianças ficaram o ano de 2020 sem o espaço escolar destinado às ações dos professores.

---

<sup>2</sup> A tradução do sobrenome do autor aparece com diferentes traduções: Vygotski, Vigotsky ou Vygostky. Neste trabalho, quando nos referirmos a obra e às ideias gerais do autor, usaremos Vigotski. Ao fazermos citações diretas, respeitaremos a forma apresentada pelas obras utilizadas na escrita.

- As escolas buscaram modos de se reorganizar.
- O ensino passou a ser remoto, ou seja, os professores e as crianças tiveram interações *online* por plataformas virtuais nos mesmos horários em que as aulas das disciplinas ocorreriam no modelo presencial, ou ainda os professores mandavam atividades via aplicativos de celular, e as crianças estudavam e desenvolviam atividades em suas próprias casas.

Assim, considerando a crise sanitária que vivenciamos, o projeto inicial voltado para os Tempos e os Espaços, teve que ser modificado, levando em conta a pandemia decorrente da Covid - 19. Isso levou-me a refletir muito sobre minha pesquisa, pois não podia desconsiderar o que estávamos passando nesse ano com as escolas impedidas de funcionar presencialmente e as ações sendo realizadas de modo remoto, ou seja, pesquisar sobre Tempo e Espaço das crianças de Educação Infantil não faria sentido, considerando o que vivenciamos, pois, os espaços que as crianças ocupavam nesse ano de 2020 não eram os da escola (sala de aula, pracinha, pátio...) e, sim, espaços da casa delas.

Além das escolas da Educação Básica, as universidades também pararam e seguiram suas atividades remotamente, por isso, como morava na cidade de Santa Maria, por conta da nova modalidade de estudos e orientações da própria instituição, voltei, neste período, para a minha cidade natal, Agudo, interior do Rio Grande do Sul. Ao observar o trabalho da minha mãe (secretária de uma escola municipal do Município de Agudo) e das suas colegas professoras e motivada por questões que me punham a pensar na Educação Infantil, desde o meu ingresso no mestrado, coloquei-me no desafio de pesquisar sobre este tema, mas então a partir das vivências decorrentes da pandemia.

O contexto até aqui apresentado conduziu a minha pesquisa com a preocupação voltada aos espaços e aos tempos das crianças de Educação Infantil, que se constituiu com base na seguinte questão norteadora: ***Diante das condições de distanciamento social decorrentes da pandemia do ano de 2020, como a Educação Infantil do município de Agudo se reorganizou?*** Isto posto, delineamos o objetivo geral da pesquisa: ***Compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus Tempos e Espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras.***

Buscando atingir este objetivo principal da pesquisa, propusemo-nos a desenvolver algumas ações investigativas, materializadas nos seguintes objetivos específicos:

- **Conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente.**
- **Identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia.**
- **Compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebem a organização do ensino remoto, em momentos de novos Espaços e Tempos.**

Tendo em vista os objetivos propostos, a pesquisa está organizada em seis capítulos. O primeiro, intitulado *Se ligue em você: Trajetória pessoal e acadêmica*, diz respeito à introdução da pesquisa, no qual é abordada a trajetória pessoal da pesquisadora e como se originou a investigação. Além disso, apresentam-se o problema, os objetivos e a organização da pesquisa. O segundo capítulo, *Os tempos e os espaços das crianças de Educação Infantil: Um olhar para as pesquisas*, busca identificar alguns aspectos sobre a temática apresentados em teses e dissertações.

O terceiro capítulo, *Orientadores da Pesquisa: Os pressupostos teóricos*, apresenta a Teoria Histórico-Cultural e algumas ideias de autores que nela pautados desenvolvem seus trabalhos e pesquisas; alguns aspectos sobre a história da Educação Infantil, seus tempos e espaços; e os professores que trabalham com esse nível de ensino.

O quarto capítulo, *Trilhas que percorrem a pesquisa: Metodologia*, volta-se às estratégias usadas para desenvolver nossa investigação.

No quinto capítulo, denominado: *Agudo, minha terra, meu chão: Contextualizando a história e Educação do Município de Agudo*, iniciamos a apresentação dos achados da pesquisa, trazendo aspectos sobre o município de Agudo e a constituição histórica de sua educação escolar, tendo como base documentos e entrevistas.

O sexto capítulo, *A organização da Educação Infantil em tempos de pandemia: O que as professoras nos contam*, gira em torno das entrevistas realizadas com as quatro professoras de Educação Infantil do município de Agudo, das suas falas e análise.



E para finalizar, o sétimo capítulo refere-se a: *Ser professor em tempos de pandemia: Algumas considerações* desta pesquisa.

Como forma de adentrarmos ao objeto de nossa investigação, no capítulo 2 discutiremos como as pesquisas têm mostrado os tempos e os espaços da Educação Infantil por meio de um mapeamento sobre o tema.

## 2 OS TEMPOS E OS ESPAÇOS DAS CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS

Ao pensarmos sobre a Educação Infantil, há de se considerar que muito conhecimento já foi produzido. Nesse sentido, levando em conta o foco dessa pesquisa, que se volta ao trabalho pedagógico e à organização deste nível de ensino no município de Agudo, e entendendo que seus tempos e espaços foram impactados pelo contexto pandêmico, colocamo-nos na necessidade de nos aproximar do tema por meio de trabalhos anteriormente desenvolvidos. Construimos, assim, um mapeamento referente a este tema, na expectativa de que este possibilite

uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes. (ROMANOWSKI, 2006, p. 41)

Assim, visando dar suporte à escrita dessa dissertação, ora no referencial teórico, ora na metodologia, ou ainda, na análise dos dados, embora iremos nos deter na realidade que vivemos neste momento em que as crianças não têm os tempos e os espaços escolares para desenvolvimento de atividades, brincadeiras, interação social, procuramos quais pesquisas do Brasil de alguma forma se aproximavam da nossa.

A busca de trabalhos foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>), abrangendo os últimos seis anos (2014 – 2020<sup>3</sup>). Nossa intenção era localizar teses e dissertações, porém, foram encontradas somente dissertações que se aproximassem do tema de interesse. Inicialmente definimos os descritores, relacionando-os ao tema que consideramos relevante, ao nível de ensino, ao referencial teórico que nos ampara e aos processos que envolvem os sujeitos com os quais trabalhamos: Tempos e Espaços; Educação Infantil; Teoria Histórico-Cultural e; Formação de Professores.

Após isso, delimitamos uma combinação, da seguinte forma: Tempos e espaços e Educação Infantil; Tempos e Espaços, Educação Infantil e Teoria Histórico-

---

<sup>3</sup> As pesquisas foram realizadas nos meses de maio e junho do ano de 2020. Como foram encontradas pesquisas apenas até o ano de 2019, as pesquisas realizadas ou postadas no *site* Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES posteriormente a esses meses não aparecerão no trabalho.

Cultural; e, Tempos e Espaços, Educação Infantil e Formação de Professores. Os descritores *Tempos e Espaços e Educação Infantil* apareceram em todas as combinações por se tratar da temática principal da pesquisa.

No Quadro 1, apresentamos a quantidade de trabalhos localizados a partir das buscas de combinações dos descritores e que atenderam aos critérios.

Quadro 1: Descritores utilizados e resultados de pesquisas encontradas

<b>Descritores</b>	<b>Resultados encontrados</b>
Tempos e espaços e Educação Infantil	31 resultados
Tempos e Espaços, Educação Infantil e Teoria Histórico-Cultural	1 resultado
Tempos e Espaços, Educação Infantil e Formação de Professores	5 resultados

Fonte: Sistematização das autoras

O mapeamento resultou em 37 pesquisas, com as diferentes combinações de descritores: 31 resultados de “Tempo e Espaço e Educação Infantil”, 1 resultado de “Tempos e Espaços, Educação Infantil e Teoria Histórico-Cultural” e 5 resultados de “Tempos e Espaços, Educação Infantil e Formação de Professores”. A partir daí nos detivemos na leitura dos resumos de todos os trabalhos encontrados para nos inteirarmos do que tratava cada um deles e se havia, de fato, relação com a abordagem da nossa pesquisa.

Como já especificado, os critérios de análise das dissertações foram associados à organização dos tempos e dos espaços das crianças que estão no nível de Educação Infantil, para compreender como se dava o processo de escolarização antes do Covid – 19. Assim, ao ler os resumos, percebemos que algumas não vinham ao encontro do tema proposto, apesar de terem sido identificadas na busca e, portanto, foram excluídas, restando somente 10. O Quadro 2 ilustra as 10 pesquisas selecionadas com seus respectivos descritores.

Quadro 2: Pesquisas que se aproximam do tema da nossa investigação

<b>Descritor</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
------------------	---------------	--------------	------------

"Tempos e Espaços" AND "Educação Infantil"	"9/5": Tempo(s) e espaço(s) na educação da pequena infância numa escola pública do município de Niterói'	LIMA, FABIANE FLORIDO DE SOUZA	2016
	Tempos e Espaços do Brincar no Contexto da Educação Infantil: a voz das crianças	NASCIMENTO, DEBORA SILVA DO	2015
	O Brincar do Ponto de Vista das Crianças: Uma Análise das Dissertações e Teses do Portal Capes (2007 a 2012)	MONTEIRO, CLARA MEDEIROS VEIGA RAMIRES	2014
	O Atendimento às Crianças de Três Anos nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora: um Desafio à Gestão da Qualidade na Educação Infantil	CASTRO, FABIANA GONCALVES DIAS DE	2014
	Espaços e tempos coletivos de leitura literária na educação infantil da rede municipal de Florianópolis (SC)	FURTADO, THAMIRYS FRIGO	2016
	Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Outro Espaço, Outras Experiências? O que Dizem as Crianças?	DIAS, EDILAMAR BORGES	2014
	Educação Infantil e Relações de Gênero: O que se Inscreve nos Corpos Infantis?	SOUZA, GISLENE CABRAL DE	2015
	Construindo trajetórias de trabalho na educação infantil: perspectivas de professores(as) de música da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre	PEREIRA, JOANA LOPES	2015
"Tempos e Espaços" AND "Educação Infantil" AND "Formação de Professores"	"9/5": Tempo(s) e espaço(s) na educação da pequena infância numa escola pública do município de Niterói'	LIMA, FABIANE FLORIDO DE SOUZA	2016
	Tempos e Espaços do Brincar no Contexto da Educação Infantil: a voz das crianças	NASCIMENTO, DEBORA SILVA DO	2015

Fonte: Sistematização das autoras

A organização do Quadro 2, por descritores, nos permite perceber a repetição de duas dissertações, então das dez pesquisas encontradas restaram oito, apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Pesquisas selecionadas

Título	Autor	Ano	Instituição
"9/5": Tempo(s) e espaço(s) na educação da pequena infância numa	LIMA, Fabiane Florido de Souza	2016	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

escola pública do município de Niterói'			
Tempos e Espaços do Brincar no Contexto da Educação Infantil: a voz das crianças	NASCIMENTO, Debora Silva do	2015	Universidade do Estado do Pará
O Brincar do Ponto de Vista das Crianças: Uma Análise das Dissertações e Teses do Portal Capes (2007 a 2012)	MONTEIRO, Clara Medeiros Veiga Ramires	2014	Universidade Federal de Pelotas
O Atendimento às Crianças de Três Anos nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora: um Desafio à Gestão da Qualidade na Educação Infantil	CASTRO, Fabiana Goncalves Dias de	2014	Universidade Federal de Juiz de Fora
Educação Infantil e Relações de Gênero: O que se inscreve nos Corpos Infantis?	SOUZA, Gislene Cabral de	2015	Universidade Federal de Mato Grosso
Espaços e tempos coletivos de leitura literária na educação infantil da rede municipal de Florianópolis (SC)	FURTADO, Thamirys Frigo	2016	Universidade Federal de Santa Catarina
Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Outro Espaço, Outras Experiências? O que Dizem as Crianças?	DIAS, Edilamar Borges	2014	Universidade da Região de Joinville
Construindo trajetórias de trabalho na educação infantil: perspectivas de professores (as) de música da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre	PEREIRA, Joana Lopes	2015	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fonte: Sistematização das autoras

Assim, no intuito de conhecer melhor o que vem sendo apontado em relação à temática sobre a qual pretendemos investigar, foi necessário desenvolver uma leitura mais apurada de cada pesquisa, cujos elementos principais serão discorridos a seguir.

A leitura e a análise das dissertações serão apresentadas pelos anos de publicação, dando-se início ao ano de 2014, quando foram encontradas as de: Monteiro (2014), Castro (2014) e Dias (2014). O Quadro 4 reproduz título, autor e objetivo de cada uma.

Quadro 4: Dissertações do ano de 2014

Ano de Publicação – 2014		
Título	Autor (a)	Objetivo
O Brincar do Ponto de Vista	MONTEIRO, Clara Medeiros	“Analisar as dissertações e teses na área da educação

das Crianças: Uma Análise das Dissertações e Teses do Portal Capes (2007 a 2012)	Veiga Ramires	infantil, publicadas entre os anos de 2007 e 2012, que focalizassem os pontos de vista das crianças em relação ao brincar. ”
O Atendimento às Crianças de Três Anos nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora: um Desafio à Gestão da Qualidade na Educação Infantil	CASTRO, Fabiana Goncalves Dias de	“Conhecer como o atendimento as crianças de 3 anos está sendo ofertado nas escolas municipais em Juiz de Fora com o intuito de propor um Plano de Ação que possa subsidiar os gestores da educação pública a agirem de forma refletida a essa demanda por atendimento. ”
Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Outro Espaço, Outras Experiências? O que Dizem as Crianças?	DIAS, Edilamar Borges	“Investigar o processo de passagem das crianças da educação infantil para o ensino fundamental sob as perspectivas das crianças. ”

Fonte: Sistematização das autoras

Monteiro (2014) propôs-se a analisar em sua pesquisa de Mestrado, dissertações e teses sobre a visão das crianças em relação ao brincar, a partir de uma busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Para tanto, a autora procurou responder a algumas questões norteadoras, tais como:

Quem são as crianças que falam sobre o brincar (idade, gênero, classe, etnia)? O que dizem? Que teorias/autores/concepções de brincar predominam nas dissertações e teses? Em quais contextos as crianças foram pesquisadas (escolas, casas, ruas...)? Como foram escutadas, consultadas, inseridas nas pesquisas (metodologia, instrumentos)? Quais são os tempos e espaços destinados ao brincar?

O brincar das crianças envolve muito o tempo que elas estão vivendo e o espaço em que estão inseridas, e dar-lhes voz para falar sobre diversas brincadeiras é fundamental. Monteiro teve essa preocupação, ao analisar pesquisas que tratavam sobre esse tema.

No capítulo 4, no item 4.1, a pesquisadora traz no tópico “Espaços e Tempos: só se brinca na escola e na hora do recreio?” pesquisas que só se referiam a esse tema. Ela afirma que as brincadeiras não necessariamente devem acontecer só na hora do recreio, pelo contrário, elas podem se suceder em vários lugares, até mesmo em momentos de atividades pedagógicas. Como resultados, Monteiro (2014, p. 04), indica que “As pesquisas ainda estão muito voltadas ao ambiente escolar e, nesse contexto, se percebem limitações em tempos e espaços para brincar, sobretudo nas

escolas públicas.” Ou seja, em algumas escolas os espaços não são totalmente apropriados para as crianças brincarem, tendo algumas limitações.

Em outra direção, Castro (2014) aponta como está sendo concedido o atendimento das crianças de 3 anos em escolas municipais de Juiz de Fora, pois, segundo a pesquisadora, essas crianças precisam de um atendimento que considere as primordialidades específicas dessa faixa etária,

As crianças nessa faixa etária necessitam de um atendimento diferenciado por apresentarem necessidades e características específicas, sendo necessário que a escola e toda equipe escolar se organizem para oferecer esse atendimento e exigindo uma reorganização das práticas pedagógicas existentes, uma reorganização dos tempos e espaços e materiais, bem como a adequação do projeto político pedagógico e a capacitação de professores. (CASTRO, 2014, p. 07)

Essa dissertação se organizou em três capítulos, sendo que o segundo abrange a temática que se aproxima da nossa pesquisa – tempos e espaços, no qual se afirma ser essencial oferecer “um espaço adequado, uma proposta pedagógica com organização de tempos, espaços e interações específicas para essa faixa etária que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças” (CASTRO, 2014, p.52).

A pesquisadora destaca, também, que “não se pode pensar em tempo sem se pensar em espaço e nem de espaço sem se pensar em tempo” (CASTRO, 2014, p.63), melhor dizendo, tempo e espaço precisam ser pensados juntos, ainda mais se tratando de crianças com faixa etária de 3 anos. Por exemplo, imaginem 20 crianças, em espaços determinados para adultos, em que elas não alcancem os objetos dos móveis, em que haja dificuldade para se locomover, correr, pular e se divertir, em que não tenha algum brinquedo e objeto lúdico. As crianças até poderiam brincar com os objetos daquele espaço, mas isso se tornaria perigoso, pois ele não seria apropriado para elas e, sim, para adulto.

Ao mesmo tempo, a autora não descarta a ideia de que os espaços externos são tão fundamentais quanto os internos para o desenvolvimento das crianças de 3 anos, “espaços que possibilitem o contato direto das crianças com elementos da natureza limitam a diversidade de experiências dessas crianças que são muito importantes nessa faixa etária” (CASTRO, 2014, p.68). Muito interessante ainda o destaque que a pesquisadora dá à interação das crianças nesses espaços com outras pessoas, referenciando assim na sua pesquisa os estudos de Vigotski, os quais ressaltam a importância da interação no desenvolvimento infantil. Assim, teve o

cuidado em fazer referência à qualidade da Educação Infantil, mais especificamente, com crianças de 3 anos de idade, dialogando com os documentos oficiais da Educação Infantil e também com os gestores das escolas.

Dando seguimento às pesquisas encontradas do ano de 2014, a última delas é a de Dias (2014), voltada à perspectiva das crianças sobre a passagem do nível de Educação Infantil para os Anos Iniciais. Assim, para alcançar essas perspectivas, a pesquisadora elencou alguns objetivos específicos:

(i) investigar as práticas educativas presentes no último período da educação infantil; (ii) examinar as práticas educativas no cotidiano do primeiro ano do ensino fundamental; (iii) investigar a organização dos tempos e espaços no último período da educação infantil e no primeiro semestre do ensino fundamental; (iiii) Analisar as concepções das crianças referentes ao primeiro ano do ensino fundamental. (DIAS, 2014, p. 09)

Percebemos, no terceiro objetivo específico, a preocupação em investigar a organização dos tempos e dos espaços da Educação Infantil e Anos Iniciais. Entendemos como muito importante esse olhar, pois muitas crianças, ao finalizarem a primeira etapa da Educação Básica e, posteriormente, ingressarem no Ensino Fundamental, não deixam de ser crianças e, na maioria das vezes, o impacto é muito grande nessa transição. Elas saem de um espaço totalmente voltado a brincadeiras, à ludicidade e adentram um espaço com mesas, cadeiras e atividades.

Essa dissertação se configurou como uma pesquisa qualitativa e foi realizada por meio da metodologia etnográfica. Ela aconteceu em dois momentos: primeiro em uma escola de Educação Infantil, com um grupo de 24 crianças; segundo, a pesquisa avançou em um primeiro ano do Ensino Fundamental, totalizando 17 crianças. Assim, ao realizar a coleta de dados, Dias (2014, p. 164) aponta:

As rotinas de ambos os níveis mantiveram uma relação praticamente oposta. Na educação infantil, a criança circulava livremente pelos espaços e lhe era possibilitada a brincadeira, já que se tratava de uma linguagem bem conhecida por ela, a dos brinquedos. Tal prática propiciou interações, das mais variadas possíveis, como também, um incentivo constante para o desenvolvimento da autonomia da criança. Já as práticas observadas no primeiro do ensino fundamental eram marcadas prospectivamente pela espera e pela dependência. A discricção e um maior controle corporal marcavam a comunicação entre os pares.

Ou seja, esse relato nos revela que o espaço e a rotina das crianças mudaram conforme a etapa observada, pois, enquanto na Educação Infantil, além do espaço



ser mais lúdico e a interação das crianças ser maior, no Ensino Fundamental, só havia esse momento de trocas e brincadeiras no recreio. A pesquisadora chama a atenção, dizendo que “aos seis anos de idade, crianças continuam sendo crianças, mesmo frequentando instituições educativas” (DIAS, 2014, p.168), ou seja, as crianças continuam sendo crianças, independentemente do nível de ensino que ela esteja, com algumas especificidades, o tempo delas é ser criança.

Com isso, destacamos que, embora as pesquisas que abrangem esse tema se configuram de formatos diferentes, sua relevância está no olhar e no cuidado com o tempo e os espaços das crianças.

Seguidamente, apresentamos no Quadro 5 as pesquisas correspondentes ao ano de 2015.

Quadro 5: Dissertações do ano de 2015

(continua)

<b>Ano de Publicação – 2015</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor(a) – IES</b>	<b>Objetivo</b>
Tempos e Espaços do Brincar no Contexto da Educação Infantil: a voz das crianças	NASCIMENTO, Debora Silva do - Universidade do Estado do Pará	“O tempo e o espaço do brincar em uma Unidade de Educação Infantil do Município de Belém-Pa a partir das crianças”

Educação Infantil e Relações de Gênero: O que se Inscreve nos Corpos Infantis?	SOUZA, Gislene Cabral de – Universidade Federal de Mato Grosso	“Compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da Educação Infantil, tendo como base as seguintes questões: que artefatos, objetos, imagens são significativos para as crianças e circulam entre elas nos diferentes espaços e tempos da escola? Que tempos e espaços são usados e criados pelas crianças para compartilhar práticas que remetem às relações de gênero? Que relações as crianças estabelecem com o próprio corpo e o corpo do outro, que são marcadas por questões de gênero? Como as relações de amizade são atravessadas por essas questões? Temos a escola como um espaço social de fortes tensões, que, se, por um lado, reproduz modelos, por outro, constitui-se como um terreno privilegiado de discussões e rompimento de tabus, trazendo às crianças a oportunidade de problematizar os padrões dominantes de relacionar-se afetiva e socialmente.”
Construindo trajetórias de trabalho na educação infantil: perspectivas de professores (as) de música da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre	PEREIRA, Joana Lopes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	“Investigar as trajetórias de trabalho de professores (as) licenciados (as) em música nas Escolas Municipais de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino Porto Alegre.”

(conclusão)

Fonte: Sistematização das autoras

No ano de 2015, foram encontradas três dissertações de Mestrado que se aproximavam do nosso tema de pesquisa: Nascimento (2015), Souza (2015) e Pereira (2015).

Uma vez que a pesquisa de Nascimento (2015) não possui divulgação autorizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, nos detivemos apenas no resumo publicado. A pesquisadora procurou compreender o brincar nos tempos e nos espaços das crianças em uma escola de Educação Infantil. Segundo o que consta

no resumo, “a brincadeira é tão importante para a criança que ela (re) configura espaços e (re) inventa tempos ‘onde não tem’ para vivenciar o brincar (grifo do autor). “ Esse estudo se configurou como uma pesquisa de campo, com 23 crianças de 4 e 5 anos de idade. Como resultados, aponta que a organização dos tempos e espaços auxilia no brincar das crianças, por isso é importante que esses espaços sejam pensados de um modo que favoreça as crianças atendendo sempre as especificidades e necessidades de cada criança.

Souza (2015) investigou como as crianças interagem em relação ao gênero em espaços de Educação Infantil, uma vez que foi realizada a partir de uma observação participante semanal durante o segundo semestre do ano letivo de 2014, com 20 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, sendo 11 meninos e 9 meninas.

No capítulo 3, subitem 3.2, a pesquisadora descreve o contexto da pesquisa, bem como os espaços internos e externos da escola,

A unidade possui uma estrutura física adequada, com: nove salas de aula; uma sala dos professores, que também funciona como sala de TV; uma brinquedoteca; uma sala da direção; uma sala da coordenação; uma sala da secretaria; dois depósitos; quatro banheiros para as crianças; um banheiro para os funcionários; três parques infantis: um de plástico, com escorregador, balanços, cesta de basquete; um de madeira, em estilo rústico, com balanços, ponte, gangorra; e outro de madeira colorida, multifuncional, recebido, recentemente, por meio do ProInfância4; e uma quadra poliesportiva coberta. Há muitas árvores, com bancos de madeira ao redor, que favorecem a convivência sob suas sombras. Há, também, uma cozinha experimental, que pode ser usada para experimentos culinários, no entanto, ao longo desta pesquisa, não observamos seu uso em momento algum, por nenhuma turma. (SOUZA, 2015, p. 36)

Após observações procedidas, alguns espaços não foram visitados, como por exemplo, o espaço da piscina sobre a qual expressa que “o não uso da piscina nos leva a crer que o espaço/tempo dos corpos desnudos ou de pouca roupa das crianças, o contato com o corpo do outro, são questões que desafiam e ameaçam a escola [...]” (SOUZA, 2015, p. 36). Assim, na percepção da autora, espaços em que as crianças ficam desnudas podem não ser utilizados pela escola ou, quando o são, organizam-se para meninos em horários diferentes aos das meninas.

Outra questão que a autora levanta são as filas que as crianças formam quando a professora regente anuncia a transição para outro espaço, automaticamente as crianças formam duas filas, a dos meninos e a das meninas, sendo esse aspecto muito comum em vários contextos escolares até os dias de hoje. A autora, no decorrer da pesquisa, traz imagens desses espaços mencionados, permitindo-nos aproximar

daquilo que ela expõe. A pesquisa conclui que as crianças, nas relações que estabelecem com o próprio corpo, gênero, raça, brincadeiras, objetos, entre outros, podem se expressar de formas diferentes, considerando os tempos e os espaços em que elas estão inseridas.

A pesquisa de Pereira (2015) ocorreu a partir da trajetória de professores licenciados em música em escolas municipais da cidade de Porto Alegre e se estruturou em oito capítulos. A autora, ao se apropriar do processo histórico da Educação Infantil explica que que, “ao me aprofundar na literatura sobre a Educação Infantil, percebo o quanto esse espaço está relacionado à mulher.” (PEREIRA, 2015, p.26), ou seja, ela observa que o espaço da Educação Infantil é ocupado majoritariamente por trabalhadores do sexo feminino, as quais têm o compromisso de educar e cuidar os filhos de outras mulheres.

De acordo com os dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), no estado do Rio Grande do Sul, os profissionais que atuam como docentes na educação infantil somam um total de 24.930, sendo que 24.230 são mulheres, que representam 97,19% dos docentes, e apenas 700 são homens, representando 2,81%. (PEREIRA, 2015, p. 26)

A metodologia da pesquisa pautou-se em entrevistas com cinco professores de música no intuito de contar suas trajetórias de trabalho. A autora conta detalhadamente o caminho desses professores até chegarem às escolas em que trabalham e, também, se preocupa com os tempos e os espaços das crianças de Educação Infantil, caracterizando, assim, em um subitem de cada entrevistado.

O primeiro entrevistado, um homem, desenvolvia ações em duas escolas, e o tempo das suas aulas para cada turma era dividido por períodos. As escolhas dos períodos foram determinadas juntamente com a gestão da escola. Assim, percebemos que o tempo diz respeito à rotina de aula do professor com os alunos, e os espaços se circunscrevem à sala de aula e ao ginásio para algumas turmas.

Os dados da segunda entrevistada levaram a autora a explicar que a organização do tempo das aulas em sua instituição não foi realizada pela professora de música e, sim, por outra pessoa. Já na outra escola em que a professora trabalha, ela mesmo teve que organizar os horários de suas aulas, o que considerava tarefa complicada por se tratar de várias turmas. Também, a professora regente criou outras atividades em que ela intitulou de “momentos livres, de música”, nos quais as crianças tinham a liberdade de explorar os materiais e brincar livremente com as atividades de

música. Além de as crianças poderem brincar em horários diferenciados, os espaços também eram livres e elas podiam brincar tanto na sala de aula, quando no pátio ou biblioteca. Assim, segundo a autora “[...] essa relação entre os tempos e os espaços parece interessante, já que a aula de música tem um período determinado e é realizada, prioritariamente, na sala de aula, e os ‘momentos livres, de música’ não têm um tempo determinado e utilizam múltiplos espaços” (PEREIRA, 2015, p.62, grifo do autor). Ela destaca também que, apesar de desenvolver as ações em espaços diferentes, não ter uma sala apropriada para esse fim se torna tarefa difícil, pois os materiais têm que ser deslocados e o espaço organizado para os dias de aulas.

O terceiro entrevistado relata trabalhar em contextos diferenciados de EMEI, e que a rotina se organiza a partir do ritmo dos alunos e, por ter um número reduzido, isso facilita uma participação maior na rotina dos alunos. Já no outro contexto o número de crianças é maior e as aulas são organizadas, conforme dinâmicas com as outras professoras. Outra questão abordada é o tempo de permanência das crianças na escola, o qual envolve muitos fatores, como gestão, professores e até mesmo os familiares, pois o tempo em que as crianças estão na escola é o tempo em que os pais estão trabalhando ou desenvolvendo outras atividades.

Já os espaços das escolas são diferenciados, em duas delas o espaço da aula de música é dentro da sala de aula da professora pedagoga, já em outra instituição o professor de música tem sua própria sala. Assim, ele conta também que a Educação infantil está cada vez mais sensorial, ou melhor, é muito importante para o desenvolvimento delas que os espaços tenham materiais manipuláveis, lúdicos, instrumentos para tocar e sentir.

O quarto entrevistado pontua que, como organizar o tempo das aulas com as crianças de Educação Infantil não foi uma tarefa muito fácil, ele teve ajuda da diretora, que organizou de um jeito que contemplasse todas as turmas, bem como suas rotinas. E além da organização, o professor argumentou que não foi fácil se habituar à rotina da escola (lanche, recreio, pracinha, hora de ir ao banheiro...). Não tinha um espaço destinado às aulas de música, por isso ele utilizava espaços externos, somente em últimos casos, quando chovia e esfriava muito, usava a sala de aula.

O quinto e último entrevistado trabalhava em uma única escola com carga horária de 20 horas semanais. Por isso, conversou com o diretor para atender turmas com grupos pequenos de alunos, facilitando, assim, as atividades desenvolvidas. O espaço da aula do maternal 1 ao jardim B correspondia à sala de vídeo da escola, já

do berçário as atividades aconteciam na sala de aula.

Analisando esta pesquisa, vemos os tempos e os espaços relatados pelos professores de música: o tempo diz respeito à rotina das crianças, ao tempo de aula dos professores, como eles se organizaram para desenvolver as atividades em escolas e turmas diferentes. Já o espaço se refere ao lugar físico da escola, ora externo, ora interno.

Como resultado da pesquisa, a autora indica que, “cada professor (a) tem uma história singular de trabalho, entretanto, a construção de uma trajetória de trabalho só é possível de ser feita na interação com os sujeitos na escola, especialmente as crianças, durante seu fazer docente” (PEREIRA, 2015, p. 05). Em suma, os tempos e os espaços das instituições de Educação Infantil dependem muito dos sujeitos que estão inseridos na escola, como gestão escolar, professores e até mesmo os alunos.

A seguir, o Quadro 6 exibe as pesquisas do ano de 2016.

Quadro 6: Dissertações do ano de 2016

(continua)

<b>Ano de Publicação – 2016</b>		
Título	Autor (a) – IES	Objetivo

“9/5”: Tempo (s) e espaço (s) na educação da pequena infância numa escola pública do município de Niterói’	LIMA, Fabiane Florido de Souza – Universidade do Estado do Rio de Janeiro	“ Investigar, partindo do cotidiano educativo, a configuração dos espaços e tempos de cuidado e educação e suas relações com a organização de práticas educativas favoráveis à ampliação do conhecimento e do universo cultural das crianças.”
Espaços e tempos coletivos de leitura literária na educação infantil da rede municipal de Florianópolis (SC)	FURTADO, Thamirys Frigo – Universidade Federal de Santa Catarina	“Mapear os espaços e tempos coletivos de leitura literária nas instituições de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC).”

(conclusão)

Fonte: Sistematização das autoras.

Foram encontradas duas pesquisas realizadas em 2016 que fazem relação com o nosso tema de pesquisa: Lima (2015) e Furtado (2015).

Lima (2015) buscou investigar a configuração dos espaços e dos tempos e a relação das práticas educativas para o conhecimento e a cultura das crianças. Tentou compreender como os espaços de crianças de Educação da Pequena Infância (Educação Infantil) em uma escola municipal de Niterói estão organizados e qual a intencionalidade das ações, investigando se as crianças participavam das ações nesses espaços.

A pesquisa está organizada em seis capítulos, sendo o sexto intitulado “O (s) Tempo (s) e o (s) Espaço (s) da/na escola da Pequena Infância”, o que nos leva a notar uma aproximação com a temática da nossa pesquisa. Para a parte teórica de tempos e espaços, a pesquisadora recorreu ao referencial teórico Kohan (2014) e também à história “Armando e o Tempo”, de Guttmann (2004), com a prática desenvolvida na escola, diferenciando os conceitos de rotina e cotidiano. Assim, segunda a autora, o Tempo tem relação com a rotina e com o cotidiano escolar, ou seja,

O tempo é o elemento que permeia todas as atividades da UMEI. Sejam elas nos ambientes, que são os espaços redimensionados/ressignificados e/ou criados para o desenvolvimento do trabalho pedagógico (como a sala de multimeios, a brinquedoteca, a quadra, o ateliê, a casinha e os parquinhos interno e externo), sejam nas interações entre seus atores (entre crianças-crianças, crianças-adultos), na sucessão de acontecimentos criados pelas situações educativas até o tempo histórico, que são as marcas temporais vividas no cotidiano, um tempo bem demarcado a ser realizado durante o ‘dia’. (LIMA, 2015, p. 72, grifo do autor)

A pesquisadora procurou desenvolver na pesquisa um estudo qualitativo, sendo a observação participante o procedimento principal que detém o cotidiano da pesquisa. Um dos aspectos que julgamos importante foi a participação das crianças em assembleias juntamente com a gestão escolar, quando lhes foi dada a possibilidade de se expressarem a partir de desenhos sobre os tempos e espaços delas. Em análise, destaco também que a educação de crianças de primeira infância depende do desempenho de todos profissionais que trabalham no contexto escolar, das famílias e das políticas públicas, contribuindo, desse modo, para uma educação de qualidade.

Furtado (2015), em instituições da rede municipal de Florianópolis (SC), buscou mapear os tempos e os espaços coletivos das leituras literárias. Assim, foi realizada uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, que resultou em um mapeamento, em que se determinaram os espaços e os tempos coletivos de leitura literária encontrados em 71 instituições de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis.

No capítulo intitulado: “Os Espaços e Tempos pedagógicos na Educação Infantil”, discutem-se tempos e espaços para o planejamento dos professores, inserindo as crianças como sujeitos participantes nessa organização. A pesquisa descreve que tempos e espaços bem organizados contribuem para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças, destaca, ainda, que a criança deve se sentir aconchegada no espaço em que está inserida e, para isso se concretizar, alguns fatores devem ser seguidos, como por exemplo:

Por se tratar de um tempo/espaço onde as crianças e o(a) professor(a) permanecem grande parte do seu dia, a instituição de Educação Infantil necessita ser um local que apresente conforto, alegria, cores, diferentes sons, cheiros, sabores, entre outros fatores que agradem principalmente as crianças que ali estão, sendo estes os protagonistas destes tempos e espaços. (FURTADO, 2015, p.90)

A autora reitera que o tempo e o espaço das crianças devem ser confortáveis, leves, cheios de alegrias, cores e, em outro momento, menciona que a criação e a imaginação podem ajudar a construir um espaço melhor para as crianças. Por se tratar de espaços sobre leitura literária, a autora acentua que



Por esse fator torna-se tão importante pensarmos nos tempos e espaços destinados à leitura na Educação Infantil, preocuparmo-nos com a formação desses pequenos leitores, fazendo com que diferentes tempos e espaços criem novos leitores, bem como os leitores criem seu próprio tempo/espaço. (FURTADO, 2015, p. 94)

Analisando tal pesquisa, destaco a validade de pensar em espaços com diversas intencionalidades, como brincadeiras, hora da música, dança, esportes, atividades pedagógicas e também a leitura e hora do conto.

Em síntese, as pesquisas, cuja temática se aproxima da nossa, corroboram, de modo geral: o respeito ao tempo e ao espaço das brincadeiras, as quais podem se suceder em vários lugares; as necessidades diferenciadas das crianças; a importância de pensar o tempo e espaço como unidade; as diferenças entre os tempos e espaços da Educação Infantil e dos Anos Iniciais; o respeito à liberdade da criança em seus tempos e espaços; a associação do tempo com a rotina e com o cotidiano escolar que permeiam todas as atividades da escola; a boa organização dos tempos e dos espaços podem contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças; as relações que estabelecem com o próprio corpo, gênero, raça, brincadeiras, objetos, podem se expressar de formas diferentes, a depender dos tempos e dos espaços em que estão inseridas..

Estes apontamentos se assemelham às nossas preocupações com relação a importância da organização do professor a partir dos tempos e dos espaços nas escolas de Educação Infantil, o que justifica a relevância do tema. E, considerando esses elementos e o atual contexto que estamos vivenciando com a Covid – 19, nossa pesquisa vai dirigir um olhar para os tempos e os espaços que se configuram num período diferenciado, ou seja, com aulas não presenciais, escolas fechadas, planejamento dos professores e desenvolvimento das atividades das crianças em suas casas. Portanto, almejamos compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus tempos e espaços, levando em conta o contexto da pandemia no ano de 2020, tendo por base as percepções das professoras.

Apresentado o que as investigações nos apontam, o próximo capítulo será dedicado aos pressupostos teóricos que orientaram nossa investigação



### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ELEMENTOS ORIENTADORES DA PESQUISA

Tudo nessa vida tem um porquê, um significado social construído, compartilhado pelos antepassados, assim como os costumes, as vestimentas, e as comidas que são passados para filhos, netos e bisnetos. Cada geração inicia sua história, a partir do que foi produzido pelas gerações anteriores. Assim, todas as pessoas têm algo a dividir, viver e cantar, não importa qual seja o dia, o mês e o ano. Tudo o que foi e será partilhado resulta em apropriações da cultura, em aprendizado.

Nesse sentido, a partir da contribuição daqueles que nos antecederam, em pesquisas e escritos, neste capítulo trazemos os pressupostos que fundamentam esta pesquisa, considerados essenciais para o seu desenvolvimento. O capítulo estrutura-se em três subcapítulos; primeiro abordaremos os pressupostos relativos à Teoria Histórico-Cultural, em seguida, os Tempos e os Espaços da Educação Infantil e sobre professores que trabalham neste nível de ensino

#### 3.1 SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL, VAMOS FALAR SOBRE TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL?

A criança, como sujeito histórico e social, aprende e se desenvolve no decorrer da vida. Para embasar teoricamente o nosso estudo, apoiamos-nos nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural (THC), principalmente a partir das ideias de Vigotski (1896-1934), que afirma que o ser humano se desenvolve, apropriando-se da cultura produzida historicamente, por meio das interações sociais. Reportamo-nos, ainda, a Leontiev (1093-1979) que escreveu sobre a Teoria da Atividade (TA) e explica que o ser humano é movido por necessidades, em uma relação com o mundo mediada por objetos do meio que o cerca.

Nossos pressupostos estão baseados, principalmente, nos estudos iniciados na antiga União Soviética, no século passado, liderados por Lev Semenovich Vigotski, que nasceu em 17 de novembro de 1896 na cidade de Orsha, em uma família judaica da Bielorrússia. Desde muito pequeno, interessou-se pelo estudo e por várias áreas do conhecimento, pois recebia de sua família grande estimulação. Seus estudos auxiliam perceber, a partir das contribuições de Karl Marx, o desenvolvimento humano que parte das relações sociais para as individuais. Aos 17 anos, findou o então

denominado ginásio e depois disso ingressou na Faculdade de Medicina, posteriormente, na Faculdade de Direito e se matriculou no Curso de História e Filosofia da Universidade Popular Chaniavski. Seus estudos centram-se na importância da cultura na vida do ser humano, entendendo que os aspectos biológicos – preponderantes em determinados momentos históricos – não são os mais determinantes em seu desenvolvimento.

A Teoria Histórico-Cultural nos ampara, ao pensarmos nos professores e nas crianças, sujeitos da Educação Infantil, nosso foco de estudo, pois, como Teixeira e Barca (2017, p. 29) afirmam, ela nos auxilia a compreender e explicar “o complexo processo de formação humana e que nos permite conceber as professoras e os professores de Educação Infantil como intelectuais cuja função é organizar de forma intencional o processo de formação social da personalidade da criança”.

Estudar e trabalhar com a Educação Infantil é promover o desenvolvimento social da personalidade das crianças. O relacionamento estabelecido com os adultos e com outras crianças é de fundamental importância para o desenvolvimento delas, pois cada pessoa tem sua personalidade e sua forma de pensar, construído no meio familiar e com as pessoas ao seu redor. Paralelo a isso, também cumpre cultivar as competências motoras, emocionais, oferecer condições de se descobrir como ser humano, saber compartilhar as coisas com os colegas e aprender a conviver coletivamente. O desenvolvimento depende muito das práticas vividas no decorrer dos anos. Teixeira e Barca (2017, p. 33) explicam que:

Todas as funções típicas do psiquismo humano – como, por exemplo, a fala, o pensamento, a imaginação – aparecem em cena duas vezes ou em dois planos: primeiro no plano social (vivido entre as pessoas) e depois no plano individual (no interior da própria pessoa). E a relação entre os dois planos se dá de forma dialética. Isto significa que o vivido social e coletivamente não é internalizado pela criança como se fosse um espelho. Os processos vividos no plano social são reconstruídos pela criança no plano psicológico. Isso se aplica a todas as funções psicológicas superiores: à fala, ao pensamento, à memória, ao afeto, a imaginação. Enfim, a todas as funções que constituem a inteligência e a personalidade da criança.

Tudo o que as crianças vivem no plano social não é internalizado de maneira imediata e, sim, reconstruído no plano psicológico, promovendo o seu desenvolvimento.

Ao longo dos seus estudos, Vigotski elaborou vários conceitos para explicar o desenvolvimento humano e sua relação com a personalidade. Um deles é a *mediação*,

que significa que a interação do homem com o mundo não é direta e, sim, mediada por estímulos que têm a intenção de facilitar essa operação. Nesse sentido, há dois tipos de elementos mediadores, fundamentais para o desenvolvimento dos processos mentais superiores e mostram a importância das relações sociais entre os indivíduos: os instrumentos e os signos. Também escreveu sobre *A relação entre pensamento e linguagem*, em que aponta a linguagem como o sistema básico simbólico de todos os grupos humanos, usado para a comunicação; e, ainda sobre a *Zona de desenvolvimento próximo (ZDP)*<sup>4</sup>. A ZDP se refere a tarefas que uma criança consegue realizar sem o auxílio de um adulto ou uma criança mais velha e, com isso, o desenvolvimento ocorre de forma retrospectiva, ou seja, refere-se a etapas já alcançadas por ela, e também àquelas tarefas que a criança necessita do auxílio de alguém mais experiente, quando ocorre um desenvolvimento caracterizado por etapas posteriores, em que a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado de uma ação individual. Conhecer todo esse processo é essencial, porque contribui para que compreendamos como ocorre a apropriação de conceitos fundamentais para que o sujeito se desenvolva.

Na sua perspectiva, a formação da personalidade é a existência social concreta da pessoa, nas diferentes relações sociais de que ela participa (VIGOTSKI, 1997). Melhor dizendo, a formação da personalidade se dá a partir das relações sociais que o sujeito tem e teve com diferentes culturas. E as crianças de Educação Infantil são sujeitos participantes do processo social, isto é, “[...] a criança é uma parte do meio vivo, esse meio nunca é externo para ela. Se a criança é um ser social e seu meio é o meio social, se deduz, portanto, que a própria criança é parte de seu meio social” (Vigotski, 1996, p. 382).

Vigotski estudou, ainda, acerca do elemento fundamental para o desenvolvimento das crianças, a fala, a qual tem um grande papel na organização da atividade infantil, pois os conhecimentos espontâneos que elas expressam na escola são externalizados por meio da fala. Segundo Vigotski (1991, 28), a criança a utiliza a fala para se comunicar e expressar sentimentos.

A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de *uma mesma função psicológica complexa*,

---

<sup>4</sup> Em algumas traduções de obras de Vigotski aparece: Zona de Desenvolvimento Proximal, Zona do Próximo Desenvolvimento e Zona de Desenvolvimento Iminente.

dirigida para a solução do problema em questão. Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação.

Além das contribuições de Vigotski, buscamos amparo também na Teoria da Atividade, de Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979), um dos colaboradores mais próximos de Vigotski e continuou sua pesquisa após o falecimento dele, sendo um dos principais expoentes da Teoria da Atividade (TA).

No cotidiano, à palavra *atividade* são atribuídos diversos sentidos como os que encontramos no dicionário do Google: “qualidade do que é ativo” ou “faculdade ou possibilidade de agir, de se mover, de fazer, empreender coisas”. Porém, Lopes (2009, p. 83) destaca que, na perspectiva da teoria de Leontiev, a atividade “pode ser entendida como um sistema que possui uma estrutura e um desenvolvimento, cuja função é orientar o sujeito no mundo dos objetos”. Sendo assim, nem toda ação por si só é uma atividade e há algumas características que devem ser consideradas, como descreve o próprio Leontiev (2001, p. 68),

Por atividade, designamos os processos psicológicos característicos por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto) coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo.

O autor explica, também, que a relação do homem com o mundo é guiada por motivos e princípios planejados intencionalmente, nos diferenciando assim dos animais. Distinguindo o ser humano dos demais animais, há a sua natureza social. Tudo que nele há de humano foi desenvolvido por estar inserido em uma sociedade, que, por sua vez, parte de uma cultura criada e (re)criada pela humanidade (LEONTIEV, 1978). Também, o que diferencia os animais do ser humano é o processo consciente, pois, ao tomar consciência do objeto, ele consegue assimilar os diferentes conhecimentos.

*Las necesidades del hombre se forman en el proceso de su edycación, o sea, en el contacto com la cultura humana. Com la ayuda de instrumentos el hombre está em capacidad de modificar los objetos, adaptándolos para la satisfacción de sus propias necesidades, las cuales son preducto del desarrollo histórico. Em el hombre el pro ceso de satisfacción de las necesidades se manifiesta como un proceso activo, comum fin determinado y como un proceso que posee una forma de actividad desarrollada socialmente. (PETROVSKI, 1986, p. 95)*

Lembramos que Leontiev nos explica que o sentido é pessoal, e o significado é social. E as mudanças dos sentidos levam à atribuição de novos significados.

A compreensão dos sentidos pessoais e dos significados sociais são essenciais para analisarmos como os professores entendem os tempos e os espaços da Educação Infantil, sobre os quais trataremos a seguir.

### 3.2 OS TEMPOS E OS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO RECURSO DO PROFESSOR NA PRÁTICA EDUCATIVA

Neste item, apresentaremos os conceitos de *Tempo e espaço* mais especificamente, os tempos e os espaços de escolas de Educação Infantil. Como é determinado o tempo de crianças menores em escolas de Educação infantil? Como são construídos/determinados os espaços escolares de Educação Infantil? Todos os espaços escolares de Educação Infantil são iguais? Quais são as peculiaridades desses espaços? Quem são os responsáveis por construir esses espaços? Estes são alguns questionamentos que abordaremos neste item, pois são importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Destacamos, conforme Singulani (2017, p. 129), que o trabalho com Educação Infantil

envolve, além das nossas mediações diretas – quando falamos com as crianças, contamos histórias, orientamos uma ação, apresentamos um novo material –, também as indiretas – quando planejamos o tempo que a criança passa na escola e o espaço em que elas passam esse tempo.

As ações empreendidas nas escolas não são apenas ações, elas dependem muito dos espaços e dos tempos para que viabilizem aprimorar as relações sociais e as interações com o meio e aprendizagens.

Normalmente, a palavra *tempo* é muito mencionada no dia a dia das pessoas, principalmente no século em que vivemos, em que há muitas atribuições, e inúmeras são as mudanças por que passa a sociedade. Porém, ela pode assumir vários sentidos, dependendo muito das circunstâncias em que é empregada. Considerando o contexto que vivenciamos no ano de 2020, decorrente da pandemia mundial causada pela Covid-19, o termo *tempo* foi muito utilizado. Ao ser decretado o isolamento social, a maior parte das pessoas passou a ter mais *tempo* para ficar em casa, muitos com sua família, outros solitários; para se cuidar e cuidar dos outros, na

expectativa de evitar o alastramento do vírus. Muitos passaram a dispor de um *tempo* que talvez não tivessem disponível antes. Isso nos leva a refletir em que medida a percepção do *tempo* é subjetiva.

A relação do ser humano com o *tempo* está vinculada às suas atribuições como ir trabalhar ou estudar, obedecer ao horário da escola do seu filho (a). Ainda, o *tempo* pode se referir a lembranças do passado, “*como era bom aquele tempo*”, como algumas pessoas dizem; ou até mesmo pensar em um futuro mais próximo, ou mais distante, “*estou educando meu filho assim, para que no futuro não sofra*”. Assim, podemos perceber que à palavra *tempo* podem ser atribuídos diferentes sentidos pessoais.

E o contexto escolar, de que tempo ele depende? O tempo escolar é muito importante, pois o lugar ganha uma estrutura. Há um tempo de início e um tempo final para que a rotina escolar não fique desestruturada na escola. Mas o que é rotina? Segundo Luft (2000, p.586), rotina é “repetição das mesmas coisas, dos mesmos atos; prática costumeira; norma constante de proceder”. Assim, a rotina é uma maneira de organizar, organizar o espaço escolar em determinados horários. As escolas têm seu tempo, a sua rotina, o início da aula, a hora do lanche, do recreio, das atividades e a hora de fechar a escola.

Mas em tempos de pandemia, qual significado assumiu o tempo escolar?

Considerando o atual contexto vivenciado em 2020 e 2021, o tempo escolar foi organizado em aulas não presenciais, sem a rotina escolar com que as crianças e professores estavam acostumados. O tempo vivenciado, e que estamos vivenciando, aconteceu de uma forma diferente do usual. Os pais das crianças tiveram que se dedicar às tarefas, organizar a rotina em suas casas, com hora para desenvolver as atividades que os professores mandavam, com hora de dormir e acordar, tomar café da manhã, almoçar, brincar e jantar.

A rotina, bem como o tempo destinado a cada uma das tarefas das crianças de Educação Infantil e outros níveis de ensino, é extremamente relevante, pois, “toda a vida concreta desenrola-se não apenas no tempo, mas também em determinados ambientes e em determinadas situações sociais” (ZEIHER, 2004, p. 180).

Assim como o termo *tempo*, o termo *espaço* pode ter vários significados na vida das pessoas: *espaço* de tempo, que pode ser curto ou longo, de um dia, uma semana ou até de um ano; um *espaço* dentro de um carro tradicional, quando fazemos um passeio, no qual cabem somente cinco pessoas; até mesmo os caracteres desta



escrita em que, além das letras, há os *espaços* que devem ser dados para a escrita ficar mais legível. Ainda o sistema solar, que fica em um *espaço*; o *espaço* teatral em que se apresentam pessoas; ou um *espaço* de sala de aula. Em suma, o termo *espaço* pode ser empregado com várias acepções, dependendo muito do contexto em que estamos vivendo e a qual tipo de “espaço” nos referimos para tal momento.

O espaço escolar não se trata apenas de um aspecto físico que tem paredes, teto e chão, pelo contrário, envolve também as relações com as pessoas, uma vez que os espaços são ocupados, por professores, diretor (a), coordenador (a), alunos, servente e merendeira, permeados por sentimentos, emoções, afeto, curiosidades, respeito ao próximo, ou seja, pelas relações sociais. Em síntese,

[...] é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço. (FORNEIRO *apud* HORN, 2004, p.23)

Segundo Battini (*apud* FORNEIRO, 1998, p. 231),

[...] é necessário entender o espaço como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo. [...] o espaço é antes de mais nada luz: a luz que nos permite tanto a nós como a criança vê-lo, conhecê-lo e, portanto, ao mesmo tempo, compreendê-lo, recordá-lo, talvez para sempre.

Em vista disso, o espaço escolar é altamente significativo para as crianças, pois a sua lembrança no futuro pode despertar sentimentos agradáveis ou ruins e, inclusive, refletir nas relações sociais e no ensino e aprendizado, influenciando no seu desenvolvimento. E quem organiza os tempos e espaços é o professor, sobre quem falaremos no próximo item.

### 3.3 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AQUELE QUE COMPARTILHA E APRENDE

O professor de Educação Infantil é um sujeito fundamental na vida das suas crianças. São eles os mediadores do processo escolar de cada ser humano, sendo

influenciado pela forma que entende as crianças e suas possibilidades de desenvolvimento. É ele que oportuniza a aproximação com a cultura humana mais elaborada, materializada em conceitos construídos no passar dos tempos e amparados nos conhecimentos empíricos, que dizem respeito as experiências cotidianas construído no dia a dia. A organização do ensino do professor, pautada no tempo (rotina) e o espaço das crianças, é que as orientará na construção de conhecimentos.

Muito embora Vigotski (2010, p. 89) nos lembre que a “educação não é sinônimo de escola, ela acontece na vida, é ali que tratamos de algumas aprendizagens, nem sempre oportunizadas em outros lugares. Daí a responsabilidade do professor, como muito bem pontuam Teixeira e Borba (2017, p. 35):

Nossa tarefa exige muito mais responsabilidade, compromisso e conseqüentemente, mais e melhor formação. Nós, professoras e professores, somos os “organizadores do ambiente social e educativo”, os intelectuais que conduzem com base científica as relações sociais educativas das crianças com outras crianças, das crianças com professoras e professores e demais profissionais da escola e das crianças com os conteúdos da cultura.

Cabe ao professor organizar um ambiente social de educação, promover o aprendizado, propiciar a interação social das crianças e o saber diante das diferentes culturas. Enfim, esses profissionais são vitais para o desenvolvimento das crianças, sempre dispostos a planejar conforme suas curiosidades, dificuldades, São aqueles que “pensam, planejam, executam, registram, avaliam e transformam a prática juntamente com as crianças” (TEIXEIRA; BARCA, 2017, p. 35).

Com base em tudo até então discutido neste capítulo, o próximo volta-se ao desenvolvimento da nossa investigação, cuja organização metodológica apresentaremos na sequência.

#### 4 TRILHAS QUE PERCORREM A PESQUISA: METODOLOGIA

Cada investigação se constitui a partir de uma inquietação desencadeada por um tema, a qual se desenvolve por meio de uma determinada metodologia. As pesquisas educacionais assumem características próprias, pois “pesquisar em Educação significa investigar questões relacionadas aos seres humanos em seu próprio processo de humanização” (CEDRO; NASCIMENTO, 2017, p.13).

Nossa pesquisa pretende desvelar a seguinte questão: *Diante das condições de distanciamento social decorrentes da pandemia do ano de 2020, como a Educação Infantil do município de Agudo se reorganizou?* Tem como objetivo geral: *compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus Tempos e Espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras.* Para atender ao objetivo geral, estabelecemos três ações investigativas, materializadas nos seguintes objetivos específicos:

- *Conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente.*
- *Identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia.*
- *Compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebem a organização do ensino remoto, em momentos de novos Espaços e Tempos.*

Para produzir os dados da pesquisa foram realizados estudos em livros e entrevistas semiestruturadas, tendo em vista os objetivos específicos traçados. Nas entrevistas, tencionamos evidenciar a vivência humana e como essas experiências foram sendo construídas pelos seres humanos individual e socialmente. Em se tratando de experiências vivenciadas no contexto escolar dos sujeitos, entendemos não existir uma única verdade ou uma versão correta dos fatos, como estamos acostumados a buscar. Assim, levando em consideração que essa pesquisa foi desenvolvida, a partir da fala de sujeitos de contextos e vivências diferentes, cada entrevistado tem a sua visão e opinião sobre determinados assuntos, mesmo se tratando de perguntas próximas ou iguais.

Para atender ao primeiro objetivo específico – conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente –, seguimos dois momentos: primeiro, empreendemos uma consulta bibliográfica sobre o município de Agudo. Entretanto, encontramos algumas dificuldades, uma vez que localizamos somente uma referência na Biblioteca Municipal que tratava sobre o assunto, o livro *Agudo, Meu Torrão Amigo*, publicado em 2014 pelos organizadores Gerson Jonas Schirmer, Rosineide Dalla Corte da Silva e Solange Ivanete Becker. Em vista disso, parte considerável de dados históricos antigos que trazemos é apoiada nesta obra.

Em um segundo momento, entrevistamos três antigos moradores da cidade: Bruno, Laci e Zeni.<sup>5</sup> Bruno Beno Gehrke, com 76 anos de idade, é professor de matemática da rede municipal aposentado. Nasceu no interior de Paraíso do Sul, uma cidade vizinha de Agudo e que, naquela época, era distrito de Cachoeira do Sul. Morou nessa localidade até os 12 anos de idade, quando foi morar com sua família em Agudo. E como ele mesmo relata: “*dali o pai, que era alfaiate, já tinha pegado a concessão das roupas Renner, confecções Renner, de Porto Alegre, ele abriu filial em Agudo...*”. Laci Siegried Losekann Friedrich tem 69 anos de idade, reside em Agudo, localidade de Várzea do Agudo – Interior desde que nasceu em 10 de dezembro de 1951. Não tem filhos e tem como profissão ser dona de casa. Hoje em dia, no seu tempo livre, gosta de costurar roupas, fazer cucas para vender e reside sozinha em seu lar. Zeni Terezinha de Menezes Unfer, com 67 anos de idade, é professora aposentada, foi secretária de educação por oito anos e dois meses no município de Agudo, tem filhos e reside ainda na cidade.

As três entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2020, presencialmente, considerando os protocolos de segurança da covid-19, quais sejam: respeitar o distanciamento social, manter uma aproximação maior de 2 metros, utilizar máscara, higienizar mãos e objetos. Esses cuidados prevaleceram por se tratar de pessoas de mais de 60 anos, considerado grupo de risco para a Covid-19, e também porque naquele momento ninguém havia sido vacinado.

Para atingir o segundo objetivo específico – Identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia – realizamos, também no segundo semestre de 2020, uma entrevista com a então Secretária Municipal de Educação do ano de 2020: Professora Kika, como

---

<sup>5</sup> Atendendo à solicitação dos próprios entrevistados, não fizemos uso de nomes fictícios.

preferiu ser chamada assim, ao lhe ser questionada sobre o nome fictício para a pesquisa. Esta entrevista foi realizada presencialmente na prefeitura da cidade, em seu ambiente de trabalho e, do mesmo modo, seguindo os protocolos de segurança contra a covid-19, recomendados pelos órgãos sanitários<sup>6</sup>.

Já para cumprir o terceiro objetivo específico – Compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebem a organização do ensino remoto, em momentos de novos Espaços e Tempos – entrevistamos quatro professoras de Educação Infantil de duas escolas do município de Agudo: Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis e Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont. As professoras entrevistadas serão chamadas nessa pesquisa de Professora A, Professora B, Professora C e Professora D, a fim de resguardar as suas identidades. Tendo em vista que estas entrevistas foram realizadas em março de 2021, momento em que entramos em bandeira preta<sup>7</sup>, algumas aconteceram *online*, pela plataforma Google Meet. A única entrevista realizada presencialmente na escola foi com a Professora C, respeitando os protocolos de segurança. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para o procedimento de análise por meio de sete categorias estabelecidas *a priori*, que contemplaram o objeto investigado: 1) *os primeiros encaminhamentos*; 2) *a organização*; 3) *os desafios*; 4) *a relação com a criança*; 5) *os tempos e espaços*; 6) *retorno ao presencial*; e, 7) *os sentimentos*.

O Quadro 7 mostra uma organização total do desenvolvimento da pesquisa.

---

<sup>6</sup> Dentre estes destacamos: uso máscara, higienização constante das mãos com álcool em gel, distanciamento físico de 2 metros; não contato físico (como aperto de mão), e não compartilhamento de objetos.

<sup>7</sup> No período da pandemia da Covid-19, o Governo do estado do Rio Grande do Sul adotou um modelo de distanciamento controlado que classificava as regiões do estado. Este modelo previa quatro estágios de controle, organizados em bandeiras: amarela, laranja, vermelha e preta. A amarela indicava situação mais amena, com medidas mais flexíveis, e avançando o grau de restrições até a preta, quando era considerado necessário maior restrição. As regiões em **bandeira preta** eram assim definidas principalmente por causa da capacidade hospitalar crítica; grande número de casos de internações em leitos de UTI pelo COVID 19.

Quadro 7: Desenvolvimento da Pesquisa

<b>Problema da Pesquisa</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Ações gerais</b>	<b>Objetivos Investigativos</b>	<b>Ações Específicas</b>
<i>Diante das condições de distanciamento social decorrentes da pandemia do ano de 2020, como a Educação Infantil do município de Agudo se reorganizou?</i>	<i>Compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus Tempos e Espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Estudo teórico sobre:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Teoria Histórico-Cutural;</li> <li>-Formação de professores</li> <li>-Tempos e Espaços da EI</li> <li>-História do município de Agudo</li> </ul> </li> <li>● Realização de Entrevistas</li> <li>● Análise dos Dados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <i>Conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente;</i></li> </ul>	Pesquisa em livros. Entrevista com: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Bruno,</li> <li>-Laci</li> <li>-Zeni</li> </ul>
			<ul style="list-style-type: none"> <li>● <i>Identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia;</i></li> </ul>	Entrevista com a Secretária de Educação ano de 2020: -Kika
			<ul style="list-style-type: none"> <li>● <i>Compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebem a organização do ensino remoto, em momentos de novos Espaços e Tempos.</i></li> </ul>	Entrevista com quatro professoras de duas escolas de Ensino Fundamental que tem Educação Infantil: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Professora A</li> <li>-Professora B</li> <li>-Professora C</li> <li>-Professora D</li> </ul>

Fonte: Sistematização das autoras

No capítulo 5, nos dedicaremos a contar a história do município de Agudo, tendo por fonte os documentos pesquisados, essencialmente o livro *Agudo, Meu Torrão Amigo...* (2014), e, também, explicitaremos algumas falas dos entrevistados relacionadas a esse tema e, por último, dados referentes ao ensino do município de Agudo em tempos de pandemia.

## 5 AGUDO, MINHA TERRA, MEU CHÃO: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AGUDO

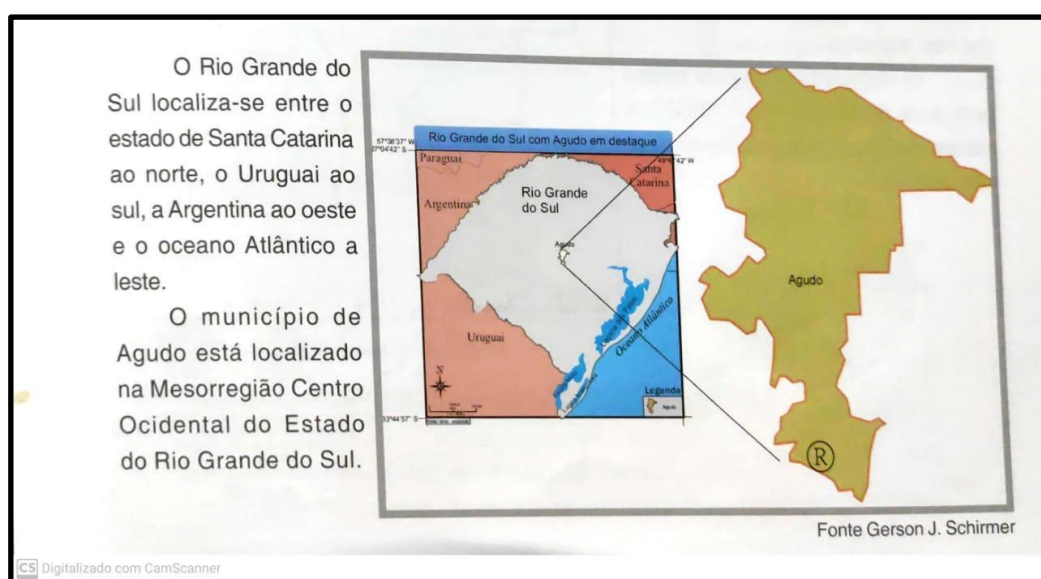
Para empreender a nossa investigação sobre a Educação Infantil no município de Agudo, interessante se faz conhecer, primeiramente, um pouco da história do município e depois como aconteceu ali a educação e a formação da rede de ensino.

Assim, no item 5.1, apoiadas no material disponibilizado pela Biblioteca Municipal da cidade, o livro *Agudo, Meu Torrão Amigo* (2014), traremos informações da história de Agudo desde a chegada dos imigrantes alemães. No item 5.2, apresentaremos dados coletados, a partir das entrevistas realizadas com três pessoas que contaram suas vivências e recordações sobre a *História de Vida e Educação do Município*. Já no item 5.3, apontaremos questões relativas à educação no município em tempos de pandemia, a partir dos dados colhidos da entrevista com a então Secretária Municipal de Educação.

### 5.1 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE AGUDO

O município de Agudo tem a característica de possuir grandes várzeas para o cultivo do arroz e matas localizadas nos interiores, como muito bem descreve seu hino: “Debruçada nas várzeas e matas...”. O município está localizado na região central do Rio Grande do Sul, distante 240 km da capital gaúcha (Porto Alegre) e com 83 metros de altitude em relação ao nível do mar.

Figura 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul e cidade de Agudo



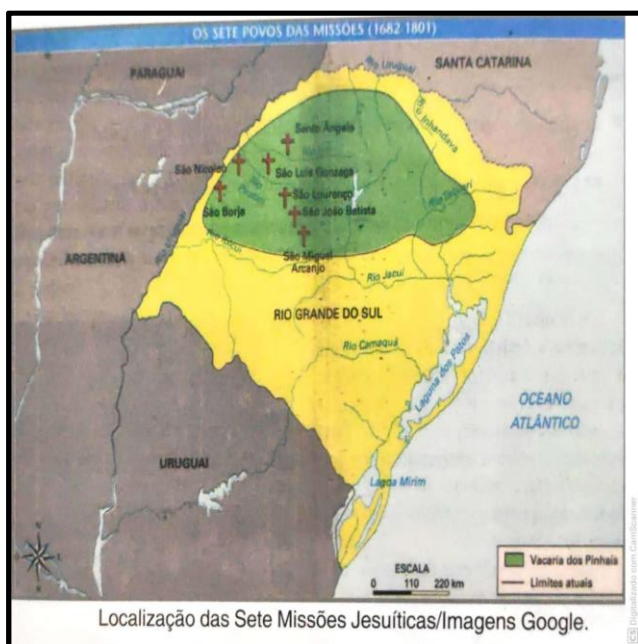


Fonte: Agudo, *Meu Torrão Amigo...* 2014, p. 23

Os registros escritos contam que o município foi formado por imigrantes alemães que vieram ao Rio Grande do Sul, em 1824, o qual antes disso era habitado por povos indígenas, dispostos em três grupos: os Guaranis, os Jês e os Pampianos. A seguir uma ocupação europeia trouxe os Jesuítas, que fundaram alguns povoados que foram chamados de Missões ou Reduções. O território rio-grandense foi ocupado também por povoadores de origem portuguesa, que atacaram as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios e vendê-los como escravos.

Por volta de 1682, os jesuítas, a mando da Coroa Espanhola, fundaram os Sete Povos das Missões

Figura 2: Localização das Sete Missões Jesuíticas



Fonte: Agudo, *Meu Torrão Amigo...* 2014, p. 8

Porém, após a fundação,

Os jesuítas e os índios missioneiros foram vencidos pelos portugueses e espanhóis, ocasionando a decadência dos Sete Povos, em 1768. Restando atualmente apenas ruínas que testemunham a atuação dos europeus no território gaúcho. (SCHIRMER; SILVA; BECKER, 2014, p. 10)

Figura 3: Ruínas das reduções jesuíticas de São Miguel



Fonte: Imagens Google

A Alemanha, no século IX, passou por um período de muita pobreza, o que acarretou a imigração de muitas famílias, em busca de terras virgens, em que pudessem construir suas vidas do zero. Assim, os primeiros alemães chegaram ao Rio Grande do Sul, em 1824, desembarcando no lugar onde fica, hoje em dia, a cidade de São Leopoldo.

Com a chegada dos imigrantes, ampliou-se o surgimento de colônias, formando, assim, a colônia de Santa Cruz, a qual recebeu um maior número de imigrantes. Com o entusiasmo dos resultados, decidiram “fundar a colônia de Santo Ângelo, no município de Cachoeira, situada entre o campo e a serra. Este trabalho foi iniciado em 1857, com 21 famílias” (2014, p. 12), Colônia de Santo Ângelo foi fundada por imigrantes alemães, sendo os primeiros procedentes da Pomerânia, que “se deslocaram de navio pelo rio Jacuí e desembarcaram ao norte do morro Agudo, na margem esquerda do rio, onde hoje é a localidade de Cerro Chato, no dia 1º de novembro de 1857”, como ilustra a Figura 4.

Figura 4: Monumento ao Imigrante



Fonte: Acervo da autora/localidade de Cerro Chato

O morro Agudo, conhecido por ser pontiagudo, se localiza, nos dias de hoje, em frente à principal avenida da cidade de Agudo, a Avenida Concórdia, e possui 429 metros de altura, e é o responsável pelo nome do município de Agudo.

Segundo relatos do livro *Agudo, Meu Torrão Amigo...* (SCHIRMER; SILVA; BECKER, 2014), em 1865, a Colônia Santo Ângelo se tornou parte do 1.º Distrito de Cachoeira do Sul e, conforme conta o historiador William Werlang, em setembro de 1885, a Câmara Municipal de Cachoeira do Sul a fim de arrecadar imposto colonial, dividiu a colônia de Santo Ângelo em seis grandes complexos, que constituíram os municípios de Agudo, Restinga Seca, Nova Palma, Dona Francisca, Paraíso do Sul e Cerro Branco, dando-se por extinta a Colônia de Santo Ângelo, como mostra a imagem a seguir:

Figura 5: Municípios que faziam parte da Colônia de Santo Ângelo



Fonte: *Agudo, Meu Torrão Amigo...* 2014, p. 15

Em 1957, foi formada uma comissão de pessoas com o intuito de pleitear a emancipação do município, a qual foi aprovada pelo então governador, Leonel de Moura Brizola: “segundo a Lei Orgânica Municipal n.º 3718, de 16 de fevereiro de 1959, fica instituído o Município de Agudo” (*Agudo, Meu Torrão Amigo...* 2014, p. 15).

A partir de entrevistas realizadas com três pessoas que, por meio de suas memórias, nos permitiram conhecer sobre a educação e a história de Agudo, em especial sobre a formação da Rede de Ensino, iniciada com a chegada dos imigrantes alemães, desenvolveremos o próximo subitem.

## 5.2 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE AGUDO

Levando em consideração que o município não tem muitos arquivos que falam sobre a educação e a formação da sua Rede de Ensino, tivemos que buscar outras fontes de pesquisas que apresentassem esses dados, no caso, entrevistas com três pessoas. Os recursos necessários para a entrevista foram o gravador e a câmera para gravação, ambos a partir do celular da autora.

Visando contemplar movimentos objetivos da pesquisa e, para compreendê-lo em seu movimento, elencamos excertos das falas dos sujeitos que representam alguns recortes de todo fenômeno investigado

Para apresentar nossos dados, organizamos o primeiro item: *Vivências a partir de relatos*, que se volta ao relato dos entrevistados em relação a dois temas: História de Vida (do entrevistado); e Educação do Município.

### 5.2.1 História de Vida

Para conhecer a história de vida dos entrevistados, inicialmente partimos da apresentação dos três entrevistados. Perguntamos-lhes se gostariam de ser identificados pelo próprio nome ou por um nome fictício. Todos preferiram ser chamados pelo nome verdadeiro, como vemos no Quadro 8.

Quadro 8: Sujeitos de pesquisa para a elaboração da Unidade I

Pseudônimo	Idade	Profissão
1. Laci	69 anos	Dona de casa
2. Bruno	76 anos	Professor aposentado
3. Zeni	67 anos	Professora aposentada

Fonte: Sistematização das autoras

Laci é do sexo feminino, 69 anos de idade, reside no interior, na localidade de Várzea do Agudo, desde que nasceu em 10 de dezembro de 1951. Não tem filhos e tem como profissão ser dona de casa. Hoje em dia, no seu tempo livre, gosta de costurar roupas, fazer cucas para vender e reside sozinha em seu lar. Ao entrevistá-la, percebemos uma inicial timidez no seu tom de voz em responder às perguntas. Atribuímos isso ao fato de não estar acostumada em responder perguntas com teor mais formal, ainda mais com uma câmera ligada.

Ela relatou ter cursado o que hoje corresponde à Educação Básica da primeira a quinta série (assim designado na época) em uma escola particular da cidade de Agudo chamada Santos Reis, que nos dias de hoje ainda existe, porém, é municipal.

**Pesquisadora:** *Você estudou em quais escolas de Agudo?*

**Laci:** *Só numa, na escola particular Santos Reis.*

**Pesquisadora:** *Naquela época era mais que um professor por turma? Quantos professores você tinha?*

**Laci:** *Um professor, de primeira a quinta série.*

**Laci:** *65 a 70 alunos  
(Laci, 25 set. 2020)*

Bruno, ao contrário de Laci, articulou oralmente bastante sobre sua vida. Tem 76 anos de idade e comemora o seu aniversário “*quase junto com o Papai Noel*”, segundo ele, 24 de dezembro. É professor aposentado de matemática da rede municipal. Nasceu no interior de Paraíso do Sul, que é uma cidade vizinha de Agudo e que, naquela época, era distrito de Cachoeira do Sul. Morou nessa localidade até os 12 anos de idade, quando foi com sua família para Agudo, como ele mesmo relata: “*Dali o pai, que era alfaiate, já tinha pegado a concessão das roupas Renner, confecções Renner, de Porto Alegre, ele abriu filial em Agudo...*”.

Em relação à sua formação, Bruno narra que concluiu a Educação Básica, lembrando que naquela época a etapa que hoje conhecemos como Ensino

Fundamental se chamava Ginásial. Já no Ensino Médio, então denominado de segundo grau, teve a oportunidade de fazer um curso de técnico de contabilidade. Ao finalizar essas etapas escolares, cursou graduação.

**Bruno:** *Além da contabilidade, do colégio Maua Santa Cruz, fui tirar o curso de ciências políticas econômicas na Universidade de Santa Maria e junto com isso o curso de matemática, ciências matemática, curta duração, na então FICS, Faculdade Imaculada Conceição de Santa Maria, hoje UNIFRA. Isso porque quando eu vim pra Agudo faltava professor de matemática, embora lá no colégio a gente dizia que a última coisa que eu vou ser na vida é ser professor, quando cheguei aqui em Agudo faltava professor de matemática e me convidaram, insistiram e eu aceitei.* (Bruno, 17 nov. 2020)

Bruno explica que, além da formação de técnico e da graduação de ciências políticas econômicas, se formou em matemática porque havia sido convidado para lecionar no município de Agudo por falta de professores na época. Juntamente com um colega de trabalho se deslocava para Santa Maria (que fica a 61,6 km de Agudo) para frequentar um curso de licenciatura curta em matemática, que habilitava para lecionar a disciplina no Ensino Fundamental. Posteriormente, teve a oportunidade de se especializar no curso de pós-graduação em administração escolar, mas sempre lecionando na área da matemática.

**Bruno:** *...e continuei naquele tempo sempre dando aula, com alunos em três turnos quando dava aula, mas no meio do trabalho docente, fui convidado para ser secretário municipal de educação e cultura de Agudo pelo então prefeito xxxx, primeiro mandato dele. E dos outros dois mandatos dele fui reconvidado novamente a trabalhar na secretaria de educação. E nos intervalos voltava pra sala de aula e pra dizer a verdade pesquisadora, é ali que eu me sinto à vontade, eu gosto de dar aula, gosto da matemática. A gente aprecia só o que começa a entender, porque lecionando você começa a entender a matemática... quando era aluno era diferente.* (Bruno, 17 nov. 2020)

Bruno, além de dar aula na Rede de Ensino do Município, foi convidado para atuar como Secretário de Educação de Agudo por volta dos anos 1972, 1973, até 1976. Apesar disso, é possível identificar na sua fala a satisfação em atuar como professor de matemática. E isto se comprova, ao se constatar que, atualmente, Bruno continua atuando como professor, embora seja por meio de aulas particulares que leciona para alunos da Educação Básica, Ensino Superior e pessoas que querem passar em concursos, na sua residência, onde tem um espaço destinado para esse fim, com quadro de giz, vários livros e mesa de sala de aula.

A Zeni, da mesma forma que Bruno, foi bem extrovertida em dialogar sobre as questões perguntadas.

Em relação à sua formação, relata que “*Fiz magistério em Sobradinho, depois Ensino Superior fiz Estudos Sociais em Passo Fundo... Eu fiz a plena em Santa Cruz do Sul, Educação Moral e Cívica e depois fiz Pós em o Ensino dos Estudos Sociais*”. Percebe-se que a Zeni colou grau e se especializou em um curso, buscando sempre novos conhecimentos para a sua formação.

Ao se formar e se especializar, Zeni aponta que trabalhou vários anos na Educação Básica no município de Cachoeira do Sul e, posteriormente, foi trabalhar na cidade de Agudo ficando até se aposentar.

*Eu vou começar pelo o início, que eu iniciei no município de Cachoeira do Sul... Lá, eu trabalhei três anos e depois eu ganhei o contrato, e eu vim para Agudo, e aqui eu fiquei, são 43 anos, vão fazer 44 anos que eu estou em Agudo. Eu trabalhei sempre na Educação Básica, na época trabalhei nove anos na Luiz Germano (escola estadual), escola de 1° a 5° ano, depois eu fui pra Willy Roos, onde lá, eu trabalhei até me aposentar, fui quase dez anos diretora daquele educandário e dava aula de história, geografia, ensino religioso, educação moral e cívica. Esse era o trabalho que fazia de 5° a 8° série. Mesmo na direção, quase todos os anos eu trabalho com duas, três turmas com o ensino religioso, para ter aquela experiência de ver as turmas como é que eram, o que os professores passavam lá dentro das turmas, como é que eram as turmas, para ter aquele contato, para poder administrar melhor junto com os professores e os alunos. (Zeni, 21 set. 2020)*

Ela trabalhou, ainda, na prefeitura de Agudo como Secretária de Educação por “oito anos e dois meses”.

No próximo subitem, apresentaremos dados em relação à educação do município de anos anteriores, com base nos relatos da Laci, por ter vivenciado e estudado desde bem pequena em Agudo, e Bruno e Zeni por sua atuação como professores da rede e também como Secretários de Educação do município em épocas distintas.

### **5.2.2 Educação do município**

Segundo o livro *Agudo, meu Torrão Amigo...* (2014), com a chegada dos imigrantes alemães, o município de Agudo formou a sua Rede de Ensino. Reconhecendo que a educação sempre foi uma das heranças principais na vida de seus filhos, as comunidades se organizavam para oportunizarlhes condições de

estudo. Assim, os pais e responsáveis tomavam para si a responsabilidade de contribuir com a organização das instituições escolares e, na falta de professores, prestavam atenção naquelas pessoas com maior conhecimento para ministrar as aulas. E isso é perceptível com o relato do Bruno, em que ele, ainda em formação inicial, foi convidado para lecionar como professor de matemática no município por falta de professores da área.

Os sujeitos da pesquisa trazem relatos em tempos diferentes, Laci dialoga sobre o tempo de escola dela que foi por volta da década de 19 e 1960, Bruno expõe sua vida acadêmica e profissional na década de 1970 e a Zeni por volta de 1990 e 2000. Assim, iremos abordar relatos de escolarização da Laci primeiro, para depois mostrar as informações de Bruno e da Zeni.

Laci, como já mencionado, iniciou seu processo de escolarização e o desenvolveu sua Educação Básica da 1.<sup>a</sup> série até a 5.<sup>a</sup> série, que era o tempo máximo de escolarização que existia na escola que ela frequentava no município.

**Pesquisadora:** Como eram as escolas antigamente? Quantas tinham no município de Agudo? Você lembra?

**Laci:** *Ahh, antigamente era só particular, eu acho que umas seis em todo o município. E depois que o município emancipou, aí deu escolas do município. Mas aí eu já tinha parado de estudar.*

**Pesquisadora:** *Naquela época tinha Educação Infantil? (Jardim de infância)*

**Laci:** *Não! Começava com primeira série, tinha que ir com seis anos na aula.*

**Pesquisadora:** *E tinha Ensino Médio, essas coisas?*

**Laci:** *Não, no meu colégio não! Só de primeira a quinta série.*

(Laci, 25 set. 2020)

Considerando as respostas da entrevistada, percebemos que, naquele tempo de escolarização, a Educação Básica era composta por escolas particulares, provavelmente seis. E foi a emancipação do município que levou à criação de escolas municipais.

Já na década de 1970, quando Bruno assumiu seu primeiro mandato de Secretário de Educação, eram “33 escolas municipais, 13 escolas particulares e 6 escolas estaduais”, mas que aos poucos foram fechando.

*As escolas aqui quando assumi o primeiro mandato de secretário municipal de educação e cultura, eram 33 escolas municipais, 13 escolas particulares e 6 escolas estaduais. E essas escolas, principalmente as escolas do interior elas foram fechando aos poucos, mas não todas!*



*E no segundo mandato, nosso de secretário junto com o prefeito, verificamos que mais uma de uma dezena de escolas privadas/particulares tinham problemas sérios com dívidas junto a previdência social e estava prestes muito patrimônio ir para leilão. Então, a prefeitura não viu outro junto com as comunidades escolares, no caso, a denominação oficial, é sociedade escolar, com o nome depois de... nós fizemos reuniões com os pais com a diretoria, etc, cada escola em sua comunidade, o prefeito ia junto verificar, explicar a situação, eu também, para municipalizar a escola, não municipalizou patrimônio, esse não, patrimônio, a diretoria, a comunidade ficava como era antes e está até hoje, pode ver Pesquisadora, que você tem exemplos aqui perto, a escola Santos Reis, a escola General Ozório (não existe mais), tem vida esportiva comunitária, social, lá nos próprios pavilhões das escolas e esses continuam, continuam... a prefeitura não quis tomar conta desses aspectos da comunidade escolar. Mas, as escolas, as doze escolas foram daí municipalizadas sobrando a escola Dom Pedro na sede aqui, que seguiu com os seus problemas e tendo que entregar os pontos e fechou, a escola Dom Pedro fechou, e o prédio estava indo para leilão e a prefeitura comprou o prédio no leilão e colocou outra escola. (Bruno, 17 nov. 2020)*

Naquela época as escolas privadas foram dando espaço para as públicas, principalmente por questões econômicas relativas à manutenção das instituições. Assim, algumas delas foram municipalizadas, sobrando, assim a escola Dom Pedro II, que ano de 2019 veio a leilão, tornando-se também municipal. No município, até o final dos anos de 1990, restava uma escola particular, que comportava alunos de Educação Infantil, mas que, por conta da pandemia mundial que ocorreu no ano de 2020, fechou também pela pouca demanda de alunos.

Ao contrário de Laci e Bruno, Zeni conta que, na época em que estava na prefeitura como Secretária de Educação, se sucedeu a ampliação de escolas municipais.

*O tempo do governo do senhor XXXX, ele ampliou muito o transporte, então se a maioria das escolas era de 1° a 5° ano e aí o transporte tinha que ter para trazer pra Agudo (cidade) e com o intuito de melhorar a educação e a gente começou a ampliar as escolas, fazer escolas maiores e transformar em escolas de Ensino Fundamental, em cada polo a gente criou uma. Os alunos praticamente no município nessa época que nós entramos lá, em 1997 até 2003 que ficamos, quase dobramos o número de alunos nas escolas municipais e desafogou no caso a escola aqui da cidade, que era a Willy Roos, que todos os alunos de 5° em diante, 6° série vinha tudo para cidade, daí começaram a ficar na sua localidade estudando nas escolas polos que nós tínhamos em todos quatro cantos do município, como se diz aí, a gente criou uma escola de ensino fundamental. (Zeni, 21 set. 2020).*

Ao questionar Laci sobre a existência da primeira etapa da Educação Básica naquele tempo, ela aponta que não existia Educação Infantil, somente da primeira a quinta-série. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), (Art. 21, inciso

l), evidencia a importância da Educação Infantil em escolas, mas ela foi promulgada somente em 1996.

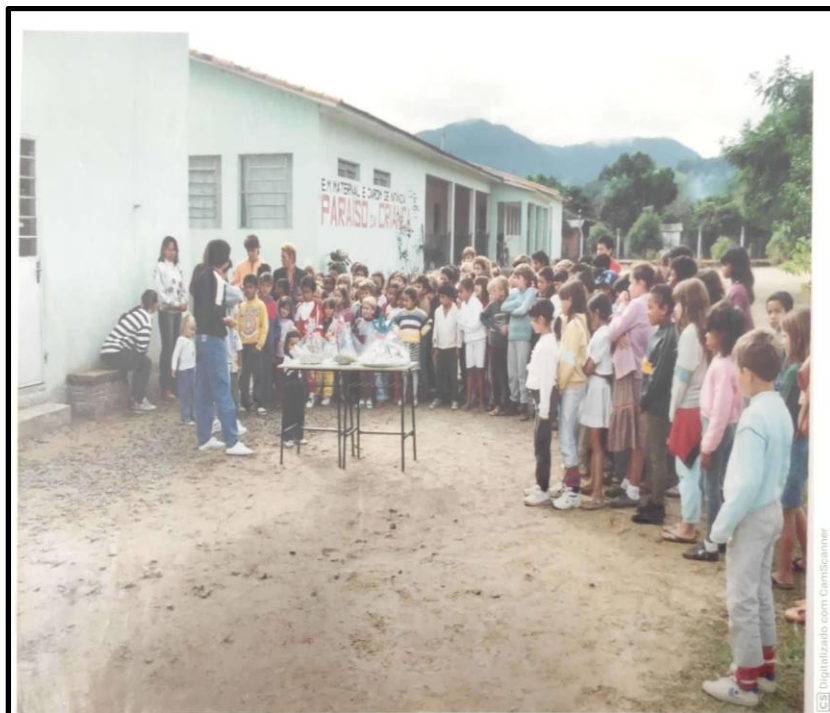
A expansão da Educação Infantil iniciou-se mais tarde, como relata Bruno, ao se referir ao segundo mandato dele de Secretário de Educação, quando já havia creche para crianças.

*Quando apareceu a migração acentuada de pessoas para a sede do Município e falando nisso nós logo falamos em... hoje chamado de Bairro Caiçara, onde maioria de dados que começaram lá eram assalariados aqui da cidade e os migrantes, principalmente das lavouras de arroz, Várzea do Agudo, Porto Alves, vieram se localizar na Vila e aí ali já se viu que as próprias mães, como continua até hoje, as mães se obrigam também a trabalhar e aí quem cuida dos filhos... se abriu creches na escola da Vila no começo, já naquele nosso tempo, no nosso mandato foi aberto a escola Paraíso da Criança, escola de Educação Pré-escolar que foi construído no nosso segundo mandato. (Bruno, 17 nov. 2020)*

É possível perceber como essa ampliação aconteceu devido a demanda dos pais. Por exemplo, a Escola Municipal de Educação Infantil Paraíso da Criança foi criada, para atender aos familiares que tinham que trabalhar, ou como pessoas assalariadas, ou como agricultores e, por isso, viam nela um apoio onde pudessem deixar seus filhos. Embora entendamos esta demanda, isso expressa uma ideia de Educação Infantil assistencialista, criada para os pais terem onde deixar seus filhos, o que ainda é bastante presente na sociedade, ao contrário de um espaço pensado para o desenvolvimento das crianças,

A Figura 7 ilustra uma imagem da referida escola.

Figura 6: Registro fotográfico da escola Paraíso da Criança em rifa de páscoa, realizada em 12 de abril de 1995



Fonte: Fotografia anexada em álbum da escola Santos Dumont

Em relação aos professores daquela época, a sujeita Laci expõe que era um professor para todas as turmas, de primeira a quinta-série, totalizando “65 a 70 alunos” por turma.

**Pesquisadora:** *Naquela época era mais que um professor por turma? Quantos professores você tinha?*

**Laci:** *Um professor, de primeira a quinta série.*

**Pesquisadora:** *A(s) escola(as) eram compostas por quantos alunos mais ou menos?*

**Laci:** *65 a 70 alunos.*

**Pesquisadora:** *Como eram os professores da época?*

**Laci:** *Ah, o professor era muito bom, mas, ele era rígido. Tinha que fazer os temas em casa, se não fazia ganhava castigo. Batia na gente, batia nas palmas das mãos, botava a gente em cima de tampa de garrafa, tinha que se ajoelhar quem não fazia os temas, era muito rígido. (Laci, 25 set. 2020)*

Observando as respostas de Laci, notamos que as turmas eram compostas por muitos alunos e só um professor para desenvolver as ações. Também, ela conta que o professor era “rígido”, que aplicava castigos, caso as tarefas de casa não fossem desenvolvidas. Mas, apesar das punições, considera que o professor era uma pessoa boa.

Para aprender os conteúdos, segundo Laci, recorria-se ao livro didático. E, como a escola era particular, além de arcar com o custo da escola, os alunos tinham que comprar seus livros para aprender em sala de aula.

**Pesquisadora:** Como era a forma de aprender os conteúdos?

**Laci:** *Tinha livros e passava no quadro, e dos livros tinha que copiar, nada de escrever dentro dos livros. Tinha que copiar, passar tudo para o caderno, e aí responder, e aí no outro dia ele (professor) corrigia.*

**Laci:** *Aí passava de um para os outros filhos assim, se tinha mais irmãos pequenos passava um para o outro.*

**Pesquisadora:** *E vocês tinham que levar caderno para a escola ou vocês ganhavam cadernos?*

**Laci:** *Tinha que levar tudo! Até pagar o colégio particular.*

**Pesquisadora:** *E era muito caro o colégio na época?*

**Laci:** *Não, não era muito caro. Porque muita gente tinha muitos filhos, aí não podia cobrar muito a mensalidade.*

**Pesquisadora:** *E como tu ia para a escola?*

**Laci:** *De a pé, uns 6 quilômetros a pé.*

(Laci, 25 set. 2020)

Além do livro didático, um recurso utilizado era o quadro de giz para os alunos copiarem em seus cadernos as matérias extras, caracterizando o que poderíamos chamar de ensino tradicional. Levando em conta que o livro didático tinha que ser comprado, algumas ações poderiam ser desenvolvidas nele, porém os alunos precisavam copiar no caderno as atividades, para que os irmãos pudessem usar no ano seguinte o mesmo livro, sem precisar ter um gasto extra, já que naquele tempo as famílias, normalmente, eram compostas por vários filhos.

A fala de Bruno nos revela que, por volta da década de 1970, as atividades eram desenvolvidas por meio de livros didáticos, também, mas o Ministério da Educação (MEC) mandava-os para as escolas a partir do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Havia, ainda, formações continuadas para os professores, abrangendo assim possibilidades de ensino para os alunos, como vemos na citação a seguir, quando perguntamos quais eram os desafios encontrados pelos professores na organização do ensino de antigamente.

*O ensino, ele estava bitolado a maneira antiga do jeito que o professor achava, eu faço do jeito como que quero e fazia, e as crianças, por incrível que pareça aprendiam também. A matemática, por exemplo, usando o meu*

*ramo, a tabuada, hoje em dia é um problema, tem alunos de ensino médio que tem problemas na tabuada, então isso é uma coisa que no ensino primário dava.*

*Mas as novas técnicas de aprendizagens... o MEC mandava livros novos para os alunos, então nós treinávamos os professores... cada ano tinha dois, três treinamentos de professor, não só para usar os livros que apareciam lá para os alunos, mas também para técnicas de aprendizagens, diferentes trabalhos em grupos, coisas que os professores não conheciam... trabalho de pesquisa e etc.... então, mudou bastante em Agudo sim. (Bruno, 17 nov. 2020)*

Essa fala denota que os professores tinham autonomia para organizar o seu ensino, mas existiam técnicas de aprendizagens consideradas mais eficazes, e os livros didáticos eram suporte para o planejamento dos professores. Essas características se aproximam da tendência tecnicista, que se caracteriza por não se centrar especificamente nem no professor nem no aluno, mas nos objetivos instrucionais, nos recursos e nas técnicas de ensino (FIORENTINI, 1995).

Por conseguinte, iremos abordar o tema pandemia mundial, que ocorreu em todo o mundo, mais especificamente como a Secretaria Municipal de Agudo se organizou nesse primeiro ano dela.

#### *5.2.2.1 Educação em Agudo no ano de 2020*

A passagem do final do ano de 2019 para o ano de 2020 foi, como de costume, de muitas comemorações, como sempre se faz no Brasil. Comemora-se a virada do Ano Velho (2019) para o Ano Novo (2020). Também houve o carnaval, dia 25 de fevereiro, com alguns dias de festas, os quais foram de muita diversão em todas as regiões do Brasil, ou seja, até os meses de janeiro e fevereiro de 2020, vivemos uma vida considerada “normal”.

Porém, em outro país foi um pouco diferente, em dezembro de 2019, na China, na cidade de Wuhan, foi identificado o que se denominou do novo Coronavírus, vírus que causa a doença conhecida como COVID-19. Não demorou muito tempo, e o vírus se alastrou pelo mundo inteiro, atingindo milhões de pessoas, e deixando as pessoas preocupadas e sem saber como agir perante aquilo que se tornou uma pandemia mundial. Como o vírus se espalhou muito rápido pelo mundo, e muitas pessoas estavam sendo contagiadas, para evitar que mais pessoas ficassem doentes ao mesmo tempo, foi necessário tomar medidas urgentes, que passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, como: evitar sair de casa e ficar em isolamento social, lavar bem as mãos e passar álcool em gel, usar máscara facial de proteção.

E então, o estado do Rio Grande do Sul emitiu o decreto de calamidade pública, e a consequente suspensão das aulas presenciais, levando à realização de ações não presenciais, dando autonomia para as mantenedoras se adaptarem às condições e às possibilidades de cada uma de suas escolas.

E assim, as escolas, como um espaço que concentra um grande número de pessoas, precisaram, inicialmente, parar e depois passaram a realizar suas atividades de forma não presencial, para evitar o contágio de uma doença que se mostrava tão letal e sem um o tratamento comprovadamente eficaz cientificamente.

As ações a distância resultaram em diferentes organizações, como: acesso à internet, aulas síncronas e aulas assíncronas, organização de material impresso que era deixado na escola para as famílias buscarem, entre outros modos de ação.

E tudo isto teve impactos também na Educação Infantil, conforme explicou a Secretária de Educação do município de Agudo do ano de 2020, Kika, em entrevista presencial, gravada com gravador de celular para ser transcrita posteriormente e seguindo todos os protocolos de segurança sanitária. Segundo ela, a rede teve que se readaptar, reconfigurar suas metodologias de ensino para as escolas municipais. Quando lhe perguntamos como queria ser chamada na pesquisa, ela respondeu: *“Olha, pesquisadora, eu tenho vários apelidos, mas vamos culpar o Kika, que todo mundo me chama de Kika, tá!”*

Quadro 9: Secretária de Educação de 2013 a 2020

Pseudônimo	Idade	Profissão
Kika	55 Anos	Professora de Matemática

Fonte: Sistematização das autoras

Kika trabalha há 34 anos no município de Agudo, no qual com 16 anos de idade findou o Ensino Médio e, posterior a isso, fez o concurso público do município, passando em primeiro lugar e exercendo a profissão de professora.

*Olha, eu trabalho há 34 anos já, no município de Agudo, quando eu terminei o meu Ensino Médio com 16 anos em dezembro. Em janeiro eu fiz o concurso público de Agudo para professora e passei, passei em primeiro lugar e só tinha vaga em uma escola na Linha das Pedras, era divisa com Sobradinho aquela época, Ibarama, lá em cima, e aí eu fui. E no próximo ano era o doutor XXX o prefeito na gestão, e aí no próximo ano ele já me transferiu para do*

*lado da minha casa, para a escola Várzea do Agudo, isso tudo facilitou. (Kika, 10 set. 2020)*

Como relatou, Kika trabalhou em algumas escolas do município de Agudo e, também, como professora de matemática na escola Santos Reis, na qual assumiu o cargo de diretora por alguns anos. E posterior a isso, foi convidada a assumir a Secretária de Educação em 2013, cargo que ocupou por 7 anos consecutivos.

**Kika:** *Eu trabalho aqui desde 2013, estou nas duas gestões do prefeito X né, que ele foi reeleito, e desde 2013, primeiro dia, dia 02 de janeiro de 2013 eu estou aqui e permaneci, então, toda a nossa equipe permaneceu, a X que no primeiro ano era secretária, e aí ela não quis mais, e aí o prefeito me determinou que eu seria, até levei um susto no dia, eu disse prefeito eu vou pensar, ele disse não, tu não vai pensar, é você quem vai ser e estou aí firme e forte.*

**Entrevistadora:** *E na época tu estavas na escola Santos Reis né?*

**Kika:** *É, eu era diretora na Santos Reis por vários anos. (Kika, 10 set. 2020)*

O Secretário de Educação não apenas coordena as ações da Secretaria junto com seus colegas de trabalho, como também conduz para as escolas as atividades que devem ser trabalhadas de maneira articulada para consolidar o plano de governo da prefeitura. Em Agudo, a Secretaria de Educação está estruturada juntamente com o Desporto, por isso se chama “Secretaria de Educação e Desporto”.

É de competência da Secretaria de Educação e Desporto orientar, planejar e executar as atividades pedagógicas de ensino, conforme a legislação vigente. Administrar as Unidades Escolares da rede municipal de ensino; Elaborar e coordenar estudos, planos, programas, projetos e pesquisas que viabilizem o desenvolvimento da política educacional do Município e estimular a formação docente como um fator essencial no processo educativo. Incentivar o desenvolvimento de atividades esportivas, promovendo campeonatos e torneios para a prática desportiva. *Site da prefeitura de Agudo (<https://agudo.rs.gov.br/secretarias/educacao-e-desporto>)*

Em relação à organização da educação do município de Agudo, Kika relata que o município tem dez escolas municipais de ensino e que até o ano de 2019 tinha oito, mas que conseguiram adquirir uma em um leilão. A escola leiloadada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, que era a única escola particular do município que tinha Ensino Fundamental. Hoje não há mais escolas particulares no município. Também, uma escola do Estado passou a ser municipal, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Germano Poetter.

*Sim, hoje nós estamos com 10 escolas, até 2019 nós tínhamos 8 escolas, né, a gente adquiriu uma escola no leilão, a escola Dom Pedro II, que era uma escola particular, eu participei do leilão, do ato todo e nós recebemos em dezembro de 2019 uma escola Estadual, a mantença dessa escola Estadual, que é escola Luiz Germano Poetter, que a partir de janeiro já passou para nós, para o município. (Kika, 10 set. 2020)*

Todas as escolas contêm Educação Infantil, para alunos de 4 e 5 anos de idade (Pré-A e Pré-B), sem berçário e maternal. Porém, a escola Paraíso da Criança é destinada a crianças de 4 meses a 3 anos e 11 meses de idade. Kika argumenta, também, que não há mais creches ou escolas de Ensino Fundamental que contemplem os níveis de berçário e maternal, porque as dificuldades e os gastos são maiores, o que se tornaria inviável para um município pequeno.

*[...] e nas demais escolas a gente não tem essa modalidade porque ela é bem difícil, porque ela depende muito de muitos profissionais, enquanto que um professor atende 8 alunos na creche, o mesmo professor atende 30 na Santos Reis. Então é muito dispendioso os valores que a gente tem que investir em uma creche, mas nós não temos ninguém na lista de espera, então a gente propõe que sempre que ou a gente abre mais turmas para que todo mundo tenha a sua vaga para quem tenha necessidade, tem que comprovar que a mãe trabalha ou que o pai trabalha para ter essa vaga na creche. (Kika, 10 set. 2020)*

Assim, em síntese, o município de Agudo possui uma escola de EI destinada a crianças de 4 meses a 3 anos e 11 meses de idade. E várias escolas de EF que dispõem de pré-escola, turmas com crianças com 4 e 5 anos, por causa da obrigatoriedade do ensino a partir de 4 anos. O Quadro 10 reproduz as escolas municipais de Agudo.

Quadro 10: Escolas Municipais de Agudo

Escola Alberto Pasqualini
Escola Olavo Bilac
Escola Santo Antônio
Escolas Santo Dumont
Escola Santos Reis
Escola 7 de Setembro
Escola Três de Maio
Escola Educação Infantil Paraíso da Criança
EMEF Dom Pedro
EMEIEF Luiz Germano Poetter

Fonte: Site da prefeitura de Agudo (<https://agudo.rs.gov.br/secretarias/escolas>)



Assim, o município conta com dez espaços escolares que viabilizam desenvolver atividades com os alunos, em prol da identidade e da cultura de ensino que, na criança, se reflete nas relações sociais e no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, tais espaços não puderam ser aproveitados da melhor forma possível, em consequência da calamidade pública do Covid-19, doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus. No Brasil, os primeiros casos apareceram no ano de 2020, sendo que a primeira morte no estado do Rio Grande do Sul ocorreu dia 24 de março daquele ano.

Como já mencionado, diante da situação alarmante, o Governo determinou a suspensão das aulas presenciais, dando autonomia para os professores se adaptarem às condições e possibilidades de cada estabelecimento. E então, como em todos os outros lugares, a Secretaria de Educação de Agudo teve que se readaptar em relação às ações desenvolvidas nas escolas. E esse novo e inusitado momento gerou muitos desafios, angústias, medo, entre outros sentimentos, como relata Kika.

*[...] foi de um dia para o outro, como aconteceu em vários lugares né, a gente teve que suspender as aulas, cancelar tudo, então desde o dia 19 de março a gente cancelou e nós comunicamos os gestores, pedimos que eles nos ajudassem para que mantêssemos o vínculo entre as famílias e escolas, e esse vínculo cada um deveria verificar a sua realidade pra ver como a gente ir proceder pra entrega desses materiais, porque enquanto muitos têm a tecnologia, tem internet, tem um bom celular, muitos não têm, não tem nenhuma mesa pra fazer o tema, não tem né, nada. Então a gente tem que ver todas as realidades e deu muito certo, porque na época a gente tinha um pouco de medo, porque não é fácil né, encaminhar todas as atividades, então nós temos escolas, que eu vou dar dois exemplos, então: a escola Santos Reis, que quase 80% que tem acesso à internet, então são formados e as aulas são dadas, através do Google Meet e também, através dos grupos de whats são inseridas as atividades. E na escola Olavo Bilac, em torno de 95% não tem internet, né, então para o diretor lá nessa escola, a equipe diretiva faz a impressão de todas as atividades e vão em pontos estratégicos realizar a entrega dessas atividades, e os pais buscam, então tem horários que o diretor vai estar em tal localidade, comunidade, e lá os pais vão buscar, traz os trabalhos que o filho fez e levam novos trabalhos para casa.*

**Pesquisadora:** *E essa escola é Zona Rural?*

**Kika:** *É Zona Rural! 30 km aqui da sede. (Kika, 10 set. 2020)*

Foram muitas as dificuldades para poder desenvolver as atividades no início da pandemia, uma vez que não havia referências que pudessem servir de parâmetro. Todos tiveram que se readaptar, se reestruturar, se reinventar, para não prejudicar o ensino. Para minimizar essa situação, como as pessoas não podiam se encontrar

presencialmente, a tecnologia foi muito requisitada, como por exemplo os momentos de formações oferecidos via plataforma Meet. Contudo, os professores também precisaram sair em busca de mais informações, estudar os novos recursos, para poder prosseguir no trabalho remoto, sem causar danos ao processo de aprendizagem dos alunos.

**Kika:** *Sim, a gente deu várias formações, tivemos formações do programa união faz a vida, a gente teve formações de práticas restaurativas, a gente tem formação de educação patrimonial, a gente faz inúmeras formações que estão acontecendo ainda, então agora nós estamos iniciando a semana, com a formação da fundação Antonio Meneguetti faculdade, tá, com a AMF, que é sobre tratar o eu, como eu estou me sentindo nesse período, que a gente já fez uma formação semelhante com o programa união faz a vida, no início, ali por abril. Então os nossos professores tiveram acesso a essas formações gratuitamente, né, e isso é muito importante salientar, e os professores que tinham necessidade de ir até as escolas para participar das formações, estavam abertas as escolas, também para receber esses professores, mas como em todo o lugar a gente também tem professor que não tem interesse, né, então, tem aquele que faz todas elas e tem aquele que não fez nenhuma, né, e que eu chamo a atenção, né, eu ligo, converso, chamo aqui, pra a gente conversar o que está acontecendo, né, porque eu acho que o professor tem que estar em constante formação, como em qualquer profissão.*

**Entrevistadora:** *É, a gente não se forma e pronto, agora não preciso mais estudar, o professor sempre precisa estudar.*

**Kika:** *É, eu 34 anos de profissão e eu nunca parei de estudar, sempre fazendo curso e estudando e aperfeiçoando, sempre buscando.*

**Entrevistadora:** *Sempre buscando o melhor, né!*

**Kika:** *É, e quando vem as determinações do MEC, ou de outros, nós somos o primeiro município sempre a implantar, porque a gente já se preocupa com isso, a gente já estuda, né, a gente senta com o pedagógico aqui da secretaria e a gente já coloca em prática. (Kika, 10 set. 2020)*

Kika realça em sua fala a importância da formação continuada, fundamental para o professor adquirir ainda mais conhecimentos, se atualizar, conhecer novas ideias e praticar ações. Ainda mais no período excepcional vivenciado, muitos professores tiveram que buscar conhecimentos voltados às tecnologias, conhecer novas plataformas, recursos que pudessem contribuir para o ensino e aprendizagem de forma não presencial.

*[...] porque assim né, é muito importante dizer que também os professores também precisam estar engajados, os professores também precisam querer, né, e como a gente não deixou de pagar nenhum dia, então a gente também pode exigir, então, eu exijo muito um bom trabalho, um bom planejamento, apesar que nem todos os professores fazem, tem professores que se destacam e tem professores que não se destacam, mas eu sempre deixei muito claro pra todos, que na vida quem se destaca é o melhor o mais ou menos não se destaca e hoje as nossas famílias procuram o melhor. Eu procuro o melhor dentista, então, um pai procura o melhor professor para o seu filho. Porque eu já recebi várias ligações perguntando que vai ser*

*professor do meu filho no ano tal, ahh, então é esse professor, então não vou matricular em tal escola, eu quero o fulado [...]. (Kika, 10 set. 2020)*

Kika reitera a necessidade da constante atualização do professor, da busca pela especialização, tendo em mira formas de ensino diferenciadas para as crianças, tendo em conta o contexto de cada realidade e aluno.

Apresentadas as percepções da Secretária Municipal de Educação, no capítulo 6, traremos os próximos encaminhamentos da pesquisa, buscando atingir o objetivo proposto.

## 6 A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: O QUE AS PROFESSORAS NOS CONTAM

Neste capítulo, abordaremos as experiências vividas pelas quatro professoras entrevistadas do município de Agudo em tempos de pandemia, as quais serão apresentadas no Quadro 11.

Quadro 11: Professoras sujeitas da pesquisa

Professoras	Formação	Escola
Professora A	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Magistério</li> <li>• Pedagogia – ULBRA;</li> <li>• Cursando Geografia – UNIPAMPA (a distância).</li> </ul>	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont
Professora B	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria;</li> <li>• Especialização em docência na Educação Infantil.</li> </ul>	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis
Professora C	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Magistério;</li> <li>• Pedagogia.</li> </ul>	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis
Professora D	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Licenciatura plena em pedagogia;</li> <li>• Pós em Educação Ambiental pela UFSM.</li> </ul>	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont

Fonte: Sistematização das autoras

As perguntas orientadoras da pesquisa se organizaram a partir de categorias estabelecidas *a priori*. São elas: 1) *os primeiros encaminhamentos*; 2) *a organização*; 3) *os desafios*; 4) *a relação com a criança*; 5) *os tempos e os espaços*; 6) *o retorno ao presencial*; e, 7) *os sentimentos*.

### 6.1.1 Primeiros encaminhamentos

As professoras foram convidadas a relatar percepções sobre os primeiros encaminhamentos atribuídos pela Secretaria de Educação e pela gestão escolar, quando se iniciou o processo de isolamento social decorrente da pandemia, a partir do seguinte questionamento: *Quais foram os encaminhamentos iniciais na escola*

quando as aulas presenciais foram suspensas? Partindo disso, em seguida, mostraremos os relatos das quatro professoras, sujeitas da pesquisa, (Professora A; Professora B; Professora C; e Professora D).

**Professora A:** *Primeiras informações que recebemos foram que ficaríamos 10 dias em casa e retornaríamos. Então, o que foi a orientação: no último dia de aula nós fomos orientadas a fazer um polígrafo que trabalhasse algumas habilidades de coisas que nós já tivéssemos trabalhado naquele período presencial, foi 18 de março, poucos dias tivemos [de aula]... era período de adaptação, trabalhando o corpo, de se ver no espelho, para ver a imagem deles... então nós mandamos atividades para 10 dias, essa foi a primeira orientação, mas a gente não retornou, né... começamos as atividades a distância. Primeiro foram esses 10 dias, com 10 atividades... porque na rotina... as crianças de EI tem uma rotina... então início de ano não se faz atividades impressas todos os dias, é muito difícil..., mas a gente procurou mandar essas atividades durante 10 dias para eles fazerem em casa, ou uma que tivesse duas etapas, para fazerem uma um dia e outra no outro dia, com recorte e pintura ou recorte e colagem. (Professora A, 17 de mar. 2021).*

**Professora B:** *A primeira orientação foi que a princípio seriam duas semanas, então, assim, pra não ficar aquela parada “brusca”, foi conversado com a direção da escola que a gente encaminhasse alguma atividade para as crianças ficarem desenvolvendo em casa, alguma coisa mais prática, então eu lembro que elaborei uma folha... uma espécie de orientação para os pais... a gente já tinha trabalhado com as crianças a questão do corona vírus, dos cuidados, então tinha feito cartaz, a gente trabalhava bem prático, assim, dobrava os cuidados na escola, fazia a higienização da mãos. Então eu lembro que eu encaminhei atividades de recorte, deles trabalharem bastante com massinha de modelar, questão da motricidade, realizar colagens, porque a princípio seriam essas duas semanas para eles não perderem aquele vínculo, né, do que a gente já estava construindo com eles. A minha turma eram crianças de 4 anos, então assim, eles estavam ainda meio recente [na escola], tinham completado o período de adaptação na escola, então a gente estava mais trabalhando a questão da motricidade, partindo para esse início. No decorrer do tempo ficou aquela coisa assim, não, vamos mais 15 dias, então a gente já passou a elaborar mais atividades, mas tudo assim, que não envolvessem muito recurso de material escolar das crianças, porque esse material estava todo na escola e assim, a gente tinha*

*aquela esperança sempre de que iria voltar, passamos um bom tempo nessas de... não...vai ser só mais uma semana, serão só mais duas semanas e assim né, tem realidades e realidades dentro da escola, então a diretora optou por não devolver em seguida os materiais das crianças porque tinha aqueles que o material não iria voltar, a gente sabe né, não iria ter tanto aquele cuidado, então assim, a gente foi propondo atividades mais práticas, mais lúdicas. Só que aí chegou num ponto que não ia mais voltar, então a escola abriu para que eles buscassem esse material para desenvolver as atividades em casa. Para a Educação Infantil, a gente teve que partir para aquela questão de gravar vídeos para as crianças, de contar histórias para eles por meio de vídeos... porque a gente não pode cobrar folhinhas, exercícios, atividades... e o ser mais prático demanda bastante envolvimento dos pais, auxiliando as crianças na realização das atividades. Então foi um momento de uma adaptação de uma nova realidade. No fim, no final deu tudo certo... mas, certo até por ali né com as orientações, tudo né, porque se perdeu muito a essência do que é a Educação Infantil, da interação das crianças, do nosso contato com eles, e aí hoje se eu for fazer um parecer paralelo com a turma do ano passado com a desse ano, os meus alunos desse ano eu conheço pela tela do computador, nem todos... porque eu fiz um encontro virtual com eles e nem todos participaram e, assim, a gente sabe que o uso da tela não é para criança. Então a gente tinha que ter todo esse cuidado também, e assim, por mais que eles são a geração que já nasce com o celular na mão, mas tu ter um contato com uma pessoa estranha, porque eu sou mais uma pessoa estranha até então para eles. Eles sabem, tá, é a profe, eu me apresentei para eles, eu sou a professora B, a profe B... mas assim, é difícil essa interação com eles, manter esse diálogo, por mais que eu apresente alguma coisa pra eles, até o meu cachorro eu busquei... e alguma das crianças me perguntou se eu tinha gato na minha casa, então naquele momento eu até chamei o meu cachorro para aparecer no vídeo, sabe, mas era assim só uma interação mesmo com eles né. E isso para mim também foi um desafio, porque eu na sala de aula, na frente de 20 crianças para mim é tranquilo, eu sento no chão, mas essa questão de estar de frente para uma tela de computador, e que começou assim nessa pandemia a partir das reuniões, formações, tudo online, para mim isso foi um desafio também, de estar falando e olhando para a tela do computador me parecia uma coisa tão fria, tão abstrata. E tu ter que gravar um vídeo para crianças e saber que o pai ou a mãe vão estar ali com a criança ou sabe lá quem mais vai estar assistindo né, e aí aquela coisa né, aí se eu pronunciar uma palavra*

*errada, se me der um lapso no ao vivo... então assim, eu gravei vídeos e dispus para as crianças bem lúdico, usando fantoche, esses recursos..., mas também nada muito demorado, e aí eu já conhecia um pouco da realidade, tinham crianças que não tinham acesso à internet, então, foi complicado. (Professora B, 11 de jun. 2021).*

**Professora C:** *Assim óh, quando aconteceu tudo, a gente achou que a princípio seriam duas semanas, era tudo isso que diziam para a gente né, então a escola, eu estou falando como supervisão, a escola encaminhou atividades para esse tempo... então como depois a gente descobriu que não [voltaria], tivemos que fazer os grupos de WhatsApp, e daí localizar as famílias e começar a enviar atividades. A princípio, falando da Educação Infantil, os professores colocavam as atividades diárias, mas como a gente sabe que tem pai que trabalha, que tem mãe que trabalha, teve criança que teve que ir morar com os avós, porque foi uma coisa assim tão... eles não estavam conseguindo, daí a escola se organizou de enviar semanal, aí faziam as atividades e os pais se organizavam da forma que queriam. Depois, diminuimos um dia também, a gente viu que isso era necessário... e as professoras tentavam enviar várias atividades sabe, hoje tu trabalhas uma coisa, amanhã outra... elas tentaram globalizar a coisa, fazer tudo redondinho, vamos dizer assim... bastante atividades práticas com os materiais que os pais tinham em casa. Foi muito a construção de jogos, brincadeiras, vídeos para eles fazerem... e aí fomos fazendo dessa forma... assim óh, teve bastante pais que a gente viu que teve poucas respostas, e a gente entende também, porque foi para eles tudo novo... as professoras também fizeram bastante chamadas online, para conversarem com eles, mas sempre respeitando o horário dos pais, mais à tardinha... então, foi dessa forma que a gente se organizou... eles faziam pelo Meet. (Professora C, 28 de abr. 2021).*

**Professora D:** *O primeiro encaminhamento foi que nós fomos pegos de surpresa, de manhã estávamos dando aula normalmente e a tarde veio o decreto dizendo que nós íamos entrar em quarentena. Então a escola nos orientou na época para nós fazermos atividades para 15 dias para os alunos, então a nossa primeira iniciativa foi de fazer algumas xerox de coisas básicas pro pré né, na época eu tinha o pré 1, então algo bem lúdico de brincadeiras, de cores, de traçados de linha, algo que não forçasse muito o aluno e nem sobrecarregasse os pais, então essa foi a nossa primeira iniciativa, então a gente fez xerox para 15 dias porque nós achávamos que ia voltar né, depois de 15 dias. (Professora D, 25 de maio 2021).*

As falas das professoras desvelam alguns aspectos muito marcantes em relação aos primeiros encaminhamentos, destacados no Quadro 11.

Quadro 12: Primeiros encaminhamentos

PRIMEIROS ENCAMINHAMENTOS	
Percepções das Professoras	Professoras
A sensação de que a situação era provisória Improvisação inicial das ações (tinha a esperança de que ia voltar)	A, B, C e D
Busca de recursos (grupo de whats...)	A, B, C e D
O impacto da realidade de ser mais tempo remoto (falar com a tela do computador, medo de falar coisa errada...)	A, B, C e D

Fonte: sistematização das autoras

A pandemia atingiu o mundo todo, desencadeando novos hábitos e costumes, o que muitos chamaram de “um novo normal”. E nas escolas não foi diferente, os profissionais tiveram que se reorganizar para atender o que, inicialmente, era **a sensação de que a situação era provisória**.

A princípio, como não se tinha uma dimensão exata da situação, o decreto de calamidade pública, expedido pelo Governo do Rio Grande do Sul, e a consequente suspensão das aulas presenciais pela Secretaria da Educação, não especificaram um tempo determinado, o que dificultou as ações desenvolvidas pelas professoras, que entenderam que seria por pouco tempo como nos contam as quatro professoras. A Professora A: “*Primeiras informações que recebemos foram que ficaríamos 10 dias em casa e retornaríamos*”, A Professora B: “*A primeira orientação foi que a princípio seriam duas semanas*”, a Professora C: “*Assim óh, quando aconteceu tudo, a gente achou que a princípio seriam duas semanas,*” e a Professora D “*A escola nos orientou na época para nós fazermos atividades para 15 dias para os alunos...*”

Em suas falas, percebemos que todas sofriam da mesma angústia, não sabiam exatamente como proceder em seu trabalho, buscando planejar um determinado tempo e encaminhar para seus alunos. E para isso se concretizar, a **busca de recursos** se deu, da forma que, naquele momento, achavam o mais plausível para a realidade em que estávamos vivendo, como destaca a Professora C



em sua fala: “... *bastante atividades práticas com os materiais que os pais tinham em casa. Foi muito a construção de jogos, brincadeiras, vídeos para eles fazerem... e aí fomos fazendo dessa forma...*” A Professora C partiu do lúdico em sua ação, defendendo, portanto, o que Lazaretti (2016) recomenda: ao elaborar situações lúdicas, deve-se ter como intenção enriquecer o repertório de conhecimento, vivências e experiências das crianças.

As Professoras A e D enviaram folhas de fotocópias com atividades relacionadas a pintura, recorte e colagem. A Professora B, em seu relato, destaca que os poucos dias de aulas presenciais serviram para adaptação, considerando que era uma turma de pré - A. Esse período é extremamente importante na Educação Infantil, visto que, como algumas crianças nunca frequentaram a escola, elas precisam desse tempo para se adaptarem a um novo contexto, com colegas e uma pessoa adulta diferente daquelas com que estão acostumadas. Um tempo de grande aprendizado. A Professora B complementa que: “...*no decorrer do tempo ficou aquela coisa assim, não, vamos mais 15 dias, então a gente já passou a elaborar mais atividades, mas tudo assim, que não envolvessem muito recurso de material escolar das crianças, porque esse material estava todo na escola...*”. Ela partiu para atividades lúdicas, que não envolvessem materiais, pois, no início de cada ano letivo, as escolas fazem uma lista de materiais a serem entregues. Nesse sentido, as crianças não tinham acesso, pois as professoras e os gestores achavam que iriam ficar pouco tempo **com aula remota**.

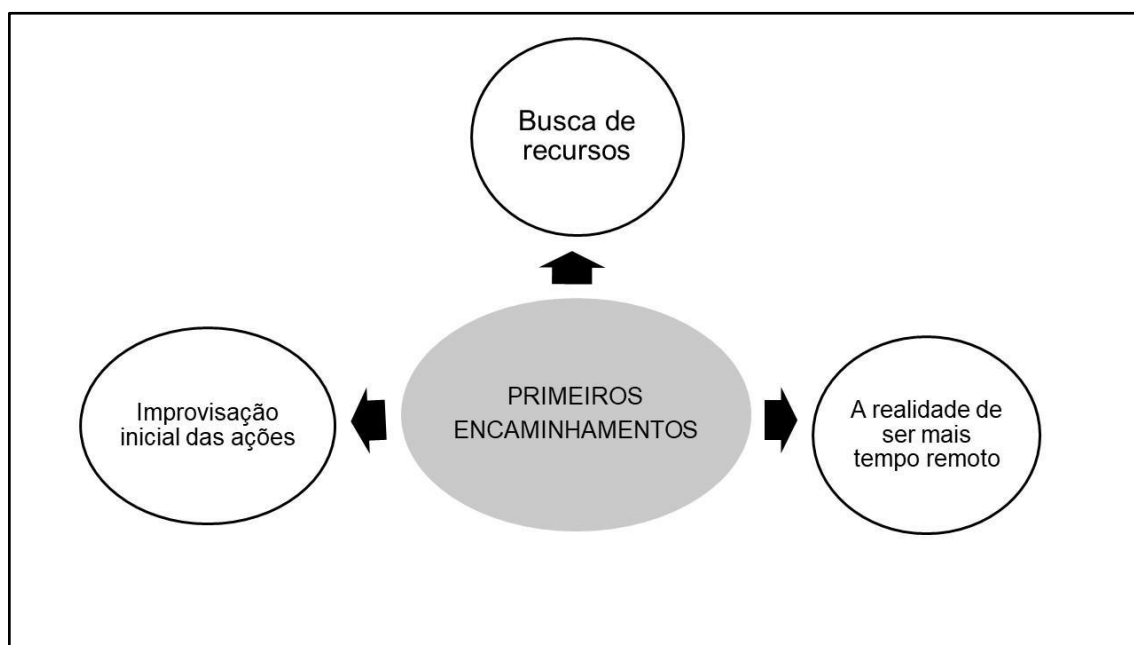
Mas **o impacto da realidade de ser mais tempo remoto** veio à tona, e as professoras tiveram que encontrar outras formas de realizar suas atividades, como: internet, aplicativos de celular, plataformas gratuitas e recursos que o *smartphone* disponibiliza, como narra a Professora B: “...*para a Educação Infantil, a gente teve que partir para aquela questão de gravar vídeos para as crianças, de contar histórias para eles por meio de vídeos...*”. A tecnologia ganhou forças nesse período, pois ela viabilizava a interação, mesmo sem o contato próximo.

A Professora C procurou organizar aulas assíncronas com as crianças, sempre respeitando o tempo dos pais, já que eram crianças de Educação Infantil e, por isso, os pais tinham que estar sempre juntos na realização das aulas e atividades, pois as crianças não tinham esse domínio ainda “...*as professoras também fizeram bastante*

*chamadas online, para conversarem com eles, mas sempre respeitando o horário dos pais, mais à tardinha... então, foi dessa forma que a gente se organizou... eles faziam pelo Meet.”*

Podemos perceber que, nesses primeiros encaminhamentos, embora tivesse imperado mais a improvisação, as professoras sempre procuraram orientar suas ações, respeitando as especificidades das crianças, enxergando a escola, como um espaço organizado para proporcionar condições de aprendizado e desenvolvimento da criança. Segundo Vigotsky (2005, p. 38, grifos no original), “*o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento*”. Ou seja, antes de entrar para a escola, a criança já possui conhecimentos espontâneos e, é no contexto escolar, que esses conhecimentos serão aprimorados, elevados aos conhecimentos científicos, por meio da organização intencional do ensino e da instrução do professor, respeitando as características peculiares das crianças. A Figura 7 sintetiza a categoria dos primeiros encaminhamentos e suas subcategorias.

Figura 7: Primeiros encaminhamentos



Fonte: Sistematização das autoras

### 6.1.2 A organização

Nessa categoria, foi abordada a nova organização das aulas não presenciais, passado o impacto inicial e se constatando que a situação não seria provisória. Foram apresentadas às professoras duas questões relacionadas a esse tema. A primeira pergunta foi a seguinte: *Como foram realizadas as ações remotas para a Educação Infantil? Por aplicativos? Aulas assíncronas ou síncronas? Disponibilização de materiais nas escolas?*

**Professora A:** *Foram feitas de todas as formas... formados grupos de WhatsApp, mas como os pais não estavam preparados para esse ensino remoto, muitos dos pais não tinham recursos. Já esse ano, eles se prepararam melhor, com internet, aquisição de celular... a gente percebe que até pelas aulas no Meet eles participam mais do que o ano passado. Foram feitos poucos encontros através de plataformas com Meet ou pelo Messenger, que não deu muito certo, que não dava certo a conexão né, eles tinham dados móveis, então a gente tentou pelo Messenger porque não tinha custo para eles, mas não deu certo. Teve poucos encontros pelo Meet, acho que foram 1 ou 2. As atividades e correções foram feitas dos pais que estavam no grupo, feitas pelo grupo de WhatsApp, e foi disponibilizado na escola material impresso. O que a gente percebeu durante o ano foi que os pais migraram do WhatsApp para o material impresso pelo motivo das crianças não precisarem copiar. Então, eles recebiam as orientações pelo WhatsApp, alguns até mandavam para eu corrigir pelo WhatsApp, mas eles iam buscar as atividades na escola porque eles achavam mais fácil. Isso para Educação Infantil também, primeiro os materiais impressos eram disponibilizados semanalmente e posterior a isso quinzenalmente. Teve encontros também para a Educação Infantil pelo Messenger e pelo Meet. (Professora A, 17 de mar. 2021).*

**Professora B:** *Isso, com os recursos da natureza, com sementes, folhas, cascas de árvores, para a exploração... e também a gente sempre tinha que pensar, tá e aquele aluno que mora em apartamento, porque às vezes eles não podem, como por exemplo, ir agora lá na pracinha buscar uma areia pra fazer uma colagem, então assim, tudo a gente tinha que pensar... eu elaborava o planejamento, a parte escrita para os pais pra eles entenderem o que as profes estavam querendo, sempre com aquela observação né, dentro dos recursos, dentro das possibilidades, com os*

*cuidados para evitar contaminação... não se preocupem se não conseguirem desenvolver a atividade né, conforme está proposto, então assim... era uma loucura, eu tinha que pensar em todas as realidades, todas as possibilidades. (Professora B, 11 de jun. 2021).*

**Professora C:** *Essas aulas pelo Meet não eram tanto aulas, mas sim conversas pra profe ver os alunos, porque quando a professora entrava em contato com as famílias, elas sentiam que os alunos tinham saudades um dos outros, porque alguns começaram juntos no pré 1, então como eles estavam no pré 2, eles sentiam essa saudade deles... então eles faziam essa conversa para eles contarem da vida deles, o que eles fizeram, e as profes contam que era um momento lindo porque eles sabiam esperar a vez de cada um e também um momento de interação com as famílias. Este ano eu fiz da mesma forma, eu fiz a reunião inicial com as famílias e alguns alunos também participaram, foi uma reunião pelo Meet assim para esclarecer algumas coisas... como seria a entrega das atividades, como a gente podia fazer né... Eu tenho pré 2... assim, pensando nessas aulas remotas, a gente se dá por conta que a criança só aprende na interação e na brincadeira né e é isso que é a Educação Infantil. E eu me preocupo de como vai ser quando a gente voltar, quanto tempo a gente vai levar para colocar eles no ritmo de novo assim... a pensar de que na entrega das atividades eu peço que os pais me retornem com um áudio ou com um vídeo... porque tu acaba percebendo aquela criança bem mais reservada, que não tem mais aquela interação sabe... mas tem outros que estão bem tranquilos... e aí eu não separo as atividades por dia da semana, porque eu vejo que eles não respeitem essa ordem, eles vão fazendo aquilo que eles acham mais interessante, e aí vem outra palavra, que tu tem que fazer as coisas sem tornar interessante, mas tu não pode ser sempre o que tu tem pra trabalhar com eles também. Então, está indo sabe, eu acredito, eu tenho um retorno muito bom, eu tenho uns 3, 4 casos assim de atividades atrasadas. (Professora C, 28 de abr. 2021).*

**Professora D:** *Após os 15 dias que a gente viu que não ia voltar a aula, a escola fez grupo de WhatsApp, então nós enviamos só remoto, só atividades remotas pra quem estava participando do grupo do WhatsApp e nós percebemos que muitos não tinham o alcance, faltava internet, não tinha nem crédito suficiente no aparelho celular para abrir os vídeos que a gente enviava com as explicações, então o que a escola fez, fez com que a gente enviasse por e-mail as atividades impressas, então*

*todas que a gente envia impressa enviamos pelo WhatsApp também, claro, com algumas modificações, para que todos tenham acesso, então a cada 15 dias os pais dos alunos iam na escola, e buscavam essas atividades. Pouco foi o retorno pelo aplicativo, a gente pedia foto, vídeos, tanto pelo WhatsApp privado da professora, quanto pelo grupinho da turma, mas poucos enviavam, o retorno presencial foi mesmo pela atividade impressa, aí depois de 15 dias, nós íamos para escola, corrigimos as folhinhas que foram dadas, enviadas... era marcada uma data e os pais iam e levavam para casa as atividades corrigidas e impressas. Sim, pelo WhatsApp, na minha turma tinha 20 alunos na época, dos 20 alunos 2 me enviavam pelo WhatsApp, o restante era atividade impressa, só que isso até maio, quando nós tivemos o nosso recesso antecipado para maio, depois de maio nem esses dois enviavam mais... assim, fomos perdendo os alunos, as atividades impressas os pais não buscavam mais, os alunos não faziam as atividades, alguns tu percebia que eram os pais que faziam por eles, outros os irmãos mais velhos... porque a pintura era maravilhosa, a letra era maravilhosa, e isso que as crianças nem eram alfabetizadas, então percebemos como escola, como professor de Educação Infantil que decaiu muito o rendimento deles e a entrega das atividades também para serem corrigidas. (Professora D, 25 de maio 2021).*

E a segunda pergunta se refere à organização do ensino em que as professoras estavam vivenciando: *E como está sendo organizada nos dias de hoje com o sistema híbrido? Ou remoto?*

**Professora A:** *Segue o mesmo sistema do ano passado. Mas como a gente não conhece as crianças e famílias, eu chamei os pais no particular no WhatsApp para conversar com eles, para acolher, para saber as dificuldades que tiveram ano passado, para conhecer as crianças... porque os do segundo ano eu já tinha eles na Educação Infantil, mas o que estão entrando agora eu não os conheço. Então eu chamava os pais em particular para poder conhecê-los. (Professora A, 17 de mar. 2021).*

**Professora B:** *Isso, ontem [05 de abril de 2021] a gente estava vendo na escola essa organização, e está a princípio bem... é um dia de cada vez, é uma hora de cada vez, porque assim, ontem, por exemplo, duas crianças que retornariam para escola, mas os pais optaram por não retornar, então assim, da turma de 16 alunos,*

*eu tenho 6 que retornariam, então desses 6 eu teria que fazer dois grupos, 3 alunos presenciais numa semana e os outros 3 presenciais na outra semana. Até pensamos na possibilidade de deixar esse grupo de 6 crianças, mas eles não podem vir duas semanas consecutivas para escola, tem que ter essa semana de intervalo, intervalo entre aspas né, porque seria a outra turma... Mas ao mesmo tempo, eu atender 3 crianças no presencial... aí gente pensou, ontem por exemplo que era um dia de chuva, agora o frio e essa questão toda, os pais não mandarem, aí eu teria com uma criança ou nenhuma criança na escola... então, isso é uma organização que a gente ainda está vendo... e nós iniciamos dia 17 e as EMEIS iniciam antes, talvez os pais estejam esperando pra saber como que a EMEI vai funcionar primeiro, se ocorrer tudo tranquilo, eu acredito que eles vão optar mais pelo presencial. Estamos na torcida né pelo retorno presencial, pelos pais, crianças e por nós também, mas é sempre aquela dúvida né, aquele medo, aquela insegurança..., mas seria aquela organização, eu iria organizar e elaborar 3 planejamentos, um para os que estão comigo, o planejamento para aquele grupo que está em casa que iria participar na outra semana e mais aquele terceiro grupo que optou somente por ficar em casa. São organizações que eu não posso somente pensar, que meu grupo A que vem uma semana e o grupo B que vem na semana seguinte usar o mesmo planejamento, porque assim, na Educação Infantil, a questão é muito flexível, a gente tem o planejamento, mas a gente chega na sala de aula e a criança apresenta algo que não tem nada a ver com o teu planejamento, então acaba sendo outro encaminhamento, eu estar com eles em sala de aula, a gente canta, a gente dança, a gente faz exercícios, por mais que eu proponha isso em casa, não é da mesma forma, as músicas que a gente canta com as crianças, os pais não sabem... não são da realidade deles, não é algo corriqueiro, por mais que a gente mande videozinhos, é diferente, então não tem como eu estar com esse mesmo planejamento, o que eu planejo para o grupo A, eu não posso encaminhar pro grupo B que está em casa, eu tenho que desenvolver isso com o grupo B, só quando eles estiverem comigo.. Isso, daí eu tenho que pensar outra proposta... então para as duas escolas, eu tenho 6 planejamentos para fazer, mesmo sendo o mesmo nível... e mesmo se não fosse o mesmo nível, são realidades diferentes. É bastante coisa!!! A gente sempre ouviu ano passado, aí temos que nos reinventar, na verdade essa reinvenção do professor sempre acontece, só que eu vejo que aumentou o trabalho, não é questão de reinventar, porque isso é constante na vida do professor... então foi pensar em novas alternativas, aumentou o trabalho. (Professora B, 11 de jun. 2021).*

**Professora C:** Não está... é tudo remoto como já falei antes. (Professora C, 28 de abr. 2021).

**Professora D:** Assim óh, as turmas estão escalonadas... e os pais assinaram um termo perguntando se queriam ou não enviar os filhos para a escola, os que disseram sim, nós fizemos uma listagem do pré e 6 alunos disseram que vinham, então 3 vem na semana do dia 17 de maio (que foi a semana que iniciou as aulas de escolas de Ensino Fundamental, prés e Anos Iniciais) e os outros 3 vem dia 24 de maio, vai ser escalonado... os alunos que vieram dia 17 vão levar as atividades impressas na semana do dia 24, os que virão na semana do dia 24 receberam as atividades impressas antes do dia 17, pra não ficar aquela semana sem atividade... então assim, no dia que eles virão para a escola, nós fizemos atividades normais com eles, mas quando não é a semana deles virem a gente envia atividades ou pelo WhatsApp ou impressas também. Aí os alunos estão na escola, chegou sexta-feira, enviamos para os alunos as atividades daquela semana que eles vão ficar em casa. Então também estamos escalonando as atividades. Eles não levam todas as atividades da quinzena inteira, só da semana que eles vão ficar em casa. Mas é muito melhor presencial, ver o aluno... saber como ele está realmente, é muito bom! Sim, é isso! Por exemplo, vamos fazer uma experiência com balão, com pescaria, com tampinha, estando presente a gente consegue observar se eles fizeram e realmente aprenderam ou não né. (Professora D, 25 de maio 2021).

O Quadro 12 apresenta as subcategorias que se aproximaram das falas das quatro professoras.

Quadro 13: A organização

<b>A ORGANIZAÇÃO</b>	
1. Como foram realizadas as ações remotas para a Educação Infantil? Por aplicativos? Aulas assíncronas ou síncronas? Disponibilização de materiais nas escolas?	
2. E como está sendo organizada nos dias de hoje com o sistema híbrido? Ou remoto?	
<b>Percepções das Professoras</b>	<b>Professoras</b>
Recursos disponíveis	A, B e C
Limitações dos recursos (limitações - quando não funcionavam)	A, B, C e D
Dificuldades de interação - perdendo o contato com as famílias	A, B, C e D
Aproximação com as famílias	A, B, C e D

Implementação do sistema híbrido	B e D
----------------------------------	-------

Fonte: Sistematização das autoras

A realização das aulas não presenciais se deu várias formas, com **recursos disponíveis** para as famílias e outros que elas mesmas tinham que ter para acompanhar as atividades, como por exemplo, internet no celular para grupo de WhatsApp. Porém, no início das ações não presenciais (2020) ninguém estava preparado, não sabendo como proceder as atividades. Muitas famílias, que não tinham acesso à internet (wi-fi), tiveram que adquirir créditos para dados móveis para o celular, mas, dependendo de onde moravam, o sinal era muito fraco, como expõe a Professora D: “ *e nós percebemos que muitos [pais] não tinham o alcance, faltava internet, não tinha nem crédito suficiente no aparelho celular para abrir os vídeos que a gente enviava com as explicações*”. Apesar de todos os esforços, as professoras constataram as **limitações dos recursos** tanto no que diz respeito ao acesso por parte das famílias, quanto à impossibilidade destes recursos atenderem todas as suas necessidades de interação com as crianças.

Em 2021, foi um pouco diferente, os profissionais da educação e familiares já tinham tido uma vivência do ano anterior e já sabiam como atuar, como relata a Professora A: “ *...já esse ano, eles se prepararam melhor, com internet, aquisição de celular... a gente percebe que até pelas aulas no Meet eles participam mais do que o ano passado.* ” Tendo em vista isso, notamos que as famílias já haviam se conformado que as aulas presenciais não iam voltar tão cedo, assim tiveram que se reconfigurar. Os professores, do mesmo modo, buscando atividades que envolvessem a realidade dos alunos como destaca a Professora B: “ *...isso, com os recursos da natureza, com sementes, folhas, cascas de árvores, para a exploração...* ”.

Os relatos das professoras revelaram, ainda, que os alunos sentiam saudades uns dos outros, da rotina que tinham na escola e das brincadeiras. Como o distanciamento social que tinha que ser feito provocou **dificuldades de interação**, as professoras buscavam desenvolver aulas síncronas para as crianças se verem, interagirem entre eles, como explana a Professora C: “ *...Essas aulas pelo Meet não eram tanto aulas, mas sim conversas pra profe ver os alunos, porque quando a professora entrava em contato com as famílias, elas sentiam que os alunos tinham saudades um dos outros, porque alguns começaram juntos no pré 1, então como eles*



*estavam no pré 2, eles sentiam essa saudade deles...* “. Como muito bem pontua Marafiga (2017, p. 45), a partir de estudos realizados relativos à Educação Infantil, é no espaço escolar que se criam laços de amizade, de interação e trocas. Nesse ambiente, juntamente com seus colegas e professores, o sujeito amplia seus conhecimentos e, por meio da linguagem e da interação social se constrói aprendizagens, levando ao desenvolvimento.

Além da interação com as crianças, foi muito importante a **aproximação com as famílias**, pois eles eram os mediadores das atividades que as professoras enviavam, como fala a Professora A: “*..., mas como a gente não conhece as crianças e famílias, eu chamei os pais no particular no WhatsApp para conversar com eles, para acolher, para saber as dificuldades que tiveram ano passado, para conhecer as crianças*”. Entendendo os familiares neste momento como elos de interação entre a escola e as crianças, lembramos que, no processo de ensino e aprendizagem, “um adulto, ou uma criança mais experiente, pode ser a mediadora para uma outra e para o objeto de conhecimento” (MIRANDA, 2005, p. 15). Assim, como crianças de Educação Infantil não sabem ler, as conversas e as atividades do grupo de WhatsApp, os familiares tinham esse papel de passar as informações das professoras.

Outro ponto destacado pelas professoras foi a **organização do sistema híbrido**, que, na maioria das escolas do município, teve início em maio de 2021, representando um novo desafio para as professoras, pois a organização foi por escalonamento, como destaca a Professora B: “*por exemplo, duas crianças que retornariam para escola, mas os pais optaram por não retornar, então assim, da turma de 16 alunos, eu tenho 6 que retornariam, então desses 6 eu teria que fazer dois grupos, 3 alunos presenciais numa semana e os outros 3 presenciais na outra semana.*”. A Professora D também menciona esta organização: “*as turmas estão escalonadas... e os pais assinaram um termo perguntando se queriam ou não enviar os filhos para a escola, os que disseram sim, nós fizemos uma listagem do pré e 6 alunos disseram que vinham, então 3 vem na semana do dia 17 de maio (que foi a semana que iniciou as aulas de escolas de Ensino Fundamental, pré e Anos Iniciais) e os outros 3 vem dia 24 de maio, vai ser escalonado*”. Uma vez que as professoras não podiam receber muitos alunos na escola, então foi feito o escalonamento das crianças, e cada escola se organizou de uma forma diferente, mas sempre respeitando o distanciamento social.

Eram várias atividades a serem planejadas, como ainda expõe a Professora B em sua fala: “... eu iria organizar e elaborar 3 planejamentos, um para os que estão comigo, o planejamento para aquele grupo que está em casa que iria participar na outra semana e mais aquele terceiro grupo que optou somente por ficar em casa”.

Apesar de entender que esta organização visava essencialmente preservar o distanciamento social para conter o avanço da pandemia, há de se questionar em que medida representou uma intensificação do trabalho do professor e se atendeu de forma mais adequada à interação entre as crianças e sua inserção na Educação Infantil, já que esse momento é importante para o seu desenvolvimento. Leontiev (2001, p. 59) lembra que

[...] para esclarecer o problema teórico das forças motivadoras do desenvolvimento da psiquê infantil, precisamos, primeiro, compreender o que determina o caráter psicológico da personalidade, em qualquer estágio de seu desenvolvimento. O primeiro ponto a ser estabelecido é o seguinte: durante o desenvolvimento da criança, sob a influência das circunstâncias concretas de sua vida, o lugar que ela objetivamente ocupa no sistema das relações humanas se altera.

Assim, a organização das atividades implica pensar em uma definição de espaços e tempos, em função de uma concepção de infância e de atendimento que inclua as crianças e suas famílias, por isso as professoras tinham que planejar várias ações, mesmo considerando as mesmas crianças. Complementando a escrita dessa categoria, temos a Figura 8.

Figura 8: Organização



Fonte: Sistematização das autoras

### 6.1.3 Os desafios

Nesse item, encontram-se os desafios das professoras perante a reorganização do ensino híbrido. Assim, formulamos a seguinte questão: “*Quais foram/são os desafios encontrados na reorganização do ensino? Você se sentiu apoiada, segura nos procedimentos adotados?*”

**Professora A:** *Não, eu não me senti. Eu acredito que a maioria se sentiu insegura no início. Tem aquela questão, que parte dos pais aproveitam da melhor forma possível os recursos que a gente oferece e parte dos pais não. Então, as dificuldades que nós temos é parte das famílias não nos dão o retorno esperado. Foi uma adaptação, tudo foi um aprendizado para nós e está sendo de novo agora... quando foi a questão do híbrido, foi uma novidade, no início assusta..., mas é coragem e é uma mudança, temos que nos adaptar... (Professora A, 17 de mar. 2021).*

**Professora B:** *Assim, até a gente sentia aquela agonia, aquela angústia de que parecia que a gente não estava sendo professor, pelo tempo que a gente trabalha em sala de aula e está sempre presencial, muitas vezes a atividade dávamos a parte escrita para os pais, mas eles não tinham aquela mesma interpretação, então poxa vida, eu não me fiz compreensível. Então assim, isso foi um desafio, a gente teve que diminuir também a quantidade das atividades, porque daí a gente teve que pensar que*

essas crianças com os avós, os pais estão trabalhando, a orientação que a gente tinha era essa, era manter um vínculo com as famílias, mas não com uma cobrança na proporção que a gente faz na escola. Então isso foi desafiador pra mim, tinha momentos que eu pensava assim, eu estou enviando atividades só de recreação, porque por mais que eu cobrasse uma atividade, não para medir o aprendizado das crianças, o nível de conhecimento das crianças, eu não conseguia visualizar isso, o retorno que eu tinha das atividades... e as vezes eu pedia um desenho sobre uma história, a gente percebe se foram as crianças que fizeram o desenho, quando foi o pai, foi a mãe, e a gente sabe que as crianças estão naquela fase da garatuja, então eles vão fazer o rosto e os braços tudo ali na cabeça, não tem bem aquela definição de esquema corporal, e aí tu ver aquela coisa jamais mecânica... poxa, não foi... e aí tem que chamar o pai, a mãe ou o responsável para ter aquela conversa... pode deixar, não se preocupam, então assim, explicar tudo assim, é bem delicado. Agora, por exemplo, que eu tenho uma turma de pré B, eu percebo a dificuldade das crianças em segurar o lápis, então assim, por uma questão de não constranger, não chamar no grupo, a gente acaba tendo que chamar no privado, colocar uma orientação: olha mãe, eu percebi que ele está tendo dificuldade de segurar o lápis, então fazer aquela foto mostrando como deve segurar o lápis, a mãozinha esta viradinha pra segurar a tesoura, tem crianças que viram assim a mão, então fazer essa orientação também para os pais, então assim é bem trabalhoso nesse sentido de ter que chamar um por um né, coisas que a gente corrige o aluno, mostra ali na hora na sala... (Professora B, 11 de jun. 2021).

**Professora C:** Ano passado o desafio era tu não deixar o professor desamparado né, então a gente virou uma catadora de atividades, mas assim óh... quando ao comprometimento dos professores não tem muito o que falar, elas eram demais!! E outra coisa bem positiva, a gente descobriu que se elas trabalhassem juntas, era bem mais produtivo e teria mais trocas, então as professoras perceberam que elas tinham que fazer as atividades juntas, então elas se reuniram e tudo era desenvolvido juntas, faziam juntas e enviavam juntas... e outra coisa que a gente sabe que não pode usar folhinha né, então assim, esse foi outro ponto positivo, elas tiveram que partir bem pro lúdico, bem pra esse tipo de coisa, não massacrar a criança com muita atividade, tudo tinha que ter um objetivo... e teve uma professora que ela fez uma atividade muito interessante que foi a questão de trabalhar a alimentação da criança de fazer aquilo que ela gostava com os pais de receita, então era vídeos de

*bolo de laranja, bolo de cenoura, de bolacha de manteiga que uma criança fez... então essa interação com a família foi bem positiva também. Esse ano para mim é exatamente isso, é de continuar nessa linha de trazer alguma coisa que vá agradar... eu sempre digo que eu tenho um anjinho ou alguma coisa que me cutuca o tempo todo... cuida, cuida, cuida e cuida, não dá muito, não dá muito e não dá muito... porque tu tens um medo e ao mesmo tempo que tu tens o medo de dar muitas atividades e eu também não separo por dia, eu separo por atividades, de tu não errar com eles... isso é bem complicado. Eu acho que toda atividade que tu fazes, tu tens medo de errar, mas quando eles te dão o retorno... eu trabalhei o outono com uma criança e ela me disse assim em forma de vídeo: “profe, eu estou no outono porque as folhas estão caindo, tem frutas e eu estou sentindo o vento”. Então para mimouve a aprendizagem daquela forma que ela estava me contando sabe e isso é muito bom, quando tu tens esse retorno, mas ainda falta o contato. Eu conheci um pouco no ano passado que deu 20 dias. E eu conheço as crianças porque eu sempre fui uma supervisora que quando batia o sinal eu sempre ia pra sala de aula ver as crianças... a gente fazia fila às vezes no início e eu circulava pela fila pra dar uma olhada então é difícil eu não conhecer... tem crianças que realmente eu não lembro da fisionomia, porque por 20 dias não dá tempo né... nós tínhamos quase 0 crianças né, mas uma das primeiras atividades esse ano foi pedir uma foto, um vídeo, então tu tem essa lembrança né, tu guardou alguma coisa né... (Professora C, 28 de abr. 2021).*

**Professora D:** *Olha, no ano passado nós tivemos sorte de ter um supervisor maravilhoso, então qualquer dúvida nós entrávamos em contato com ele. E o meu maior desafio foi como fazer que o processo de ensino aprendizagem realmente fosse efetivado com as crianças pequenas, porque muitos pais apoiam e fazem as atividades e enviam..., mas outros não, e tu sabe assim que, as crianças têm capacidade de fazer, mas elas precisam de uma ajuda a mais, um auxílio a mais. E a gente via que eles deixavam de lado, como se a Educação Infantil não fosse prioridade, como eles não vão aprender a ler e a escrever, então deixa de lado... é só brincadeira mesmo, só um passatempo, tem pais que não levam a sério a Educação Infantil... e os pais mandam pra escola para os professores cuidarem, como agora, para poderem trabalhar... mas eles não levam a sério já que não é alfabetização, se eles não aprender a matemática nem o português, falam assim, ahh, eles só vão lá pra brincar, e o maior desafio foi conscientizar os pais que a Educação Infantil é a base prioritária para os Anos Iniciais, e se eles não souberem pintar, recortar, colar,*

saber as cores, saber as iniciais do nome, eles vão ter muita dificuldade quando chegar nos Anos Iniciais, porque os conhecimentos vão ser mais aprofundados... então se eu não souber a base como é que eu vou aprofundar o meu conhecimento, eu vou sempre ficando para trás... o primeiro desafio foi conscientizar os pais que a Educação Infantil é super importante, não é brincadeira, não é só simplesmente deixar brincar a vontade livre dentro de uma sala de aula, existem regras, existem disciplinas, existem conteúdo a serem vencidos também. O segundo foi motivar os alunos fazendo atividades diferenciadas, que não sejam maçantes nem pra eles e nem para os pais, muita brincadeira, muito desafios, ahh, agora você vai ser desafiado a varrer uma casa, você vai ser desafiado a montar um bilboquê, você vai ser desafiado a fazer um recorte, de forma triangular, de forma quadrada, então assim, atividades que motivasse os alunos a fazer, e fazer com que os pais auxiliassem a fazer ... então assim, se o pai não auxilia o aluno é como se fosse um abandono de intelecto, então é prioridade que a família participe, então sempre foi isso, conscientizar os pais de que a Educação Infantil é essencial, é a base, criar atividades novas que os alunos se motivassem a fazer, tomassem gosto pela brincadeira, pelo lúdico, muito lúdico... e fazer com que os pais auxiliassem os alunos efetivamente. (Professora D, 25 de mai. 2021).

A partir dos relatos das professoras sobre os desafios enfrentados durante o período pandêmico, destacamos subcategorias em comum importantes que as professoras apresentam em suas falas, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 14: Os desafios e suas subcategorias

OS DESAFIOS	
1. Quais foram/são os desafios encontrados na reorganização do ensino? Você se sentiu apoiada, segura nos procedimentos adotados?	
Percepções das Professoras	Professoras
Superação	A, B e C
Relações com os pais	A, B e D
Avaliação da aprendizagem	B, C e D
Reconfiguração das ações	C e D
Vínculo com as crianças	C e D

Fonte: Sistematização das autoras

A **superação** das angústias, medos, dificuldades e adaptações aconteceram em vários momentos, pois os professores, e até mesmo a gestão, escolar não sabiam

como agir. Tudo se tornou uma intensa aprendizagem. Entendidas como aprendizagens, tais superações podem contribuir para que o professor vai se constituindo como profissional, tendo em vista que ele aprende a partir das interações que realiza, tanto com os espaços formativos como com as reflexões que faz durante esse movimento, visto como inacabado.

O professor não nasce professor. Ele se constitui historicamente; aprende sem se desvincular do mundo que o rodeia; aprende com o outro e aprende também refletindo. O saber e o fazer constituem-se em elos inseparáveis. Formar-se professor é mais do que somente frequentar um curso superior. (LOPES, 2009, p.55)

Assim, as professoras tiveram que, a partir do contexto em que estavam vivendo, aprender com a nova realidade, buscar métodos de desenvolver as atividades, abrir mão da sua zona de conforto para vivenciar outras experiências como relata a Professora A “...foi uma adaptação, tudo foi um aprendizado para nós e está sendo de novo agora... quando foi a questão do híbrido, foi uma novidade, no início assusta..., mas é coragem e é uma mudança, temos que nos adaptar... “. Com muita coragem, conseguiram organizar suas ações para continuar o vínculo com os familiares e também com as crianças, como conta a Professora C “...esse ano pra mim é exatamente isso, é de continuar nessa linha de trazer alguma coisa que vá agradar... eu sempre digo que eu tenho um anjinho ou alguma coisa que me cutuca o tempo todo... cuida cuida cuida e cuida, não dá muito, não dá muito e não dá muito [conteúdo]...”. A Professora buscou métodos para seguir o seu trabalho da forma que ela achou mais interessante, tanto para as crianças, quanto para ela. E essa forma de desenvolvimento proporcionou ações de vitórias, de contato mais próximos dos familiares, mesmo sendo a distância.

Sobre os desafios das **relações com os pais** destacamos esse trecho do relato da Professora D “...conscientizar os pais de que a Educação Infantil é essencial, é a base, criar atividades novas que os alunos se motivassem a fazer, tomassem gosto pela brincadeira, pelo lúdico, muito lúdico... e fazer com que os pais auxiliassem os alunos efetivamente”. Essa foi uma das dificuldades em comum encontradas pelas Professoras A, B e D, pois muitas vezes os pais não davam importância às atividades enviadas pelas professoras, não dando, assim, o retorno esperado, como relata a Professora D na sua fala “a gente via que eles deixavam de lado, como se a Educação Infantil não fosse prioridade, como eles não vão aprender a ler e a escrever, então deixa de lado... é só brincadeira mesmo, só um passatempo...”.

É importante lembrar que é na escola, e primeiramente na Educação Infantil, que se estabelece a relação entre criança e cultura, mediada pelo professor,

[...] a compreensão do papel da cultura como fonte das qualidades humanas conduz a organização do trabalho pedagógico. Quando o professor tem clareza disto, organiza intencionalmente sua atividade e procura garantir o encontro da criança com a cultura. (MAGALHÃES, 2014, p. 64)

A escola é um espaço primordial para o desenvolvimento das crianças. E conscientizar os pais disso foi uma tarefa difícil, por estarem em atividades remotas, sem o vínculo presencial e próximo. Inclusive, muitas vezes os professores não conseguiam se fazer compreender a partir das atividades explicativas que enviavam via WhatsApp pelos pais, como destaca a Professora B “...*muitas vezes a atividade dávamos a parte escrita para os pais, mas eles não tinham aquela mesma interpretação, então poxa vida, eu não me fiz compreensível.* E assim, acabavam não dando o retorno esperado mediante aquela atividade, por falta de compreensão, e isso gerava desafios para os professores acompanharem a aprendizagem e desenvolverem as atividades, “... *então isso foi desafiador pra mim, tinha momentos que eu pensava assim, eu estou enviando atividades só de recriação, porque por mais que eu cobrasse uma atividade, não dá para medir o aprendizado das crianças...*”.

Para que a aprendizagem aconteça, cumpre constituir estratégias que possibilitem a organização das atividades do professor, possibilitando a aprendizagem do aluno, como Moura *et al.* (2010, p. 86) pontuam: “[...] para a formação do pensamento teórico do estudante, faz-se necessário organizar o ensino de modo que este realize atividades adequadas para a formação desse pensamento”. Assim, a aprendizagem do aluno se constituirá a partir da atividade de ensino do professor, focando na atividade principal do aluno. Mas, o que a mediação muitas vezes não se dava de forma eficaz, eram muitas as dificuldades neste processo.

As professoras também abordaram acerca de algumas **avaliações da aprendizagem** que elas puderam fazer no decorrer das propostas enviadas para os familiares. Uma delas diz respeito às atividades que os próprios pais faziam, ao invés de deixar as crianças desenvolverem “...*as vezes eu pedia um desenho sobre uma história, a gente percebe se foram as crianças que fizeram o desenho, quando foi o pai, foi a mãe, e a gente sabe que as crianças estão naquela fase da garatuja, então eles vão fazer o rosto e os braços tudo ali na cabeça...*”. As percepções que nós professores temos, ao avaliar a aprendizagem da criança, são importantes, pois elas



desencadeiam ações, que o professor irá organizar no seu planejamento para desenvolver uma atividade orientadora, pois, como refletem Moura *et al.* (2010, p. 101)

A atividade é orientadora, no sentido de que é constituída na inter-relação professor e estudante e está relacionada à reflexão do professor que, durante todo o processo, sente necessidade de reorganizar suas ações por meio da contínua avaliação que realiza sobre a coincidência ou não entre os resultados atingidos por suas ações e os objetivos propostos.

Portanto, quando o professor, em sua atividade de ensino, tem como objetivo o desenvolvimento da criança, ele procura entender os seus processos de aprendizagens, avaliando se ela conseguiu desenvolver ou não e sempre mediando, como relata ainda a Professora B *“...que eu tenho uma turma de pré B, eu percebo a dificuldade das crianças em segurar o lápis, então assim, por uma questão de não constranger, não chamar no grupo, a gente acaba tendo que chamar no privado, colocar uma orientação: olha mãe, eu percebi que ele está tendo dificuldade de segurar o lápis, então fazer aquela foto mostrando como deve segurar o lápis, a mãozinha está viradinha pra segurar a tesoura, tem crianças que viram assim a mão, então fazer essa orientação também para os pais, então assim é bem trabalhoso nesse sentido de ter que chamar um por um né, coisas que a gente corrige o aluno, mostra ali na hora na sala... ”*. O olhar do professor na avaliação é de extrema importância, pela “percepção, pela reflexão, sobre a qualidade da aprendizagem que irá desencadear ou não novas ações do professor para atingir o seu objetivo” (MOURA, SFORNI, LOPES, 2017, p. 85). É nesse momento que o professor irá avaliar as ações realizadas, verificando as novas necessidades advindas durante o movimento de aprendizagem. A fala dessa professora, particularmente, evidencia como este processo foi complexo nesse momento da pandemia.

Contudo, apesar dos desafios, as aprendizagens aconteceram, como destacado na fala da Professora C, referente ao tema trabalhado, outono, em que uma criança soube relatar em que estação estava por visualizar características relacionada ao outono, *“...eu trabalhei o outono com uma criança e ela me disse assim em forma de vídeo: “profe, eu estou no outono porque as folhas estão caindo, tem frutas e eu estou sentindo o vento”. Então para mimouve a aprendizagem daquela forma que ela estava me contando sabe e isso é muito bom, quando tu tens esse retorno, mas ainda falta o contato. ”*. Assim, como ela mesmo destaca, nesse momento

houve aprendizagem a partir da realidade vivida e sentida no cotidiano daquela criança.

Levando em conta a realidade em que estávamos vivendo, houve necessidade de **reconfiguração das ações**, pois o ensino estava remoto, os professores não tinham contato próximo com seus alunos. Assim, a gestão e professores tiveram que se readaptar com isso e buscar métodos para desenvolver as atividades, uma delas foi o trabalho coletivo das professoras, como narra a Professora C “... e outra coisa bem positiva, a gente descobriu que se elas trabalhassem juntas, era bem mais produtivo e teria mais trocas, então as professoras perceberam que elas tinham que fazer as atividades juntas, então elas se reuniram e tudo era desenvolvido juntas, faziam juntas e enviavam juntas... “. Naquele momento em específico, em que todos os professores ainda não sabiam o que fazer com suas práticas, o trabalho em grupo foi relevante, possibilitando muitas trocas de experiências. Borowsky (2017, p. 223) nos diz que

os sujeitos quando agem tendo como referência o trabalho em grupo, com características de um coletivo, estão em processo de significação de sua formação a partir das relações essenciais que objetivam suas ações no projeto que se constitui em atividade.

Outro destaque que a Professora C aborda em sua fala é que o uso da “folhinha” passou a não ser considerada como tarefa a ser desenvolvida e, sim, foram empreendidas ações mais práticas, como participar com os pais de uma receita de bolo, brincadeiras e jogos. Essa reflexão é importante, uma vez que a atividade principal da criança, segundo Leontiev (2014), é o brincar, como apresenta a Professora D em sua fala “...o segundo foi motivar os alunos fazendo atividades diferenciadas, que não sejam maçantes nem para eles e nem para os pais, muita brincadeira, muito desafios, ah, agora você vai ser desafiado a varrer uma casa, você vai ser desafiado a montar um bilboquê...”. Segundo Leontiev (1978, p. 293):

[...] é no jogo, por exemplo, que a criança de idade pré-escolar se apropria das funções sociais e das normas de comportamento que correspondem a certas pessoas (que faz soldado do exército [...], que faz de diretor, de engenheiro, de operário de fábrica), e isto constitui um elemento muito importante da formação da sua personalidade.

O **vínculo com as crianças** se tornou difícil em tempos de pandemia, pois o contato mais próximo acontecia com as famílias, já que as atividades encaminhadas

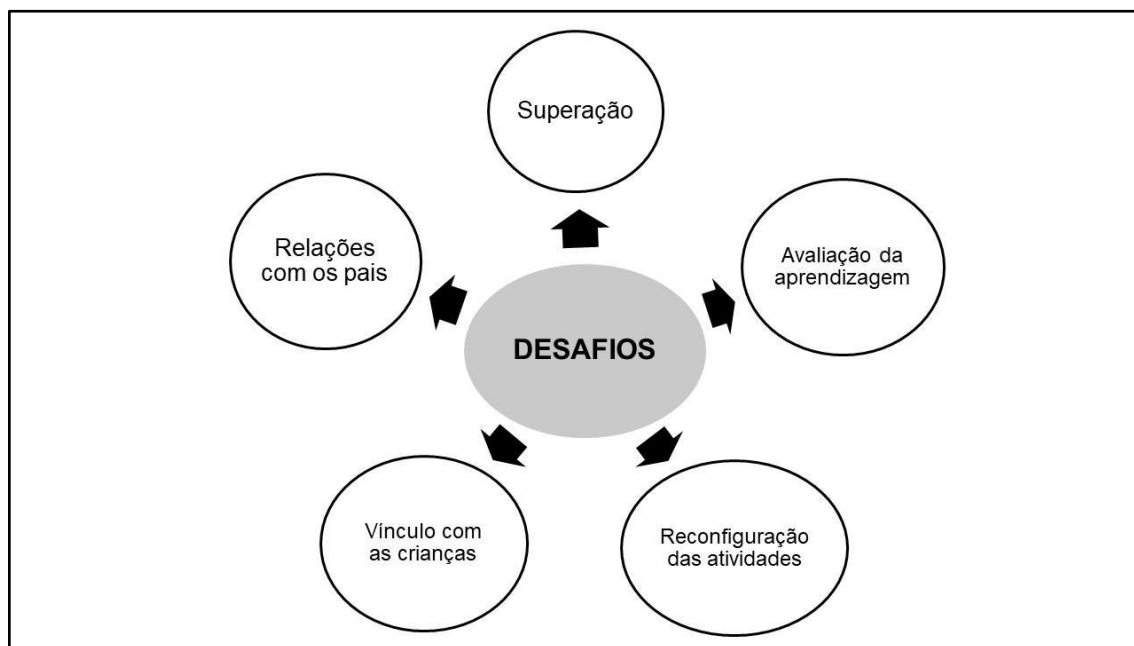
para as crianças via grupo de WhatsApp dos familiares eram mediadas pelos pais delas. Algumas professoras relataram sobre aulas assíncronas que ocorreram durante esse processo, mas que não eram propriamente uma aula e, sim, uma conversa, para que pudessem se conhecer melhor, como por exemplo, para apresentar os animais de estimação.

Também, apresentar sempre ações mais lúdicas, que faziam parte daquele contexto em que as crianças estavam vivendo, ou seja, em suas casas, com seus familiares, como narra a Professora D: “...*motivar os alunos fazendo atividades diferenciadas, que não sejam maçantes nem pra eles e nem para os pais, muita brincadeira, muito desafios, ahh, agora você vai ser desafiado a varrer uma casa, você vai ser desafiado a montar um bilboquê, você vai ser desafiado a fazer um recorte, de forma triangular, de forma quadrada, então assim, atividades que motivasse os alunos a fazer, e fazer com que os pais auxiliassem a fazer...*”. Essas ações acabavam sendo mais produtivas e envolventes. E o lúdico proporciona isso, tanto em um espaço infantil, quanto em um espaço que contém somente adultos, como indica Makarenko (1977, p. 213) em suas conversas, um ambiente lúdico, diferente, divertido e de conhecimento.

*Los niños tienen sus tipos de emotividad, su grado de expresividad de movimiento espirituales. Y la belleza de la colectividad infantil no puede copiar totalmente la belleza de la colectividad adulta. Tomemos el juego. Este debe estar presente necesariamente en la colectividad infantil. Un conjunto de niños que no juegue no es tal colectividad infantil.*

Mesmo considerando o espaço infantil ou o espaço escolar melhor, com materiais, brinquedos, um lugar totalmente voltado para as crianças de total importância, não podemos descartar o contexto que estávamos vivendo, por isso, o espaço que eles tinham na casa com a coletividade adulta proporcionou experiências lúdicas. A seguir, a Figura 9 ilustra a categoria. Os desafios e suas subcategorias.

Figura 9: Os desafios



Fonte: Sistematização das autoras

#### 6.1.4 A relação com a criança

O professor não é apenas um ser que transmite conhecimentos, é importante ter proximidade afetiva com as crianças ou até mesmo com os familiares. Em vista disso, almejamos entender essa relação das professoras em tempos de pandemia. Para tanto, foram elaboradas duas questões, sendo a primeira: “*Como é/foi o retorno das ações desenvolvidas pelas crianças? Os pais ajudam/ajudavam e enviam/enviavam as atividades?*”

**Professora A:** *Parte dos alunos sim, parte dos alunos não. Não tinha assim 100% de retorno, nem 100% de que não enviavam. O que aconteceu, foi que depois que saiu essa notícia que eles não reprovavam, diminuiu ainda mais o retorno, mesmo sendo EI, quando teve o recesso, que foi antecipado em maio [2020], eu notei que diminui um pouco do retorno. E a partir disso fomos buscando estratégias, fomos experimentando né, para ver o que podíamos fazer... passamos a enviar atividades três vezes na semana, ao invés de enviar todos os dias, para não sobrecarregar as famílias, já que elas estavam retornando ao trabalho... nós continuamos remoto, em casa, mas as maiorias das famílias seguiam trabalhando. Mas as famílias não né, não tinham tempo para desenvolver as atividades, chegavam cansados em casa... (Professora A, 17 de mar. 2021).*

**Professora B:** *Sim, teve crianças que não falharam nenhuma atividade, então a gente conseguia observar bem o envolvimento dos pais, assim como teve aquelas crianças que a gente teve que buscar, mandar um recadinho particular, porque eu percebi assim óh, lá no início, teve aqueles que sempre, desde o início, eu vou esperar mais um pouquinho... É... daqui uns dias eles voltam na escola... aí alguns, ahh, porque eu não tenho o material em casa e assim por uns dois, três meses foi assim. Daí a gente cobrava né, chamava no privado e falava que eles precisam, eles estão em idade escolar, idade de frequência obrigatória, então a gente está dessa forma, por isso eu preciso de algum retorno... aí naquela semana vinha um retorno, e na semana seguinte sumia. Então assim, teve esses casos também! E aqueles que não tinham acesso à internet, então que começaram a buscar o material impresso na escola, e daí desses não veio o retorno, a gente não sabe se realizou ou não realizou. Como eu tenho a turma de pré 1 em Agudo, então a maioria é o primeiro ano que está na escola né, eu percebo que são bem comprometidos, os pais bem envolvidos mesmo. Eu posto atividades toda semana, faço meu planejamento semanal, geralmente em torno de 4 atividades né, e eu tenho que ter esse registro diário também, e eu mando na segunda – feira e eles podem me mandar na semana seguinte, na terça, na quarta, não tem um tempo específico para esse retorno, então assim, às vezes acontece de estar assim, entre aspas, duas semanas de atraso a atividade, mas né todos estão participando. (Professora B, 11 de jun. 2021).*

**Professora C:** *Temos retornos bem positivos, mas tem pais que não colocam as crianças para junto desenvolverem as atividades... e tem aqueles que questionam né, o que é para fazer, como... e isso é bem bom. (Professora C, 28 de abr. 2021).*

**Professora D:** *Assim óh, esse ano no início do ano só fizemos cinco entregas na escola, atividades impressas, no ano passado para cá, como te disse, o ano passado até maio nós tínhamos mais retorno pelo WhatsApp e também pelas atividades impressas, depois que passou o recesso, as atividades impressas e via WhatsApp por envio de fotos e vídeos caiu uns 80%. Desses 20 que sobraram uns 10% a gente via que eram os pais que tinham feito ou algum irmão mais velho, alguém que sabia melhor lidar com lápis de cor, recorte e colagem, porque era tão perfeito para um pré que não tinha como perceber. Esse ano [2021] o que que a gente percebeu, logo no início, as 4 primeiras atividades estavam em época remota ainda, tivemos um retorno significativo, a maioria dos pais foi retirar as atividades, de 279*

*alunos que nós temos na escola, mais ou menos uns 2 alunos foram retirar as atividades, desses 2, uns 230 retornaram as atividades para serem corrigidas, inclusive a Educação Infantil. A maioria dos alunos da Educação Infantil buscaram as atividades, retornaram as atividades para serem corrigidas, até a terceira correção, quando chegou agora na quarta correção dia 30 de abril, nós percebemos que tinha decaído esse número também. Então percebemos que eles iniciam com muita vontade, mas depois na medida que eles vão vendo que ahh, a aula não vai voltar, aí vai ser a mesma coisa que o ano passado, todo mundo vai passar de ano e não preciso fazer, vai decaindo tanto no WhatsApp, muitos saem do grupo, sem dizer o porquê, sem motivos, e a entrega também diminuiu presencial, pra quarta entrega... e é sempre os mesmos que mandam atividades pelo WhatsApp, é 2, 3 alunos e sempre aqueles... e daí os pais reclamam, aii, eu tenho mais filhos para atender, não posso dar atenção para esse, eu trabalho o dia inteiro, como que eu vou dar atenção pro meu filho em tempo integral. Então assim, a gente viu que deu uma decaída, em relação a 8 de março quando começou as aulas remotas até 30 de abril quando foi a última atividade entregue a ser na época remota e impressa. No pré que eu estava dando aula esse ano ainda, os que enviavam atividades, a maioria é esses que optaram por vir para a escola [em2021], então eles pararam de enviar atividades porque eles estão mostrando presencial e até nós mesmos dizemos que podem enviar as atividades remotas, mas é para enviar quando eles estão em casa, na semana que eles estão remotos, para não sobrecarregar os pais né. E os que nunca enviaram são aqueles que assim óh, que seguem em remoto e enviam as atividades impressas também para serem corrigidas. Mas tem 15 alunos no pré, dos 15 alunos, 6 optaram por vim para escola presencial, 3 em uma semana e 3 em outra semana, os outros 8 que sobraram alguns mandam atividades para serem corrigidas, outros não...4 enviam, 4 não... ficou bem dividido a turma depois que começou o híbrido. (Professora D, 25 de maio de 2021).*

A segunda questão inquiriu: “Você percebe se as crianças estão conseguindo aprender ou se desenvolver nessa nova modalidade de ensino remoto?”

**Professora A:** *As crianças que eu tive retorno, acredito que sim! Porque na EI se desenvolve habilidades né e as habilidades, a maioria se desenvolve por atividades práticas, e a criança, ela brinca, se tu instigar ela a brincar, ela vai brincar e brincando*

*ela vai se desenvolver. Os maiores eu não sei se eles não tiveram um pouco de retrocesso, em relação aqueles que não tivemos retorno, porque eles não fizeram a maioria das atividades né.*

**Professora B:** *De algum sim, como eu coloquei, aqueles que a gente percebe que é a criança que está fazendo, pelas fotos que a gente recebe, eu tenho o meu arquivo, separo pelo nome da criança, então eu consigo a partir de ali ir acompanhando o desenvolvimento mesmo e como eu coloquei, aquela questão mesmo, a gente vê quando é a criança que fez, se foi a criança que realizou, mas eu acho assim que está bastante comprometido, digamos assim, esse envolvimento né. E normalmente são as crianças que têm um envolvimento maior em casa, que os pais se dedicam mais, eu acredito que está tranquilo. Ano passado eu tinha uma mãe que ela me disse assim, ela não quer fazer, porque ela falava assim: mãe, tu não sabe, não é assim que a minha profe faz... então eu fazia o áudio/vídeo conversando/falando com a menina né, que a mãe sabia sim, que era pra fazer da forma que a mãe tava mostrando, mas eles tentam né, na escola assim, a gente sempre percebe, o que a profe diz na escola é meio que lei pra eles, por mais que às vezes eles não estão fazendo, eles veem como o coleguinha está fazendo e aí fazem também. E em casa a gente sabe, eles tentam né, fazem o que chama atenção... como não está na escola, acaba dispersando. (Professora B, 11 de jun. 2021).*

**Professora C:** *Essa já foi respondido no decorrer da entrevista... (Professora C, 28 de abr. 2021).*

**Professora D:** *Pois é, nós levamos um susto!!! Pelas correções impressas mandadas remotamente eles estavam muito bem... mas ao retornarem para a escola nós percebemos que ficou bem nítido que eram os pais que faziam ou um irmão mais velho... por exemplo, nós damos uma atividade recorte, o aluno não sabe pegar em uma tesoura, fizemos uma atividade de pintura... o aluno sai do limite do desenho, quando eles devolviam as atividades remotas em tudo bonitinho, dentro do limite... então nós identificamos a partir disso no sistema híbrido aqueles alunos que quem realmente produzia as atividades e aqueles que não faziam e os outros faziam por eles...Então, o bom do híbrido é tu ver, tu consegue fazer uma avaliação diagnóstica do aluno, realmente em que nível ele está. Então essa nossa primeira semana de híbrido foi essa avaliação diagnóstica. E ver se realmente o aluno sabe recortar, pintar,*

*se o aluno sabe usar uma cola, se ele sabe desenhar... então nós fizemos um paralelo, nós pegamos atividades corrigidas, e comparamos com as que eles estão fazendo agora, para ver realmente se foi o aluno que fez mesmo. O bom do híbrido é isso, essa avaliação diagnóstica e partir disso trabalhar outras atividades com eles, para que as lacunas sejam sanadas né... (Professora D, 25 de maio 2021).*

O Quadro 15 traz as categorias e as subcategorias, referentes às falas das professoras.

Quadro 15: A relação com a criança e suas subcategorias

<b>A RELAÇÃO COM A CRIANÇA</b>	
1. <i>Como é/foi o retorno das ações desenvolvidas pelas crianças? Os pais ajudam/ajudavam e enviam/enviavam as atividades?</i>	
2. <i>Você percebe se as crianças estão conseguindo aprender ou se desenvolver nessa nova modalidade de ensino não presencial?</i>	
<b>Percepções da Professoras</b>	<b>Professoras</b>
Envolvimento das famílias	A, B e D
Estratégias utilizadas	A, B e D
Retorno positivo	B e D
As atividades feitas pelos familiares	A, B e D
Aprendizagem dos alunos	A, B e D

Fonte: Sistematização das autoras

Ao analisar as respostas das professoras, percebemos ter sido bem difícil o processo de aprendizagem das crianças no ensino remoto. O **envolvimento das famílias** foi considerável pouco, como relata a Professora A: “...*não tinha assim 100% de retorno, nem 100% de que não enviavam. O que aconteceu, foi que depois que saiu essa notícia que eles não reprovavam, diminuiu ainda mais o retorno, mesmo sendo EI, quando teve o recesso, que foi antecipado em maio, eu notei que diminui um pouco do retorno...*”. A Professora B compartilha a ideia da Professora A, quando ela diz que: “...*sim, teve crianças que não falharam nenhuma atividade, então a gente conseguia observar bem o envolvimento dos pais, assim como teve aquelas crianças que a gente teve que buscar, mandar um recadinho particular, porque eu percebi assim óh, lá no início, teve aqueles que sempre, desde o início, eu vou esperar mais*



*um pouquinho...*” Muitas famílias preferiram esperar as aulas presenciais e não acompanharam as atividades enviadas pelas professoras..

Porém, muitas famílias não lembravam que a Educação Infantil é obrigatória a partir dos 4 anos de idade, como determina a Lei de Diretrizes, art. 6º, “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade” (Redação dada pela Lei n.º 12.796, de 2013). A Professora B se refere a isto e apresenta em sua fala: “...daí a gente cobrava né, chamava no privado e falava que eles precisam, eles estão em idade escolar, idade de frequência obrigatória...”.

Este fato fez com que professoras precisassem criar **estratégias** para obter retorno das famílias, entregar ou enviar as atividades desenvolvidas, para as professoras terem uma ideia e então avaliar o desenvolvimento das crianças, “...e a partir disso fomos buscando estratégias, fomos experimentando né, para ver o que podíamos fazer... passamos a enviar atividades três vezes na semana, ao invés de enviar todos os dias, para não sobrecarregar as famílias, já que elas estavam retornando ao trabalho...” (Professora B). Também, para aquelas famílias que não tinham acesso à internet a escola disponibilizou materiais impressos que foram planejados pelas professoras para as famílias buscarem na escola, como conta a Professora B: “...e aqueles que não tinham acesso à internet, então que começaram a buscar o material impresso na escola, e daí desses não veio o retorno, a gente não sabe se realizou ou não realizou. ”

Apesar de algumas professoras relatarem que não havia retorno das atividades, outras abordaram que até teve **retorno positivo**, um número menor de alunos, mas obteve, como relata a Professora B: “...sim, teve crianças que não falharam nenhuma atividade, então a gente conseguia observar bem o envolvimento dos pais...”. Consideramos de extrema importância essa colocação, pois as crianças precisam desse apoio, dessa mediação, seja por um professor seja por um familiar.

Porém, algumas vezes as tarefas retornavam, entretanto possivelmente desenvolvidas pelo irmão mais velho ou outro familiar, como diz a Professora D: “ o ano passado [2020] até maio nós tínhamos mais retorno pelo WhatsApp e também pelas atividades impressas, depois que passou o recesso, as atividades impressas e via WhatsApp por envio de fotos e vídeos caiu uns 80%, desses 20 que sobraram uns 10% a gente via que eram os pais que tinham feito ou algum irmão mais velho“. Por tudo isso, embora os familiares até certo ponto mostrassem uma preocupação em

cumprir com aquilo que a escola mandava, as professoras se sentiam inseguras, pois não conseguiam observar e avaliar aquela criança, uma vez que, talvez, a atividade tivesse sido feita pelo irmão mais velho, por exemplo, como a Professora D destacou. Assim, a devolução não era tão positiva, considerando que **as tarefas eram feitas pelos familiares**.

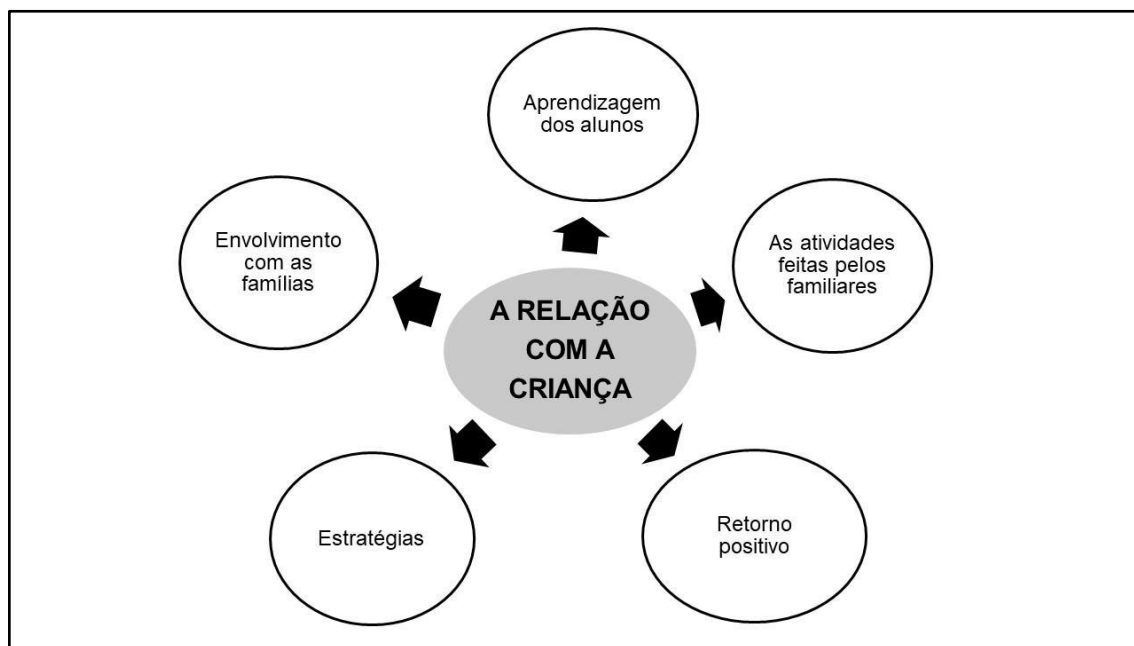
Nem sempre é fácil para a família entender que, para identificar a **aprendizagem dos alunos**, é necessário dar-lhes autonomia. Não importa se errarem, eles estão em processo de aprender e, se quisermos que construam significados históricos e culturalmente elaborados, é indispensável que, no âmbito escolar, o professor, e até mesmo a família, proporcione diversas e distintas situações de experiências e descobertas que “devem pertencer ao mundo de vivência de quem vai construir sua própria aprendizagem, e mais, tais situações devem ser retomadas ou rerepresentadas em diferentes momentos, em circunstâncias diversas” [...] (LORENZATO, 2006, p. 9). Embora não estejamos negando a relevância da participação do sujeito mais experiente no processo de aprendizagem, como coloca Vigotski (2010), fazer pelas crianças priva-lhe a possibilidade de se desenvolverem.

Um fato curioso que a Professora B relatou foi que uma das alunas dela não conseguia aprender com a participação da mãe em casa, pois ela explicava de forma diferente, segundo a criança. E como a criança estava acostumada com o método de ensino da professora, isso complicava o aprendizado, “*então eu fazia o áudio/vídeo conversando/falando com a menina [...] na escola assim, a gente sempre percebe, o que a profe diz na escola é meio que lei pra eles...*”. É possível percebermos o envolvimento daquela criança com a professora regente, e como o ensino não presencial dificultou esse contato e troca de aprendizagens.

Mas, apesar dos anseios, algumas crianças tiveram um aprendizado eficaz, como apresenta a Professora A na sua fala “*...porque na Educação Infantil se desenvolve habilidades né e as habilidades, a maioria se desenvolve por atividades práticas, e a criança, ela brinca, se tu instigar ela a brincar, ela vai brincar e brincando ela vai se desenvolver*”, e em relação a essas atividades práticas o desenvolvimento e a aprendizagem foram eficazes. As crianças, a partir da imaginação e das brincadeiras, se desenvolvem como sujeitos, conforme nos lembra Leontiev (2014): o brincar é a atividade principal da criança. Ela brinca, imagina, fantasia, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e é por isso, que a infância é uma construção

social, elaborada para e pelas crianças, em um conjunto ativamente negociado de relações sociais (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003).

Figura 10: Relação com a criança



Fonte: Sistematização das autoras

### 6.1.5 Os tempos e os espaços

Como já destacamos anteriormente, os tempos e os espaços das crianças de Educação Infantil têm um papel muito importante no ensino e na aprendizagem. Cumpre respeitá-las em suas particularidades no processo de aprendizagem e desenvolvimento, seja no tempo referente às brincadeiras, curiosidades seja no espaço físico da escola, sala de aula, onde constrói conhecimentos, saberes, habilidades e interações. Nesta categoria elencamos três questões, sendo a primeira: *No ensino presencial, nas escolas, as crianças da Educação Infantil têm uma rotina com tempos organizados para as atividades, respeitando suas individualidades. No período de ensino remoto, você acha que as crianças modificaram muito esses tempos? Será que conseguiram se reorganizar de forma semelhante ao que acontecia na escola? Mantiveram uma rotina?*

**Professora A:** *Eu acho que pelo que a gente viu, não. Os alunos acabam deitando muito tarde, o que a gente percebe assim e que até comentei com os pais, é*

*que os meus alunos, pelo menos, eles acabam deitando muito tarde, os pais eles ficam muito na frente de televisão, então às vezes eles não têm um ambiente propício a eles desenvolverem essas habilidades que a gente cria na escola situações para eles desenvolverem, ficam sentados na frente do computador, ficam acordados até tarde, em todas ou a grande maioria não, não teve a mesma rotina da escola. (Professora A, 17 de março 2021).*

**Professora B:** *Acredito que não, porque isso dependia muito da disponibilidade dos pais, o desenvolvimento das atividades, então não teve, não se manteve... e antes iam para a escola e quando começou a pandemia eles tiveram que ir na casa da avó, ou outro familiar, porque os pais estavam trabalhando, então isso tudo acabou modificando na vida deles... e a vida toda em si, aquela insegurança num passeio, o não poder frequentar a pracinha, essas coisas todas, então, comprometeu bastante. (Professora B, 11 de junho 2021).*

**Professora C:** *Assim óh, tu percebes pelas fotos que tem pais que tem a mesinha da atividade, aí então tu vêes que os pais conseguiram se organizar com eles dentro de casa e eu procuro sempre também se tem alguma atividade que vai exigir mais atenção e concentração no sentindo assim de sentar tu observas também. E também tem a atividade lá fora, porque como tem a hora atividade do professor, outros professores entram, então tem atividades da educação física, a professora sempre procura dar alguma coisa no pátio, então, dentro do limite vamos dizer que tenha, ao mesmo tempo... eu não me lembro se eles têm a língua inglesa, se eles têm uma língua estrangeira também e que eles já tinham isso antes... então, é de forma diferente, mas esses espaços, a gente procura! E sempre que eu faço, eu faço assim óh... se eu vejo que a atividade precisa que eu faça um vídeo, que preciso conversar com as crianças e mostrando a atividade do dia, geralmente eu faço vídeo sempre, eu sempre peço que tenha o momento deles brincarem lá fora, porque umas das atividades do outono era sentir o vento, então foi dada uma atividade deles correr com uma sacola no vento, de correr com fitas preta em um pauzinho ou o que o pai conseguiu para correr, então a gente percebe que tem... que não é só a tv, que não é só o celular, que apesar de o espaço estar menor e seja só o pátio eles precisam disso, eles precisam desse tempo, do brincar sem compromisso, sem ter um objetivo, é brincar.... Tem a entrega semanal [das atividades], eu faço todas as segundas, eu venho para a escola pra fazer a entrega das atividades, o retorno dos pais são durante*

*a semana, mas eu sei que tem pais que em função do trabalho, eles conseguem só no final da semana, daí mandam fotos ou vídeos... então, não tem problema, eu digo para os pais que é no tempo deles que eles tem e tu vê que tem crianças que são resistentes em fazer as atividades, tu vê pela pintura, tu vê pela carinha na foto...tu percebe isso, a gente tem esse olhar, e aí quando conversamos com a mãe, a gente diz que ela insista uma vez e se ela perceber que a criança não quer ela me retorna pra gente ver o que podemos melhorar e se vemos que a nossa atividade não está agradável... sempre temos essa troca. (Professora C, 28 de abril 2021).*

**Professora D:** *No início do ano passado né, tinha a roda da conversa, hora da merenda, a hora de ir ao banheiro, a hora da pracinha, a hora da atividade direcionada... aí com a pandemia, até no início muitos pais tentaram fazer essa rotina, ter uma rotina de estudo, pegar a criança uma hora para fazer atividade, em tal e tal horário você vai estudar..., mas isso foi se perdendo. Então assim óh, é muito mais fácil eu fazer pelo meu filho do que eu sentar uma hora, uma hora e meia com ele e ensinar. Claro que a pais e famílias são maravilhosas né, tanto que eu tenho uma aluna do pré do ano passado que ela está no primeiro ano e está alfabetizada, porque os pais realmente sentavam juntos, não importava se viessem cansados do serviço ou não, aquele horário era da menina de fazer a atividade. Mas muitos, 90% ,infelizmente não... faz o que dá, faz o que pode... ou faz a atividade incompleta, digamos tem três atividades, vou fazer tudo no sábado, a criança começa a chorar, começa a brigar, e a mãe começa a brigar com o filho, quando ver o pai está brigando com a mãe e aí acabavam desistindo, se era pra dar problema na família é melhor não fazer nada, já que a Educação Infantil não é uma coisa necessária mesmo né... (Segundo relato de alguns pais), porque vamos desarmonizar a família né... então a gente via que muito isso acontecia sabe. Outros deixavam a cargo do irmão mais velho ensinar, e aí os irmãos começavam a brigar, virava uma bagunça, a gente sabe muito disso porque os pais relatavam para nós. Então nós vimos que a maioria dos pais não conseguiram criar uma rotina, faz o que pode, faz o que não pode e o resto entrega em branco. (Professora D, 25 de maio 2021).*

A segunda pergunta diz respeito aos espaços das escolas destinados à Educação Infantil: *No ensino presencial, as escolas de Educação Infantil têm espaços organizados para as atividades com as crianças. No período de ensino remoto, você*

*acha que elas conseguiram adaptar os espaços das casas de forma a assemelhar-se aos das escolas?*

**Professora A:** *Tu consegues observar bem pelas fotos que eles mandam, que alguns tinham, outros não... acho que tu conheces a nossa comunidade... era precária, eu via que os lugares que eles desenvolviam as atividades eram bem precárias, algumas famílias conseguiam se organizar, outras não. E aí a gente comentou [entre colegas professores] que conversando com aluno se percebia o barulho em volta... as famílias faziam então um cômodo, que é o espaço que eles têm de convivência e a criança acaba não tendo um lugar reservado para fazer as atividades dela né, ou às vezes a criança não tem um pátio, a criança não sai para fora. Do ano passado, de crianças que tinham um espaço destinado aos estudos, menos da metade... que pudesse se sentar, que tivesse uma mesinha adequada... normalmente era a mesa da cozinha, onde a mãe estava cozinhando... (Professora A, 17 de março 2021).*

**Professora B:** *Eu acredito assim, que até pelo retorno em fotos e vídeos, que aquelas crianças que já tinham os seus espaços, uma organização, seja no quarto ou na sala, conseguiram manter, porque eu recebia fotos de crianças que já tinham mesinha adaptada né, do tamanho das crianças, aquelas mesinhas coloridas de plástico, então faziam as atividades ali. Aí tinha aquela que fazia atirada no sofá, que era um trabalho de um desenho... e como fazer uma atividade atirada no sofá, né... e a mãe ou a pessoa que estava ali gravando se ouvia muito mais a televisão do que a criança, então assim, tinham famílias que realmente não pensaram nesses espaços, e aí eu até percebi, poxa, está fazendo só porque tem que enviar para a profe, porque ela pediu... sabe, não vivenciaram aquele momento com a criança, não dedicaram aquele tempo específico para a criança, para a atividade, não parou aqueles cinco minutos que fosse né,... desliga a televisão, vamos acalmar, vamos fazer... era criança comendo salgadinho e fazendo a atividade, então sei lá, de repente chegou em casa e falou, vamos fazer isso agora que depois a mãe tem outra coisa para fazer, mas isso eu percebi que faltou, sim. Porque na escola também né, por mais que a gente trabalhe mais lúdico, tem aqueles momentos que a profe fala vamos fazer uma atividade na mesa que precisa mais atenção e mais concentração, vamos sentar aqui e vamos focar nisso, então eu acho que em muitas famílias faltou isso, sim. A crianças*

*tem aquela coisa de que o ensino formal é lá com a profe, eles não aprendem nada em casa... (Professora B, 11 de junho 2021).*

**Professora C:** *Sim... já falei que sim. (Professora C, 28 de abril 2021).*

**Professora D:** *Assim, como tudo tem um horário, quando a gente tem atividade direcionada, a gente pedia muito silêncio para a criança se concentrar para aquela atividade direcionada. O que eu percebi pelos vídeos e fotos que foram enviados pelo whats, que muitos faziam, mas tu via que a tv estava ligada, até no momento que a família estava tomando mate, então tinha vizinhos conversando junto, o rádio estava ligado, um irmão tava falando com outro, eu ouvia vozes... a tv estava ligada, então a criança não tinha aquele espaço de estudo, aquele horário de estudo... não, agora tu vai se concentrar e tu vai fazer a atividade... a maioria não! Porque como era um horário que os pais vinham do serviço que queriam dar uma relaxada, então tudo varia... vem aqui na mesa da cozinha enquanto a mãe faz a comida, ou a tv estava ligada, ou passava um cachorro, um gato, a criança já se distraía, já brincava com eles, esquecia as atividades... então, assim, não teve um espaço reservado para o estudo, ou uma salinha, ou algum lugar em silêncio para a criança desenvolver as atividades para se concentrar, não teve... e o que que nós fazíamos também assim... enviávamos bastante cartolina, tinta guache, pra fazer uma atividade com a criança que exigisse um material mais rebuscado assim como tinta, giz, cartolina, papel laminado, papel crepom, nós íamos juntando assim com as atividades impressas, quando também tivesse o material em mãos para poder realizar as atividades, quebra cabeça, montar jogo da memória.. Todos os anos tem uma lista de materiais para eles comprarem, só que como a gente começou em fevereiro do ano passado, depois teve o carnaval, tivemos algumas formações...então nem todos os pais tinham trazido o material... porque, tinha que receber o salário primeiro e tudo mais, estavam esperando para comprar. Para aqueles que não trouxeram foi fornecido igualmente para todos, não teve distinção, tanto que tinta guache a gente pegava da escola, usávamos da escola... o giz de cera, para que as crianças tivessem acesso também a esses materiais diferenciados... (Professora D, 25 de maio 2021).*

A terceira pergunta buscou conhecer o envolvimento e a disponibilidade dos pais para ajudar os filhos nos afazeres que as professoras enviavam, pois muitos trabalhavam e muitas vezes não tinham tempo nem de cuidar de seus filhos, pedindo

ajuda para os familiares, como avó e avô. “Como você viu o envolvimento dos pais no período de ensino remoto com a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus filhos?”

**Professora A:** *Eu fiquei muito satisfeita com a participação de alguns pais, de brincar com os filhos, de deitar no chão, de rolar, de realmente participar mesmo, porque tinha atividades que precisavam de interação de crianças com outras crianças, então as atividades eram com as famílias mesmo. Em compensação, outros mal devolviam o material que a gente mandava, porque quando tinha atividades eu deixava um espacinho embaixo na folha que eu pedia para me contar como foi a atividade, ou acrescentar alguma colocação dos pais, porque não tinha como acompanhar o processo das crianças de aprendizagem... alguns pais faziam um trabalho maravilhoso com as crianças e outros não. (Professora A, 17 de março 2021).*

**Professora B:** *Essa é parecida com a anterior, né, já respondi. (Professora B, 11 de junho 2021).*

**Professora C:** *Pesquisadora, deu de tudo! Eu vou falar como supervisora, tinham pais comprometidos, a gente viu pais extremamente furiosos, a gente viu pais que não sabiam o que estava acontecendo, eles diziam que fazia e quando chegou a época de ver realmente se fizeram e acabaram vendo que não faziam as atividades... porque antes o comprometimento era dos professores né, eles ficavam 4 horas na escola para aprender e isso mudou totalmente, eles tiveram que ver isso de perto e teve pais que não entenderam... então tivemos que ter conversas bem difíceis e às vezes tive conversas com os pais e tive que falar que os filhos têm dificuldades, ele não entende... e a partir do momento que os pais tiveram que ficar com seus filhos eles perceberam isso. Teve um relato de um pai que disse o quão difícil foi fazer o filho dele sentar pra fazer determinada atividade e a gente também percebeu que temos pequenos ditadores em casa, que são eles que ditam a rotina e que eram os filhos que faziam quando queriam, como queriam... (Professora C, 28 de abril 2021).*

**Professora D:** *No início eles estavam mais empolgados, mas depois eles foram deixando, infelizmente, de lado... por achar que a Educação Infantil não é algo essencial para a aprendizagem do aluno né, pro futuro do seu filho... e também assim... a rotina dos pais, disseram que era muito cansativo... iam no serviço cansados, tinham que ensinar o filho, chegar em casa, fazer comida, lavar roupa... e*



*principalmente a mulher, a maior queixa era das mães, porque a gente viu também nessa parte que as mães eram as mais interessadas em buscar as atividades, pouco se via um homem, um pai buscando... ou um vídeo que enviavam um pai ensinando... então, devido a esses fatores de não achar que é importante, que o filho não roda então não tem tanta importância de aprender foi deixado de lado, assim, o aprendizado do aluno. Tanto que alguns a gente teve até que ligar para casa para perguntar porque não trouxeram a atividade, porque não fizeram as atividades, se estava acontecendo alguma coisa... É obrigatória!! [A Educação Infantil] E a maioria da nossa escola tem bolsa família e eles precisam do atestado de frequência para renovar a bolsa família né, então tu via assim que alguns pais se obrigavam a buscar as atividades dos filhos porque eles precisavam comprovar que os filhos estavam estudando né para não perder esse auxílio. Essa parte também fez com que não tivesse tanta desistência da parte dos pais né... nós enviávamos 3 folhas de atividades e eles retornavam meia nem que fosse..., mas pelo menos tinha algo para dizer que fez né, que eles estavam frequentando para não perder o auxílio. (Professora D, 25 de maio 2021).*

Com base no exposto pelas professoras, elaboramos o Quadro 16 com as três perguntas referentes à categoria os tempos e os espaços e algumas subcategorias identificadas durante a leitura, entendidas como importantes em todo esse processo.

#### Quadro 16: Os tempos e os espaços e suas subcategorias

(continua)

<b>OS TEMPOS E ESPAÇOS</b>
----------------------------

1. <i>No ensino presencial, nas escolas, as crianças da Educação Infantil têm uma rotina com tempos organizados para as atividades, respeitando suas individualidades. No período de ensino remoto, você acha que as crianças modificaram muito esses tempos? Será que conseguiram se reorganizar de forma semelhante ao que acontecia na escola? Mantiveram uma rotina?</i>	
2. <i>No ensino presencial, as escolas de Educação Infantil têm espaços organizados para as atividades com as crianças. No período de ensino remoto, você acha que elas conseguiram adaptar os espaços das casas de forma a assemelhar-se aos das escolas?</i>	
3. <i>Como você viu o envolvimento dos pais no período de ensino remoto com a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus filhos?</i>	
<b>Percepções das Professoras</b>	<b>Professoras</b>
<i>Rotina</i>	A, B e D
<i>Disponibilidade de tempo nas tarefas das crianças</i>	B, C e D
<i>Espaço destinado para o desenvolvimento das atividades</i>	A e B
<i>Não reconhecimento da importância da Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças</i>	A, B, C e D

(conclusão)

Fonte: Sistematização da autora

Os relatos das professoras desvelaram que antes de começar o ensino não presencial as crianças tinham uma **rotina**, com hora de ir para a escola, entrar na sala, desenvolver as atividades, brincar, hora do lanche e hora de ir embora, como conta a Professora D “... no início do ano passado né, tinha a roda da conversa, hora da merenda, a hora de ir ao banheiro, a hora da pracinha, a hora da atividade direcionada... Lima (2010), em sua tese, explica que, em qualquer uma das formas de se entender e estruturar o tempo das ações, a rotina é tida como dada e tem mais força que as proposições dos professores na organização do trabalho pedagógico.

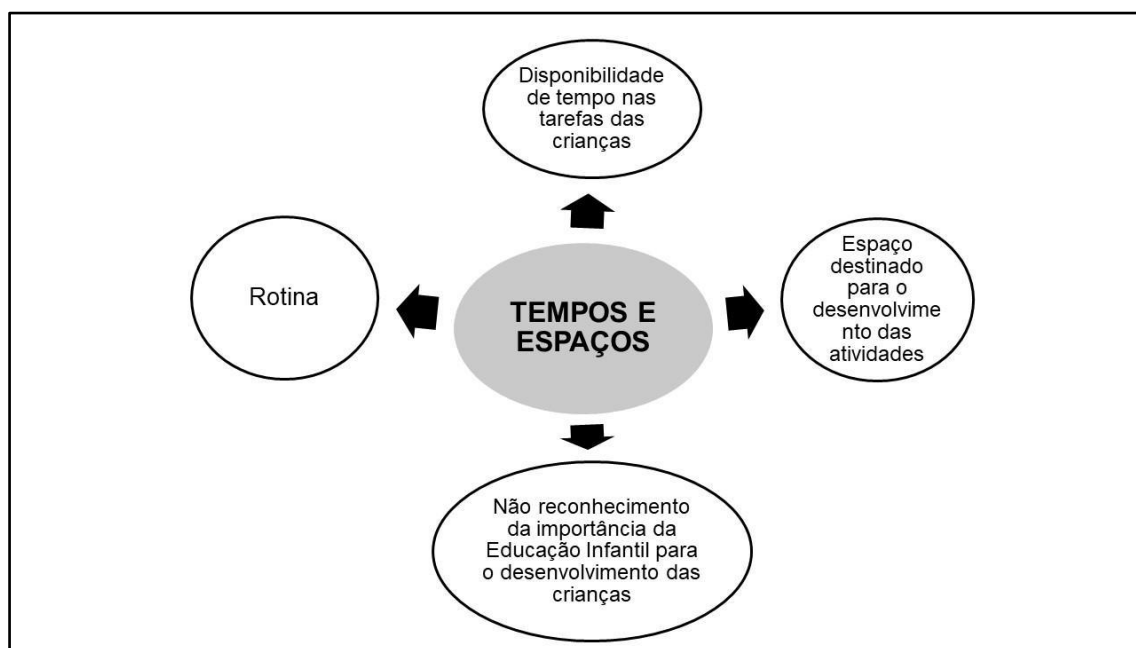
Todavia tudo mudou quando pararam as atividades presenciais. A rotina das crianças sofreu grandes mudanças, pois muitos tiveram que ficar com os avós ou funcionários da casa, uma vez que muitos pais precisavam sair para trabalhar. Isso fez com que nem todas tinham horários definidos para desenvolver as tarefas, bem como hora de acordar, lanche e até mesmo almoçar, pois dependiam muito dos adultos que estavam com as crianças.

E assim, os familiares ajudavam, quando encontravam **disponibilidade de tempo para as tarefas das crianças**, depois do trabalho “rapidinho”, no final de

semana, ou quando alguém podia, ou ainda contratavam outra pessoa para ajudar. Além disso, muitas vezes as crianças não queriam desenvolver as tarefas, justamente por entenderem que aquele espaço da casa deles é um espaço de lazer, gerando, assim, conflitos entre os familiares como narra muito bem a Professora D: “... a criança começa a chorar, começa a brigar, e a mãe começa a brigar com o filho, quando ver o pai está brigando com a mãe e aí acabavam desistindo...”.

Também, a Professora A relata que, considerando as crianças estarem nas suas casas, muitas vezes não tinham um **espaço destinado para o desenvolvimento das atividades**, desenvolviam-nas na sala da casa, sentados no sofá, escutando o barulho da televisão, ou até mesmo quando os familiares estavam fazendo outro afazer de casa, como almoço e faxina, dificultando ainda mais a concentração e, conseqüentemente, o aprendizado delas. Portanto, analisando as respostas das professoras, é possível perceber que a maioria das crianças não tinha espaço para desenvolver as atividades, e o tempo dependia muito da disponibilidade dos familiares para as auxiliarem.

Figura 11: Tempos e Espaços



Fonte: Sistematização das autoras

### 6.1.6 Retorno ao presencial

Em tempos de ensino não presencial, foi difícil acostumar-se com os novos métodos de ensino, mas, por outro lado, do mesmo modo foi difícil voltar ao presencial, por medo, insegurança e incertezas, a evidência é que um dia, o retorno aconteceria. Assim, lançamos a seguinte questão: *“Na sua opinião, como você acha que vai acontecer o retorno das crianças quando for presencial? E como está sendo com o sistema híbrido/remoto?”*

**Professora A:** *Na verdade algumas crianças vêm da EMEI, então já tinham ido para escola antes... Ano passado eu tive só dois alunos que não tinham vindo da EMEI no pré I, que não tinham experiência de escola, mas os outros já tinham. Esse ano eu não sei quantos vieram da EMEI, ou se são todos novos..., mas eu vejo pela minha filha e pelos meus alunos que eles estão com muita vontade de voltar e a gente também está! A gente tá com cartaz de porta, identificação de turma, um monte de material guardado, com material não estruturado para fazer joguinho, para fazer brincadeira, pra montar coisas... só que infelizmente né...eu acho que vai ser ótimo se eles puderem retornar. Na verdade, a minha vontade é que voltasse todo mundo, vacinado, todos os alunos e todos os professores para a escola, essa é a minha vontade! Mas eu acho que mesmo o híbrido vai ser muito melhor, porque eles vão poder receber orientação do professor na sala de aula. Eu acho que vai ser totalmente mais proveitoso do que a distância. (Professora A, 17 de março 2021).*

**Professora B:** *Eu acredito que para as crianças que vão retornar para a escola, que já tiveram frequentado, talvez um mês do ano passado vai ser mais tranquilo, agora para crianças que estão ingressando sempre é complicado né, não todas, eu não posso generalizar, tem aquelas que diz tchau mãe, eu vou ficar e tem aquele que se agarra e não quer ficar. Mas assim, eu acho que em relação a tantos cuidados que se deve ter, de tanta orientação, eu acredito que vai ser mais difícil essa adaptação. E aí assim, uma coisa que eu questioneei a direção da escola, tá, e aí, como que eu vou fazer a adaptação dos meus alunos, porque ao entrar na sala eu vou ter que conquistar os meus alunos, eu vou ter que pegar ela pela mãozinha, eu vou ter que pegar no colo, como é que vai ser.... porque assim, ano passado a gente teve um*

*momento de entrega de materiais e me vendo assim eles lembravam da profe, vinha correndo para dar um abraço, e aí eu tinha que perguntar para o responsável: posso?! Posso ou não posso... era tão ruim, porque ao mesmo tempo eu queria sair correndo para abraçar a criança, então né, nem um pai se opôs a isso, porque se eles estavam levando a criança para a escola..., então eu acho que vai ser bem difícil... Em Agudo, a orientação que me deram... os pais assinaram um termo de compromisso, então os pais estão permitindo caso precise pegar no colo, abraçar...mas aí aquela dúvida, né... os pais estão autorizando, mas e o professor está ali porque ele está cumprindo uma ordem, então a gente vai estar se expondo, por mais que a criança não tenha tantos casos, mas e o adulto que trouxe essa criança... então é um momento bem complicado, é angustiante, eu confesso, eu tenho medo, eu tenho receio quanto a isso. Então, assim, vai ser uma adaptação bem complicada, eu costumo dizer assim, ano passado eu já disse isso, estamos fazendo uma desconstrução de tudo o que a gente aprender na Educação Infantil, porque a partir do momento que a criança não pode interagir com a outra criança, não pode socializar, não pode trocar um lápis, não pode trocar o pedacinho da massinha né, eu vou ter na escola cada um no seu espaço, com as suas coisas, não poder tocar no colega, sem poder fazer uma brincadeira de roda, sem poder compartilhar da mesma boneca, então isso sim é complicado, é angustiante, pra mim é uma desconstrução de tudo o que a gente vivenciou até hoje na Educação Infantil. É bem diferente de um Ensino Fundamental ou Médio, que eles já entendem, por mais que é a fase da adolescência, da rebeldia, mas eles sabem que vão ter que entrar, vão ter que sentar, e na Educação Infantil não é assim. Em relação ao horário... vão ser 3 horas da criança na escola e a outra 1 hora é para ser remoto e tem a questão da higienização dos espaços das crianças na escola. (Professora B, 11 de junho 2021).*

**Professora C:** *Eu acho que deve ser devagar sabe, porque vai ter criança que vai chorar... então esse cordão com a família, de estar em casa com a família, no ritmo dele... tem criança que ainda deve estar dormindo nesse horário que a gente está conversando. Então a família vai ter que lidar com isso, vai ter que tirar cedo da cama, então eu acho que isso vai ser complicado, mas eu espero que a criança se adeque... porque assim, eu já tenho uma conversa com eles, um contato, eu converso com eles, eles já conhecem a minha voz, eles veem o meu vídeo, dentro do possível quando ele me retorna a atividade eu tento falar em forma de áudio com ele, pra mim*

*ouvir a voz dele... eu acho que a gente vai conseguir. Também, tudo é difícil né, é dito que a gente volte uma semana e quando tu estás achando que vai seguir assim é parado, tudo muito incerto. Eu acho que a gente precisa [voltar], mas que tu não tenhas uma insegurança. Eu, como trabalho com Educação Infantil, o meu medo é de que alguma criança fique doente comigo aqui né, e aí a indecisão de saber se fui eu, de que forma essa criança adquiriu né, é bem complicado... (Professora C, 28 de abril 2021).*

**Professora D:** *Na minha opinião, assim, o híbrido é uma transição do remoto para o presencial, é um teste para ver como vai ser, até pela questão da segurança e da saúde, se não vai ter um surto e se realmente é seguro as crianças irem para a escola... colocar em prática toda aquela teoria dos protocolos. Então o híbrido é mais ou menos um teste de como vai ser o presencial, mas como não temos uma data definida para começar o presencial, porque até a o momento é o sistema híbrido que está valendo né... E como foi o retorno? Quando os pais souberam que iria começar a maioria assinou o termo de responsabilidade do filho frequentar a escola e assumir qualquer risco, mas agora quando chegou pertinho das aulas iniciarem dia 17, que os surtos começaram a aumentar e os casos de covid, começaram a aumentar tanto a parte dos positivados quanto os óbitos, 30% dos pais vieram na escola e trocaram o termo, do sim para o não. Com medo de que a criança não tivesse segurança dentro da escola e acabasse sendo contaminada lá dentro, levando para a sua família o covid. Então, esses que estão vindo, está sendo bom para o lado do professor porque estamos fazendo uma avaliação diagnóstica e partir da onde está o déficit de aprendizagem do aluno, o que que ele não conseguiu ano passado, o que que ele ainda vai conseguir esse ano, porque assim, todo o trabalho do pré 1 vai ser retomado com o pré 2... a gente vai fazer um trabalho de resgate... Enfim, vai ser um trabalho bem puxado porque devemos ter esse 1 metro de distanciamento também... então, assim, vai ser um trabalho de formiguinha, o aluno vai ter que reaprender o que ele esqueceu ou o que ele estava em processo de aprender, e o professor vai ter que repensar o seu planejamento no nível de pré 2, vamos ter que dar uma retomada, uma regredida no meu planejamento e pegar desde o início, e assim nos Anos Iniciais né, que muitos não foram alfabetizados... então temos que começar desde o início... (Professora D, 25 de maio 2021).*

Em seguida, apresentamos o Quadro 17 com as percepções que destacamos da fala das professoras.

Quadro 17: Retorno ao presencial

<b>RETORNO AO PRESENCIAL</b>	
1. <i>Na sua opinião, como você acha que vai acontecer o retorno das crianças quando for presencial? E como está sendo com o sistema híbrido/remoto?</i>	
<b>Percepções das Professoras</b>	<b>Professoras</b>
Sistema híbrido	D
Vontade de voltar para o presencial	A, B e C
Adaptação/readaptação na escola	B
Desconstrução da Educação Infantil	B
Medo de transmitir o vírus	C

Fonte: Sistematização das autoras

Ensino remoto e presencial, foram expressões muito usadas no decorrer desses anos. O ensino remoto diz respeito a um ensino em que os alunos e os professores não estão no mesmo espaço físico, apenas conectados ao mesmo tempo por uma tela de computador ou celular, durante a pandemia mundial, em caráter emergencial, esse foi um recurso muito utilizado, pois era necessário evitar o contato físico, para evitar a transmissão do vírus e garantir a segurança dos alunos e dos professores. Já o ensino presencial transcorre a partir do contato físico, dentro dos espaços escolares, com uma certa interação.

O **sistema híbrido** é uma união entre o sistema remoto e presencial, ou seja, ele alia os métodos de aprendizagem *online* e presencial. E na opinião da Professora D “...o híbrido é uma transição do remoto para o presencial, é um teste para ver como vai ser, até pela questão da segurança e da saúde, se não vai ter um surto e se realmente é seguro as crianças irem para a escola... “. A fala da professora transparece a preocupação dela com mais uma metodologia nova que se tinha de trabalhar, pois, ao mesmo tempo, era preciso atender aos alunos que optaram por ficar em casa e aos que começaram a ir para a escola, que tinham **vontade de voltar presencial**, como conta a Professora A: “eu acho que vai ser ótimo se eles puderem retornar, na verdade a minha vontade é que voltasse todo mundo, vacinado, todos os

*alunos e todos os professores para a escola...".* A escola dispõe de um espaço estruturado, com materiais que disponibiliza e também materiais que as crianças levam para a escola no início de cada ano. Corroborando Marafiga (2017, p. 45)

No espaço escolar criam-se laços de amizade, de interação e trocas. Nesse ambiente, juntamente com seus colegas e professores é que o sujeito amplia seus conhecimentos e, através da linguagem e da interação social, é que as aprendizagens se constroem.

Tendo em vista que, na Educação Infantil, é de extrema importância essa interação e troca, cabe se atentar que, para que isso se desenvolva, há o período de **adaptação na escola**. Principalmente para os pequenos que nunca frequentaram uma escola, esse início é bem difícil, como diz a Professora B *"... agora para crianças que estão ingressando sempre é complicado né, não todas, eu não posso generalizar..."*. A primeira relação social começa com os familiares e depois acontece com outras pessoas, sejam eles adultos ou crianças. Essa inserção em novos espaços, vivências e rotinas se torna para a criança um desafio, e ela pode levar um tempo para se acostumar. E esta preocupação, em especial num momento tão delicado, sempre foi expressa na fala das professoras

Além disso, destacamos na fala da Professora B a **desconstrução da Educação Infantil**, pois como ela relata: *"...estamos fazendo uma desconstrução de tudo o que a gente aprendeu na Educação Infantil, porque a partir do momento que a criança não pode interagir com a outra criança, não pode socializar..."*. A falta de interação opõe-se à essência da Educação Infantil, proclamada no Art. 4.º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 17)

Consideramos que a Educação Infantil é fruto de uma luta pelos direitos da criança à educação, como consta no Art. 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2009, p. 01):

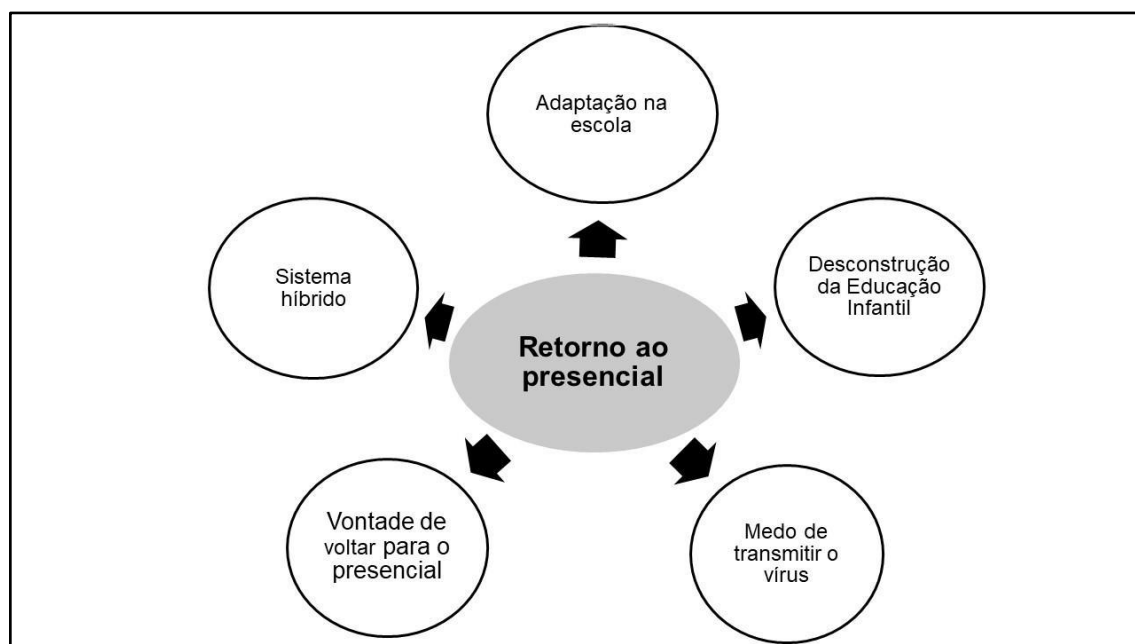
A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou



privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Assim, compreendemos o receio da Professora B em relação ao aspecto tão importante, ao dizer que “...*então isso sim é complicado, é angustiante, pra mim é uma desconstrução de tudo o que a gente vivenciou até hoje na Educação Infantil*”. Porém, se trata de uma realidade que teve que ser vivida, pois o vírus é contagioso. E as professoras, ao mesmo tempo, que gostariam de voltar com as aulas presenciais e rotina normal, o **medo de transmitir o vírus** era grande também, considerando que as crianças pequenas não tinham noção da proporção do contágio. E as professoras sentiam isso, como apresenta em sua fala a Professora C “...*eu, como trabalho com Educação Infantil, o meu medo é de que alguma criança fique doente comigo aqui né, e aí a indecisão de saber se fui eu, de que forma essa criança adquiriu né, é bem complicado...*”. A Figura 12 mostra uma síntese das manifestações das professoras, diante do retorno ao ensino presencial.

Figura 12: Retorno ao presencial



Fonte: Sistematização das autoras

### 6.1.7 Os sentimentos

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados por vários sentimentos, pois foi um ano atípico. Os professores tiveram de reconstruir seus modos de desenvolver sua prática pedagógica e a vida em geral, se adaptar a novas aprendizagens, novos métodos de ensino. Assim, propusemos a seguinte questão: *“Como você está se sentindo como professora de Educação Infantil nesses tempos em que o ensino teve que se modificar tão drasticamente? Quais sentimentos podem expressar a educação em tempos de pandemia?”*

**Professora A:** *Acho que primeiro medo e eu acho que um pouco de frustração, porque quem trabalha na educação sabe que vão ficar lacunas né, desse tempo e que a longo prazo vai refletir... a gente fica angustiada, a gente fica preocupada. Eu, no início, com experiência como pessoa tive mais medo, hoje eu estou mais confiante, hoje eu estou mais serena porque passamos um ano, e meu marido trabalhando no banco da caixa, nos cuidando e nós não tivemos Covid e meu marido tem contato com muitas pessoas.... Então, eu acho que é possível... a gente fez várias formações antes de começar as aulas e muitos protocolos, e algumas coisas acredito que sejam falhas, mas deu certo! As formações que a gente teve com duas professoras de escolas que tiveram o ensino híbrido em Porto Alegre deu certo! Tem a possibilidade de dar certo e medo a gente vai ter sempre, tem que ter coragem e enfrentar! Hoje eu me sinto muito melhor que no início da pandemia em que o perigo era menor, que nós tivemos possibilidades de voltar híbrido e não voltamos. E agora, com bandeira preta<sup>8</sup>, com um número crescente de casos, nós iremos voltar híbrido. (Professora A, 17 de março 2021).*

**Professora B:** *Essa sensação da angústia, do medo, de às vezes eu não estar vivendo... é meus conflitos internos sabe, de não estar vivendo como professora e muito como uma recreacionista, é o desafio... porque pra mim falta muito a questão da interação, o toque, a afetividade, isso falta muito, eu vejo tudo muito frio aquela relação sabe, de não ter as vezes por não ter um retorno da família conforme esperado, mas como eu falei lá no início o ser professor sempre é um desafio e é o desafio que nos move, mas assim, é um desafio gostoso, e assim, em alguns*

---

<sup>8</sup> Quando a capacidade do sistema de saúde é baixa e a propagação do vírus é alta.

*momentos da pandemia ele não foi tão gostoso, é uma sensação estranha, eu ainda não consegui muito bem definir isso, sabe, porque pra mim eu via muito a desconstrução desse retorno, porque me angustia muito mais o trabalhar remoto, e nesse momento o retorno como é que eu vou receber as crianças, que é tão importante. (Professora B, 11 de junho 2021).*

**Professora C:** *Olha, como eu estou voltando para a Educação Infantil e é o meu último ano... sempre tive um pouco de dificuldades em elaborar as atividades para Educação Infantil, diferente dos Anos Iniciais... Educação Infantil eu levo um tempo por serem crianças bem menores, e tu queres trazer uma coisa que agrada, tu queres fazer algo que não seja pesada... por isso o retorno que os pais te dão é de extrema importância, é um sentimento que tu estás indo pelo caminho certo sabe. Mas na Educação sempre estamos em processo de aprendizagem... Como gestora, o sentimento era nunca deixar os meus professores desamparados, ouvir o que eles tinham pra falar pra poder ajudar eles... eu sempre dizia para eles que, por exemplo, em uma guerra, eles sempre estariam na linha de frente. (Professora C, 28 de abril 2021).*

**Professora D:** *O ano passado foi de incerteza e insegurança, porque nós tínhamos dois corações, ao mesmo tempo que queríamos que os alunos aprendessem, aprendessem e aprendessem, e vamos dar muitas atividades... nós percebemos e com conversar com o supervisor da época que não adiantava a gente sobrecarregar os alunos, sobrecarregar os pais com atividades, porque eles tem um outro horário, outra forma de fazer, não tem aquele tempo de 4 horas que tu pode sentar com o aluno e fazer, então tivemos que colocar o pé no freio... então foi assim, um sentimento de incerteza, de insegurança porque a qualquer momento podia voltar e aí tínhamos que pensar em planejamento de acolhimento... (Professora D, 25 de maio 2021).*

Em busca de uma análise, o Quadro 18, apresenta a síntese das percepções relacionadas às falas das professoras.

#### Quadro 18: Sentimentos

SENTIMENTOS
-------------

1. Como você está se sentindo como professora de Educação Infantil nesses tempos em que o ensino teve que se modificar tão drasticamente? Quais sentimentos podem expressar a educação em tempos de pandemia?	
Percepções das Professoras	Professoras
Frustração	A e B
Medo	A e B
Angustia	A e B
Preocupação	A
Dificuldade	C e D
Encontrar o caminho certo	C
Insegurança	D

Fonte: Sistematização das autoras

O ano de 2020 e 2021 foram anos de muitas incertezas e vários sentimentos envolvidos, uma vez que o vírus se proliferava muito rapidamente, causando inúmeras mortes e não se sabia como combatê-lo. Diante do inusitado, as pessoas se sentiam impotentes e amedrontadas.

Diante desse quadro, os profissionais da educação do mesmo modo tinham muitos sentimentos pessoais angustiantes somados à preocupação com a prática pedagógica, com o aprendizado de suas crianças. Tudo era diferente, novo, nova realidade. E isso causava insegurança, muitos se sentiam **frustrados**, com **medo** dos resultados. Não era claro como planejar as atividades, como desenvolvê-las, qual a reação das crianças e das famílias, como atingir os objetivos traçados, como expressa a fala da Professora A “...acho que primeiro medo e eu acho que um pouco de frustração, porque quem trabalha na educação sabe que vão ficar lacunas né, desse tempo e que isso vai a longo prazo vai refletir... a gente fica angustiada, a gente fica preocupada.” Essa fala reitera outras reflexões das professoras em relação à **angústia** e à **preocupação** que elas tinham com seus alunos e a forma que iriam atuar dali em diante.

Como se tratava de um “novo normal”, houve muitas **dificuldades**, e isso fez com as professoras não se sentissem, naqueles momentos como professoras, pois não tinham relação próxima com seus alunos, faltava a interação, o contanto físico, complicando muito todos esse processo, como relata a Professora B: “...é meus conflitos internos sabe, de não estar vivendo como professora e muito como uma recreacionista, é o desafio... porque pra mim falta muito a questão da interação, o toque, a afetividade, isso falta muito, eu vejo tudo muito frio aquela relação sabe, de

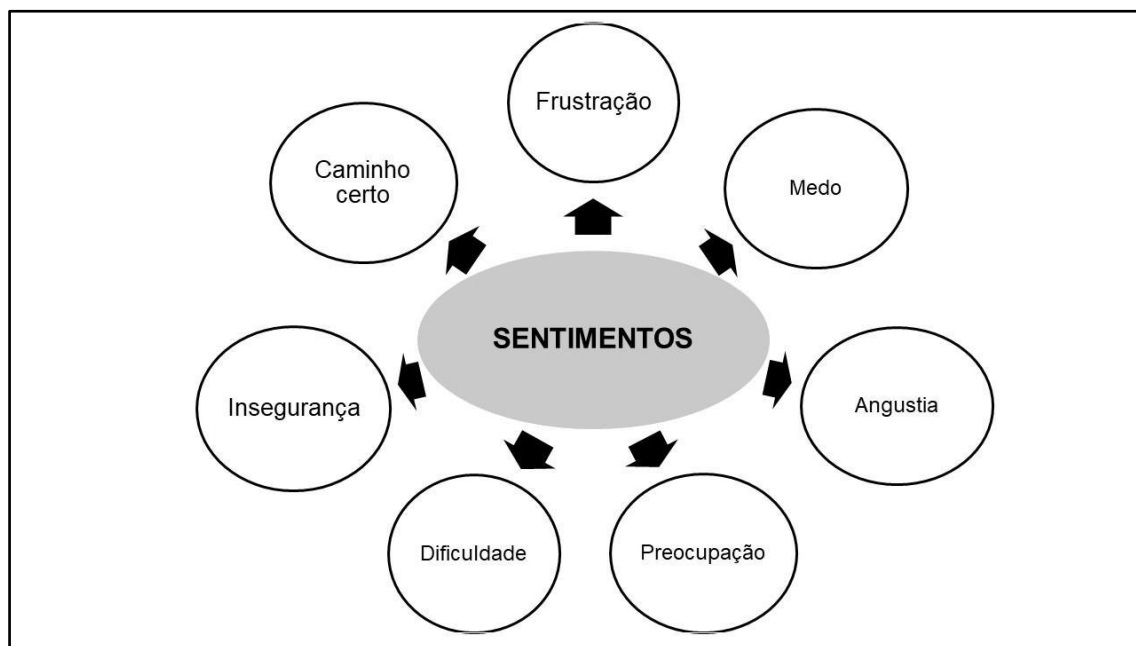
*não ter um retorno da família conforme esperado...”. É na interação que se mobilizam as ações determinantes para a formação do educador e também a aprendizagem dos alunos movida por sentidos pessoais e coletivos. Por isso,*

Sendo a educação um processo coletivo, é no compartilhar que o docente tem a oportunidade de apropriar-se de novos conhecimentos, pois, embora as ações possam ser de cada um daqueles que concretizam uma determinada atividade, a aprendizagem não acontece no que cada um deles faz de forma isolada, mas na interação entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos. Assim, faz-se necessário que as ações sejam desenvolvidas por todos, mas que cada um tenha não só a oportunidade, mas o comprometimento de participar. (LOPES *et al.*, 2016, p.25)

Diante de tudo isso, era preciso contar com as famílias, que elas retornassem as atividades, uma vez que as professoras estavam tentando de tudo para **encontrar o caminho certo**. As famílias eram o meio de comunicação dos professores com os alunos, considerando que as crianças de Educação Infantil precisam do auxílio de um adulto para desenvolver as atividades, “...*por isso o retorno que os pais te dão é de extrema importância, é um sentimento que tu estás indo pelo caminho certo sabe...*”. E para muitos pais, esses tempos também foram de muito aprendizado, porque muitas famílias ou nem sabiam mexer em um celular, ou sabiam fazer o básico, que era navegar em redes sociais.

E a partir desse turbilhão de vivências, as professoras se sentiram muito **inseguras** para desencadear situações de ensino e aprendizagem o que, por vezes, levou-as a se que questionarem sobre o seu papel neste processo, como organizador do espaço educativo. Vigotski (2010, p. 448) diz que “sobre o professor recai um novo papel importante. Cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social, que é o único fator educativo”. Organizar o espaço, atividades e construir interações na Educação Infantil é pensá-lo como um lugar de desenvolvimento. A Figura 13 ilustra a categoria Sentimentos.

Figura 13: Sentimentos



Fonte: Sistematização pelas autoras

As sete categorias constituintes desse capítulo oferecem indicativos de que os professores em situações como essa da pandemia mundial buscavam outros modos de realizar suas atividades, ressignificando a atividade do professor que é ensinar, a qual está diretamente ligada com a atividade do estudante, que é aprender. O estudante, ao se apropriar de conhecimentos, organizados intencionalmente pelo professor, irá apreender a realidade e desenvolver suas funções psicológicas superiores, formalizando estes conceitos históricos.

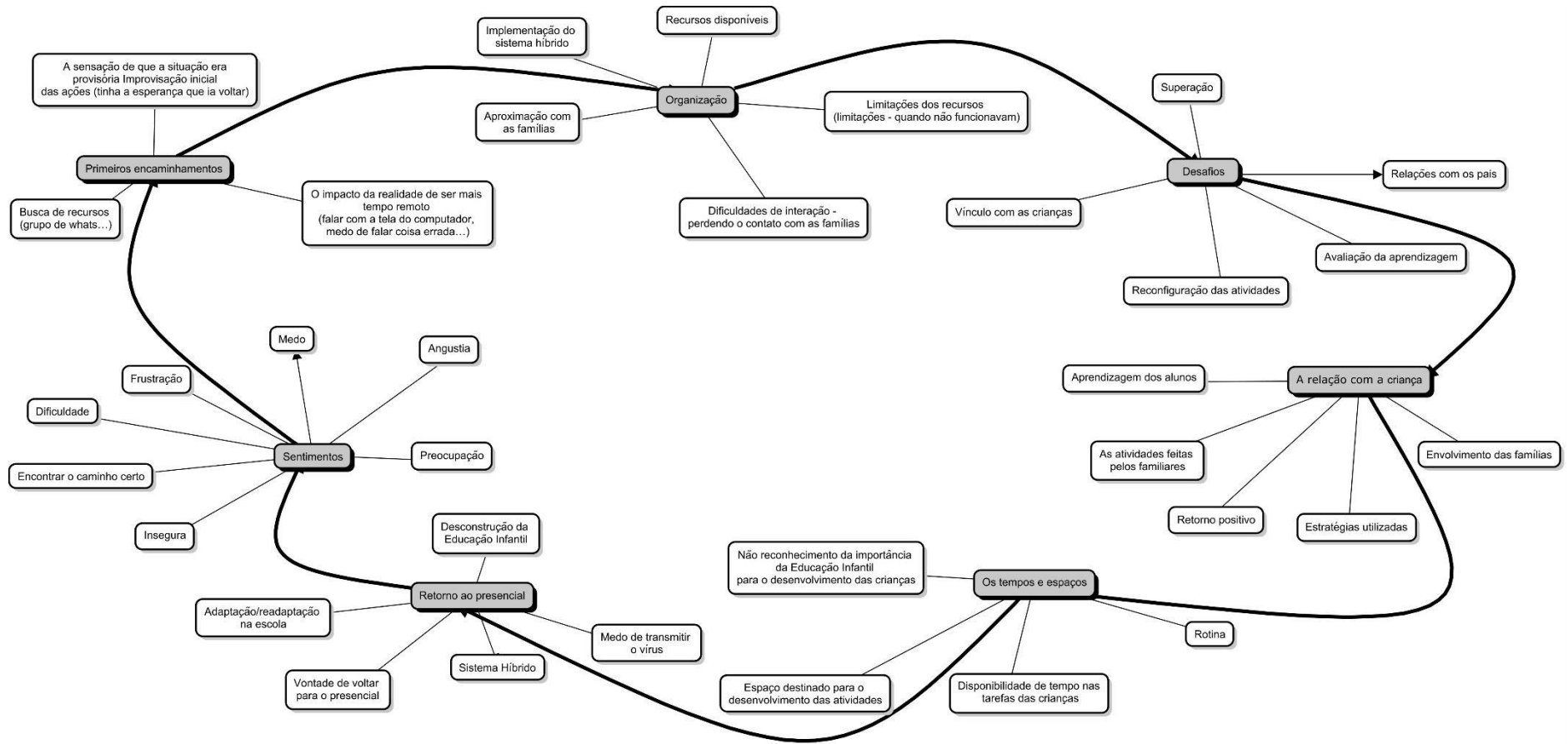
Nesse sentido, é possível compreender o papel fundamental do ensino no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, no decorrer do processo de apropriação pelos estudantes de conceitos impregnados da experiência histórica. (MOURA *et al.*, 2010, p. 91)

Como afirmam Moura *et al.* (2010), organizar o ensino, com a intenção de relacionar a teoria com a prática, é uma atividade do professor. Porém, esses tempos de pandemia dificultaram muito o processo de prática em sala de aula, por todas as circunstâncias neles envolvidas.

A partir da apresentação das categorias, dos relatos das professoras e da análise, elaboramos uma síntese (Figura 14), contemplando o desenho das categorias e seus achados, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento da

análise desta pesquisa. No posterior capítulo final, nos dedicaremos a tecer as conclusões da pesquisa na intenção de amarrar tudo o que até então foi discutido acerca da reorganização do ensino da Educação Infantil no município de Agudo, considerando o contexto da pandemia decorrente da Covid-19.

Figura 14: Síntese do capítulo 6



Fonte: Sistematização das autoras



## 7 SER PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que nenhuma pesquisa sobre um determinado objeto tenha um final definitivo, pois as reflexões seguem, buscando aprimorar o conhecimento, procurar novas fontes, novas ideias. Porém, a partir do caminho trilhado, há de se fazer uma pausa para traçar algumas considerações.

A presente investigação teve como objetivo *compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus Tempos e Espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras*. Para tanto, entrevistamos as professoras para entender esses tempos tão dificilmente vivenciados, cujos reflexos ainda se fazem sentir e, que possivelmente se estenderão por mais algum tempo. Apresentamos a especificidade do município de Agudo, mas possivelmente tudo aqui narrado não foi muito diferente de vários outros locais e, talvez se aproxime da grande maioria dos municípios do nosso país. Para alcançar o objetivo principal da pesquisa, apresentamos as ações investigativas que consideramos importantes para a construção desse trabalho.

A primeira – *Conhecer como a educação do município de Agudo foi se constituindo historicamente* – foi essencial para a pesquisa, pois conhecer como a educação vai se organizando historicamente em tempos passados nos permite compreender a organização atual. As informações advindas das entrevistas, embora refletissem falas diferentes, ao mesmo tempo se aproximavam. E, então, podemos concluir o quanto a educação tem influência da constituição humana. A partir dela, conseguimos nos apropriar da cultura que foi se constituindo ao longo dos tempos, o que nos leva a uma condição de sempre estar em processo de aprendizagem, com base naquilo que vivenciamos e com quem vivenciamos e, dependendo da circunstância, são maiores as exigências para compreender o momento e tomar atitudes, como ocorreu no ano de 2020 em que a educação teve que se reconfigurar. Foi-nos possível conhecer que as primeiras escolas eram organizadas pelos próprios pais e que, com o tempo, a rede pública pôde se expandir, em especial a partir da emancipação do município, sendo que, atualmente, na cidade só existem escolas públicas (municipais e estaduais), uma vez que a última escola privada se transformou recentemente em municipal.

A segunda ação investigativa – *identificar ações desencadeadas pela Secretaria de Educação de Agudo perante a situação da pandemia* – nos permitiu entender o quão difícil foi tentar modificar algo que vinha sendo construído desde os antepassados. Foi um momento marcante na vida dos profissionais de educação, bem como da secretária de educação do município de Agudo, que teve o desafio de orientar a reconfiguração da rede para que o contato dos professores com os estudantes seguissem, e as aulas fossem desenvolvidas. Porém, não foi uma tarefa muito simples, pois a maioria dos professores não estava preparado para tantas modificações, como, por exemplo, dominar a tecnologia que naquele momento se fazia extremamente necessária, ministrar aulas *online*, por plataformas, especialmente para um público da Educação Infantil. Para minimizar tão inusitado período, um dos encaminhamentos foi oferecer cursos de formação para os profissionais se inteirarem dos novos métodos de ensino que vinham surgindo ou sendo adaptados. Também, uma das preocupações da gestão municipal foi orientar os diretores das escolas para conduzirem a importante tarefa de não perder o vínculo com as famílias, uma vez que, a partir das realidades e do contexto dos alunos, novos encaminhamentos iriam acontecer. O relato da secretária destaca, ainda, a importância de os professores estarem abertos a novas transformações na educação, pois aprender novos métodos de ensino faz parte do ser professor, pois ele estará sempre em constante aprendizagem.

Os dados colhidos por meio da última ação investigativa – *Compreender como as professoras de Educação Infantil do município de Agudo percebem a organização do ensino remoto, em momentos de novos Tempos e Espaços* – *mostraram* que foi necessário fazer uma reorganização, buscar novos métodos de desenvolver suas ações. Diante da rapidez de deixar de lado o que se conhecia para se lançar numa ação pedagógica que precisaria ser eficiente para não prejudicar a aprendizagem das crianças, os professores viveram muitos desafios, encontraram muitas dificuldades. Então, para melhor compreender este processo, nos apoiamos em categorias que se aproximassem com esses novos espaços e tempos, vividos pela Educação Infantil.

Os *primeiros encaminhamentos* evidenciaram o impacto vivenciado pelas professoras, que passaram a interagir mais com os familiares das crianças do que com as próprias crianças, lembrando que a Educação Infantil exige interação, contato físico e atividades lúdicas. Mas, neste momento, nada disso aconteceu, pois, as aulas eram ministradas por meio de um computador ou celular.

A *organização* desvelou novos modos de ensinar, ou seja, as aulas foram assíncronas ou síncronas, porém algumas famílias não tinham aparelho celular, computador ou até mesmo internet para acompanhar as ações que eram desenvolvidas. Esse fator foi preponderante para que as professoras acabassem perdendo o contato com muitas famílias, pois elas não podiam mudar a realidade, o que acarretou em muita frustração, afinal, eram muitas crianças, cada uma com sua peculiaridade, como expressaram as suas falas.

Assim, os *desafios* apareceram, mas era necessário superá-los, tentar conscientizar as famílias que, independentemente do contexto que estávamos vivendo, a Educação Infantil é tão importante quanto qualquer outro nível de ensino. Os maiores desafios centraram-se na busca do que entendiam ser o melhor para seus alunos. Estes passaram a ser amenizados, quando perceberam que muitas famílias conseguiram conexão de internet ou ainda aparelhos novos que possibilitassem um melhor contato com as crianças.

A *relação com as crianças* não foi muito eficaz, pois as ações eram enviadas para os grupos de WhatsApp do qual os familiares faziam parte, assim, a interação não acontecia diretamente com a criança. A aprendizagem das crianças também não se mostrou muito satisfatória, pois, muitas vezes, as atividades propostas pelas professoras eram devolvidas, tendo sido feitas ou pelo irmão mais velho, ou pelo pai ou a mãe, dificultando assim o olhar do professor para o aprendizado da criança.

Os *tempos e espaços*, tais quais entendemos relevantes para o desenvolvimento das crianças de Educação Infantil, não foram constituídos, principalmente porque a maioria das crianças não tinha a rotina que a escola proporciona, a qual é fundamental para o seu desenvolvimento. Inclusive os espaços destinados a elas se modificaram e eram muito diferentes daqueles das escolas, pensados para contemplar suas características e especificidades para alavancar seu desenvolvimento juntamente com seus colegas, prejudicando, assim, o processo de aprendizagem. Cabe reiterar que tempos e espaços bem organizados favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

O *retorno ao presencial* mostrou uma grande sensação de medo e insegurança que as famílias tinham, mas, mesmo assim, era necessário para o desenvolvimento das crianças como seres humanos. Quando uma criança não pode interagir com outra destitui-se uma das premissas mais importantes da constituição humana: o aprender por meio da interação com o outro.

Assim, a partir das vivências, os *sentimentos* foram muitos, pois se tratava de um vírus contagiante que podia levar à morte. E as experiências vivenciadas por gestores, professores e alunos eram todas novas, e tudo que é novo no começo transmite medo, preocupação, insegurança, entre outros sentimentos.

Retomando os aspectos apontados sobre a Educação Infantil pelas pesquisas trazidas no segundo capítulo dessa dissertação, em relação ao período de ensino remoto, as falas das professoras nos permitem fazer algumas inferências:

- o respeito ao tempo e ao espaço das brincadeiras podem se suceder em vários lugares: o isolamento social levou a uma nova organização dos tempos e dos espaços das crianças que não era mais a escola. Em sendo assim, não foi possível identificar como as brincadeiras que realizavam neste novo contexto possibilitaram o seu desenvolvimento;
- as necessidades diferenciadas das crianças: apesar dos esforços das professoras, o não envolvimento de todas as crianças, bem como a falta de interação, que raramente aconteceu mesmo de forma virtual, impediu que cada uma delas fosse atendida, de acordo com suas individualidades, uma vez que as tarefas eram organizadas, mas nem sempre chegavam até elas;
- a importância de pensar o tempo e espaço como unidade: as condições decorrentes da pandemia fizeram com que as escolas perdessem o controle dos tempos e dos espaços, os quais acabaram ficando a cargo da família;
- as diferenças entre os tempos e espaços da Educação Infantil e dos anos iniciais: as professoras em sua organização do ensino sempre tentaram preservar as especificidades da Educação Infantil;
- o respeito à liberdade da criança em seus tempos e espaços: as professoras tinham sempre a intencionalidade de atender ao período a que os seus alunos se encontravam – a Educação Infantil – e organizar ações que preservavam sua liberdade, embora nem sempre tivessem retorno que lhes permitissem ter certeza do encaminhamento;
- o tempo tem relação com a rotina e cotidiano escolar e permeia todas as atividades da escola: as professoras perceberam que na modalidade remota a família não conseguiu preservar uma rotina para as crianças;
- tempos e espaços bem-organizados podem contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças: embora algumas professoras tivessem conseguido

desenvolver processos de avaliação, a percepção da aprendizagem e o desenvolvimento foram muito comprometidos pelas condições objetivas do contexto.

Por fim, entendemos que o período das aulas não presenciais reforçou a importância da escola como o espaço especial para aprender, revelando que nenhum trabalho remoto substitui a relação presencial e, principalmente, a interação social. Isso corrobora a Teoria Histórico-Cultural em especial as ideias de Vigotski (1896 – 1934): o sujeito se desenvolve a partir da interação com outros sujeitos do meio em que está inserido, e por meio dessa relação se apropria de sua cultura e se humaniza.

Destacamos e concluímos dessa experiência a significância de nós, professores, estarmos em formação constante, para que tenhamos a oportunidade de realizar estudos de ações que desenvolvemos em sala de aula. Ser professora é enfrentar um desafio diário, e, muitas vezes, podem acontecer imprevistos. E aí o trabalho pedagógico pode e necessita ser reestruturado, respeitando, sempre, a liberdade da criança em seus tempos e espaços. Como essas reestruturações foram difíceis para nós, adultos, para as crianças foram ainda mais, por não compreender tão bem os tempos difíceis que passamos. E a intenção de investigarmos tais aspectos não foi apontar o que não estava bom ou ruim, mas conhecer como se deu todo o processo para poder pensar nas possibilidades de superá-los

Para a construção desta pesquisa, se fez relevante compreender a partir dos relatos dos entrevistados cada fase vivenciada por eles. As experiências da Laci em seu processo de escolarização; da Zeni e do Bruno como professores do município de Agudo, até os dias de hoje; das quatro professoras e da então Secretária de Educação. Percebemos claramente as modificações, os desafios e as inúmeras vivências partilhadas para escrever esta dissertação. Entendemos a docência como uma metamorfose, em que o professor vai se transformando a cada mudança sucedida. Essas reestruturações mostram o poder da educação e dos profissionais que nela trabalham, pois, em meio a tantos impossíveis, as ações de aprendizagem se fizeram possíveis, demonstrando o compromisso de cada um dos agentes responsáveis por ela.

Por fim, tal qual colocamos no início, este estudo não se esgota aqui. Fazem-se necessárias mais pesquisas que possibilitem compreender melhor os percalços que a Educação precisou superar, neste momento ímpar da humanidade, a pandemia decorrente da Covid-19.

## REFERÊNCIAS

BRUXEL, Maria Helena Kopp. *Agudo Meu Torrão Amigo*. Santa Maria: Editora Pallotti, 1984. (atualizado em 1992 por Leani Dania Schumacher Hopp, 3. ed.).

CASTRO, Fabiana Goncalves Dias de. **O atendimento às crianças de três anos nas escolas da rede municipal de ensino de Juiz de Fora: um desafio à gestão da qualidade na educação infantil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

DIAS, Edilamar Borges. **Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: outro espaço, outras experiências? O que dizem as crianças?** 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Formação de Professores. Programa de Pós-Graduação em Educação.: Universidade da Região de Joinville, 2014.

FIORENTINI, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino de Matemática no Brasil. *Zetetiké*, Campinas, n.4, 1995. p.1-37

FURTADO, Thamirys Frigo. **Espaços e tempos coletivos de leitura literária na Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis (SC)**.151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Instituição de Ensino) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016;.

GUTTMANN, Mônica. **Armando e o tempo**. São Paulo: Paulus, 2004.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter O. (Org.). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEONTIEV, Alexei N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LIMA, Fabiane Florido de Souza. **“9/5”**: Tempo(s) e Espaço(s) na Educação da Pequena Infância numa Escola Pública do Município de Niterói, 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Formação de Professores. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

LOPES, Anemari Roesler Luersen Vieira. **Aprendizagem da docência em matemática: o Clube de Matemática como espaço de formação inicial de professores**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

Ministério da Educação. **Portaria N.º 544, de 16 de junho de 2020**. Brasília: Diário Oficial da União, Ministério da Educação/ Gabinete do Ministro, publicado em 17 de

junho de 2020. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>> Acessado em dezembro de 2020.

MONTEIRO, Clara Medeiros Veiga Ramires. **O brincar do ponto de vista das crianças**: uma análise das dissertações e teses do Portal Capes (2007 a 2012). 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de (Org.). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Loyola, 2017. p.71-99.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de A atividade de ensino como unidade formadora. **Bolema**, Rio Claro, São Paulo, ano II, n. 12, p. 29-43, 1996.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de Matemática na Infância. *In*: MIGUEIS, M.; AZEVEDO, M. G. **Educação Matemática na Infância**. Vila Nova de Gaia: Gailivros, 2007.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. (Coord.). **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília: Líber, 2010

NASCIMENTO, Debora Silva do. **Tempos e espaços do brincar no contexto da educação infantil: a voz das crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação) - , Universidade do Estado do Pará, 2015.

**Obras escogidas**. Madrid: Visor Dist., 1991. Tomo I.

PEREIRA, Joana Lopes. **Construindo trajetórias de trabalho na educação infantil: perspectivas de professores(as) de música da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre Joana Lopes Pereira Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015..

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil, v. 6, n. 19, sep./dic., 2006. p. 37-5.

SCHIRMMER, G. J.; SILVA, R. D.; BECKER S. I.; *Agudo Meu Torrão Amigo...* Santa Maria: Editora Pallotti, 2014.

SOUZA, Gislene Cabral de. **Educação Infantil e relações de gênero: o que se inscreve nos corpos infantis?** Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.

VYGOTSKY. LEV S. **Obras escogidas** V. Madrid: Centro de Publicaciones Del MEC y Visor Distribuciones, 1997

VYGOTSKY. LEV S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor Dist., 1991. Tomo I.

VYGOTSKY. LEV S. **Obras escogidas**. Tradução: José Maria Bravo. Moscou: Editorial Pedagógica, 1982. Tomo II.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

#### Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa “Aprender a ser professor em tempos de pandemia”, cujo o objetivo “*Compreender a reorganização do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Agudo (RS), em seus tempos e espaços, considerando o contexto da pandemia no ano de 2020, a partir das percepções das professoras*” como colaborador e sujeito de pesquisa. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local e data:

---

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

---

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Agudo/RS \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2020.

---

Pesquisadora responsável  
Luana Giuliani Losekann  
Lopes

---

Orientadora da pesquisa  
Anemari Roesler Luersen Vieira

**APÊNDICE B – ENTREVISTA BRUNO****História da educação do município de Agudo**

Professor aposentado de matemática Bruno

**História de vida:**

1. Qual o seu nome?
2. Qual sua formação?
3. Como você gostaria de ser mencionado (a) na pesquisa? Escolha um nome fictício.
4. Quanto tempo trabalhou na Educação Básica? Qual escola? Qual sua experiência?
5. Quanto tempo trabalhou na secretaria de educação?

**História do município:**

6. Como eram as escolas antigamente? Quantas tinham no município de Agudo?
7. A (s) escola (as) em compostas por quantos alunos mais ou menos?
8. Quais eram os desafios encontrados pelos professores na organização do ensino de antigamente? A escola dava suporte?
9. Como era a forma de educar as crianças antigamente?
10. Considerando o atual contexto em que estamos vivendo, você já tinha vivenciado isso antes? Ou algo parecido?

**Remoto x presencial:**

11. Na sua opinião seria possível um retorno presencial sem a vacina do COVID 19? Em caso afirmativo, como seria? Em caso negativo, por que não?

**APÊNDICE C – ENTREVISTA LACI****História da educação do município de Agudo**

Entrevistada: Laci

**História de vida:**

1. Qual o seu nome?
2. Idade?
3. Você reside em Agudo desde quando?
4. Qual sua profissão?
5. Como você gostaria de ser mencionado (a) na pesquisa? Escolha um nome fictício.

**História do município:**

6. Você estudou em quais escolas de Agudo?
7. Naquela época era mais que um professor por turma? Quantos professores você tinha?
8. Como eram as escolas antigamente? Quantas tinham no município de Agudo? Você lembra?
9. Naquela época tinha Educação Infantil? (jardim de infância)
10. A (s) escola (as) em compostas por quantos alunos mais ou menos?
11. Como era os professores da época?
12. Como era a forma de aprender os conteúdos?

**Pandemia:**

13. Considerando o atual contexto em que estamos vivendo. Você já tinha vivenciado isso antes? Ou algo parecido?

**APÊNDICE D – ENTREVISTA PROFESSORA****História da educação do município de Agudo**

Professora aposentada

**História de vida:**

1. Qual o seu nome?
2. Qual sua formação?
3. Como você gostaria de ser mencionado (a) na pesquisa? Escolha um nome fictício.
4. Quanto tempo trabalhou na Educação Básica? Qual escola? Qual sua experiência?
5. Quanto tempo trabalhou na secretaria de educação?

**História do município:**

6. Como eram as escolas antigamente? Quantas tinham no município de Agudo?
7. A (s) escola (as) em compostas por quantos alunos mais ou menos?
8. Quais eram os desafios encontrados pelos professores na organização do ensino de antigamente? A escola dava suporte?
9. Como era a forma de educar as crianças antigamente?
10. Considerando o atual contexto em que estamos vivendo..você já tinha vivenciado isso antes? Ou algo parecido?

**Remoto x presencial:**

11. Na sua opinião seria possível um retorno presencial sem a vacina do COVID 19? Em caso afirmativo, como seria? Em caso negativo, por que não?

**APÊNDICE E – ENTREVISTA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO KIKA****Transformação da Educação do Município de Agudo em tempos de pandemia**

1. Qual o seu nome?
2. Como você gostaria de ser mencionada na pesquisa? Escolha um nome fictício.
3. Qual sua formação?
4. Há quanto tempo trabalha na Educação Básica e qual a sua experiência (professora de que, em quais escolas)?
5. Há quanto tempo trabalha na Secretaria de Educação?
6. De modo geral como é a organização da educação de agudo? Quantas escolas tem (se tem escolas no interior...)
7. Quais foram os encaminhamentos da administração municipal quando iniciou a pandemia (de um modo geral)?
8. Como foi reorganizar a educação e quais foram os encaminhamentos para as escolas (gestão e professores)?
9. Quais os desafios encontrados na reconfiguração da educação do Município de Agudo em meio a pandemia?
10. Quais são os encaminhamentos das ações remotas para as professoras de Educação Infantil (como elas estão se organizando)?
11. É possível um retorno presencial sem a vacina do COVID 19? Na sua visão, como seria?
12. Como você está se sentindo como gestora de um sistema educacional nesses tempos em que o ensino teve que se modificar tão drasticamente? Quais sentimentos podem expressar a educação em tempos de pandemia?

## APÊNDICE – ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

### Os primeiros encaminhamentos:

1. Quais foram os encaminhamentos iniciais na escola quando as aulas presenciais foram suspensas?

### A organização:

2. Como foram realizadas as ações remotas para a Educação Infantil? Por aplicativos? Aulas assíncronas ou síncronas? Disponibilização de materiais nas escolas?
3. E como está sendo organizada nos dias de hoje com o sistema híbrido? Ou remoto?

### Os desafios:

4. Quais foram/são os desafios encontrados na reorganização do ensino? Você se sentiu apoiada, segura nos procedimentos adotados?

### A relação com a criança:

5. Como é/foi o retorno das ações desenvolvidas pelas crianças? Os pais ajudam/ajudavam e enviam/enviavam as atividades?
6. Você percebe se as crianças estão conseguindo aprender ou se desenvolver nessa nova modalidade de ensino não presencial?

### Os tempos e os espaços

7. No ensino presencial, nas escolas, as crianças da educação infantil têm uma rotina com tempos organizados para as atividades, respeitando suas individualidades. No período de ensino remoto, você acha que as crianças modificaram muito esses tempos? Será que conseguiram se reorganizar de forma semelhante ao que acontecia na escola? Mantiveram uma rotina?
8. No ensino presencial, as escolas de educação infantil têm espaços organizados para as atividades com as crianças. No período de ensino remoto, você acha que elas conseguiram adaptar os espaços das casas de forma a assemelhar-se aos das escolas?
9. Como você viu o envolvimento dos pais no período de ensino remoto com a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus filhos?

### Remoto x presencial:

10. Na sua opinião, como você acha que vai acontecer o retorno das crianças quando for presencial? E como está sendo com o sistema híbrido/remoto?

### Os sentimentos:

11. Como você está se sentindo como professora de educação infantil nesses tempos em que o ensino teve que se modificar tão drasticamente? Quais sentimentos podem expressar a educação em tempos de pandemia?